

INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES

**ANÁLISE GEOPOLÍTICA E
GEOESTRATÉGICA DA UCRÂNIA**

Coordenadores:

TCOR Leonel José Mendes Martins

TCOR António Luís Beja Eugénio

Centro de Investigação de Segurança e Defesa

Junho de 2015

Os **Cadernos do IESM** têm como principal objetivo divulgar os resultados da investigação desenvolvida no/sob a égide IESM, autonomamente ou em parcerias, que não tenha dimensão para ser publicada em livro. A sua publicação não tem uma periodicidade definida. Contudo, deverão ser publicados, pelo menos, seis números anualmente. Os temas devem estar em consonância com as linhas de investigação prioritárias do CISDI. Devem ser publicados em papel e eletronicamente no sítio do IESM. Consideram-se como objeto de publicação pelos Cadernos do IESM:

- Trabalhos de investigação dos investigadores do CISDI ou de outros investigadores nacionais ou estrangeiros que se enquadrem no âmbito das Ciências Militares, da Segurança e Defesa Nacional e Internacional;
- Trabalhos de investigação individual ou de grupo de reconhecida qualidade, efetuados pelos discentes, em particular pelos auditores do Curso de Promoção a Oficial General (CPOG) e pelos alunos do Curso de Estado-Maior Conjunto (CEMC), que tenham sido indicados para publicação;
- *Papers*, ensaios e artigos de reflexão produzidos pelos docentes;
- Comunicações de investigadores do CISDI efetuadas em eventos científicos (e.g., seminários, conferências, *workshops*, painéis, mesas redondas), de âmbito nacional ou internacional, em Portugal ou no estrangeiro.

N.^{os} Publicados:

- 1 - Comportamento Humano em Contexto Militar
Subsídio para um Referencial de Competências destinado ao Exercício da Liderança no Contexto das Forças Armadas Portuguesas: Utilização de um “Projeto STAfS” para a configuração do constructo
Coronel Lúcio Agostinho Barreiros dos Santos
- 2 - Entre a República e a Grande Guerra:
Breves abordagens às instituições militares portuguesas
Coordenador: MAJ INF Carlos Afonso
- 3 - A Abertura da Rota do Ártico - (Northern Passage)
Implicações políticas, diplomáticas e comerciais
Coronel Eduardo Manuel Braga da Cruz Mendes Ferrão
- 4 - O Conflito da Síria: as Dinâmicas de Globalização, Diplomacia e Segurança
(Comunicações no Âmbito da Conferência Final do I Curso de Pós Graduação e, Globalização Diplomacia e Segurança)
Coordenadores: Tenente Coronel Rui Vieira
Professora Doutora Teresa Rodrigues
- 5 - Os Novos Desafios de Segurança do Norte de África
Coronel Tirocinado de Cavalaria Francisco Xavier Ferreira de Sousa
- 6 - Liderança Estratégica e Pensamento Estratégico. Competências Nucleares
Capitão-de-mar-e-guerra Valentim José Pires Antunes Rodrigues

Diretor

Tenente-General Rui Manuel Xavier Fernandes Matias

Editor-chefe

Major-General Jorge Filipe Marques Moniz Côrte-Real Andrade

Coordenador Editorial

Coronel Tirocinado Lúcio Agostinho Barreiros dos Santos

Núcleo Editorial e Design Gráfico

Capitão-de-mar-e-guerra Carlos Albertos dos Santos Madureira

Tenente-Coronel Nuno Manuel Antunes Pires

Propriedade

Instituto de Estudos Superiores Militares

Rua de Pedrouços, 1449-027 Lisboa

Tel.: 213 002 100

Fax.: 213 002 179

E-mail: cisdi@iesm.pt

www.iesm.pt/cisdi/publicacoes

Pré-Impressão e Distribuição

Fronteira do Caos Editores

Rua Diogo Cão, 1242 r/c Esq

4200-259 Porto

Tel.: 225 205 005

E-mail: fronteiradocaos@netcabo.pt

www.frenteiradocaoseditores.pt

ISBN 978-989-99171-8-7

ISSN 2183-2129

Depósito Legal

Tiragem 100 exemplares

© Instituto de Estudos Superiores Militares, 2015

ÍNDICE DE ASSUNTOS

RESUMO	1
ABSTRACT	2
INTRODUÇÃO	3
ENQUADRAMENTO HISTÓRICO	5
QUADRO GEOPOLÍTICO DE REFERÊNCIA	7
CENÁRIO ESTRATÉGICO BÁSICO	13
1. Estados	14
a. Pólos do poder relevante	14
b. Os aliados dos polos do poder	15
(1) Aliados americanos	15
(2) Aliados russos	17
c. Os espetadores interessados	19
2. Atores Supraestatais	20
a. Organizações Intergovernamentais	20
(1) ONU	20
(2) OMC	21
(3) FMI	22
(4) OSCE	22
(5) OTAN	24
(6) EU	25
(7) OTSC	26
(8) CEI	27
(9) UEE	27
(10) OCX	28
b. Organizações Informais	29
(1) V4	29
(2) G-8	29
(3) G-20	30
(4) BRICS	30
c. Organizações Transnacionais	31
(1) Amnistia Internacional	31
(2) Cruz Vermelha Internacional	31
3. Atores Internos	32
ANÁLISE DOS FATORES	35
1. Fator Físico	35
a. Posição	35
b. Extensão	39
c. Configuração	40
d. Ambiente natural	43

(1) Relevo	43
(2) Hidrografia	45
(3) Solo e vegetação	50
(4) Clima	52
2. Fator Humano	55
a. Introdução	55
b. Demografia	55
c. Densidade Populacional	56
d. Estrutura Etária e crescimento populacional	56
e. Esperança média de vida e idades médias	58
f. Escolaridade e trabalho infantil	58
g. Etnografia	58
h. Religião	61
3. Fator Recursos	62
a. Indústria	62
b. Agricultura	63
c. Transporte de Petróleo e Gás	64
d. Perfil comercial	64
4. Fator Circulação	64
a. Comunicações de transporte internas	64
b. Sistema rodoviário	67
c. Sistema ferroviário	68
d. Sistema marítimo	69
e. Sistema aéreo	69
f. Sistemas de comunicação de transporte no contexto europeu	70
g. Comunicações de relação	74
5. Fator Histórico	75
6. Fator Científico-tecnológico	82
7. Fator Político-administrativo	87
a. Presidente da Ucrânia	87
b. Governo da Ucrânia	88
c. Parlamento da Ucrânia	92
d. Poder Judicial	97
e. Organização administrativa interna	97
f. Análise	98
8. Fator Económico	99
a. Mercado de trabalho e demográfico	100
b. Dados económicos	100
9. Fator Sociocultural	101
a. Desenvolvimento Social	102
(1) Diversidade regional e política	103
(2) Liberdade de Imprensa	103
(3) Educação	104
(4) Minorias étnicas	104
b. Problemas Sociais	104
(1) Saúde	105
(2) Emprego	105
(3) Emigração	105
(4) Tráfico humano	106
(5) Tráfico de estupefacientes	106
(6) Crime Organizado	106
(7) Crime Financeiro	107

(8) Tráfico de armas	107
(9) Segurança Rodoviária	108
10. Fator Militar	108
a. Forças Armadas	108
b. Exército	111
(1) Doutrina das Operações Terrestres	111
(2) Organização do Exército Ucraniano	112
c. Marinha	122
d. Força Aérea	128
CONCLUSÕES	135
a. Significado geopolítico	135
b. Fatores de coesão e dissociação	137
c. Potencialidades	138
d. Vulnerabilidades	140
e. Cenários de Evolução	141
f. Considerações Finais	142
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	143

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – O Xadrez Eurasiático	9
Figura 2 – Assimetrias Eurasiáticas	28
Figura 3 – Divisão do globo por continentes	36
Figura 4 – Localização da Ucrânia	36
Figura 5 – Países contíguos à Ucrânia	37
Figura 6 – Países contíguos à Ucrânia	38
Figura 7 – Países com linha de costa com o Mar Negro	39
Figura 8 – Configuração do território ucraniano	41
Figura 9 – Estreito de Kerch	42
Figura 10 – Projeto alemão de Hitler para o Estreito de Kerch	43
Figura 11 – Relevo da Ucrânia	44
Figura 12 – Relevo da Crimeia	45
Figura 13 – Principais rios ucranianos	46
Figura 14 – Compartimentação da Ucrânia em termos de orografia	46
Figura 15 – Bacia hidrográfica do Dniepre	47
Figura 16 – Percurso do Danúbio	48
Figura 17 – Bacia hidrográfica do Don	49
Figura 18 – Principais reservatórios de água ucranianos	49
Figura 19 – Principais reservatórios de água ucranianos	51
Figura 20 – Uso do solo na Ucrânia	51
Figura 21 – Caracterização macro do espaço ucraniano em termos geográficos	52
Figura 22 – Temperatura média no território ucraniano, por regiões e por estações do ano	53
Figura 23 – Precipitação média em território ucraniano, por regiões e por estações do ano	54
Figura 24 – Perfil tipo de precipitação e temperatura na região de Kiev	54
Figura 25 – Pirâmide etária da Ucrânia em 2014	57
Figura 26 – Situação demográfica na Ucrânia, por região, em 2008-2009	57
Figura 27 – População da Ucrânia por grupo étnico	59
Figura 28 – Grupos linguísticos da Ucrânia	60
Figura 29 – Distribuição geográfica das principais vias de transporte em território ucraniano	65
Figura 30 – Perfil do transporte de passageiros em 2011, por meio de transporte	66
Figura 31 – Perfil do transporte de mercadorias em 2011, por meio de transporte	66

Figura 32 – Distribuição geográfica de autoestradas em território ucraniano	67
Figura 33 – Distribuição, por tipo, das vias rodoviárias da Ucrânia	67
Figura 34 – Rede ferroviária da Ucrânia	68
Figura 35 – Portos de mar da Ucrânia	69
Figura 36 – Principais aeroportos da Ucrânia	70
Figura 37 – Corredor de transporte Pan-Europeu III	71
Figura 38 – Corredor de transporte Pan-Europeu V	71
Figura 39 – Corredor de transporte Pan-Europeu VII	72
Figura 40 – Corredor de transporte Pan-Europeu IX	73
Figura 41 – Corredor de transporte Gdansk-Odessa	74
Figura 42 – Localização das centrais nucleares ucranianas	82
Figura 43 – Produção de energia elétrica	83
Figura 44 – Cargas dos reatores nucleares	83
Figura 45 – Reatores nucleares em operação na Ucrânia	85
Figura 46 – Planeamento de instalação de novos reatores nucleares na Ucrânia	86
Figura 47 – Taxa de participação nas eleições legislativas de 26 de outubro de 2014	95
Figura 48 – Resultados finais da votação proporcional para o Verkhovna Rada em 26 de outubro de 2014	96
Figura 49 – Partidos vencedores das eleições legislativas de 26 de outubro de 2014 por região	96
Figura 50 – Comandos territoriais	112
Figura 51 – Organização do Exército da Ucrânia	113
Figura 52 – VI CE	113
Figura 53 – 92ª Brigada Mecanizada	114
Figura 54 – 93ª Brigada Mecanizada	114
Figura 55 – 25ª Brigada Aerotransportada	115
Figura 56 – 79ª Brigada Aeromóvel	115
Figura 57 – 17ª Brigada Blindada	116
Figura 58 – VII CE	116
Figura 59 – 30ª Brigada Mecanizada	117
Figura 60 – 72ª Brigada Mecanizada	117
Figura 61 – 95ª Brigada Aeromóvel	118
Figura 62 – XIII CE	118
Figura 63 – 24ª Brigada Mecanizada	119
Figura 64 – 51ª Brigada Mecanizada	119
Figura 65 – 128ª Brigada Mecanizada	120
Figura 66 – Distribuição territorial das brigadas	121
Figura 67 – Movimento de tropas na Crimeia	124

Figura 68 – Comandos Aéreos	129
Figura 69 – Bases Aéreas da Ucrânia	130

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

2GM	Segunda Guerra Mundial
BENELUX	Bélgica, Holanda e Luxemburgo
BRIC	Brasil, Rússia, Índia e China
C4	Comando, controlo, comunicações e computadores
CEI	Comunidade de Estados Independentes
CFE	<i>Conventional Forces in Europe</i>
CIA	<i>Central Intelligence Agency</i>
CSNU	Conselho de Segurança das Nações Unidas
EUA	Estados Unidos da América
FATF	<i>Financial Action Task Force</i>
FAU	Forças Armadas da Ucrânia
FMI	Fundo Monetário Internacional
G-8	Estados Unidos, Alemanha, Canadá, França, Itália, Japão, Reino Unido, e a Rússia
G-20	África do Sul, Argentina, Brasil, México, Canadá, Estados Unidos, China, Japão, Coreia do Sul, Índia, Indonésia, Arábia Saudita, Turquia, Alemanha, França, Itália, Rússia, Reino Unido, Austrália, e União Europeia
GUAM	Geórgia, Ucrânia, Azerbaijão e Moldávia
HIV	<i>Human Immunodeficiency Virus</i>
IESM	Instituto de Estudos Superiores Militares
ISAF	<i>International Security Assistance Force</i>
KFOR	<i>Kosovo Force</i>
KIPT	<i>Kharkiv Institute of Physics and Technology</i>
MANPADS	<i>Man-portable Air Defense System</i>
MONUSCO	<i>United Nations Organization Stabilization Mission in the Democratic Republic of the Congo</i>
NATO	<i>North Atlantic Treaty Organization</i>
OCX	Organização para a Cooperação de Xangai
OMC	Organização Mundial do Comércio
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
OUN-B	<i>Organization of Ukrainian Nationalists-Bandera</i>
OSCE	Organização para a Segurança e Cooperação na Europa
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
OTSC	Organização do Tratado de Segurança Coletiva
PCU	Partido Comunista da Ucrânia

PIB	Produto Interno Bruto
RSSU	República Socialista Soviética da Ucrânia
SIDA	Síndrome de Imunodeficiência Adquirida
STU	Supremo Tribunal da Ucrânia
UDAR	Aliança Democrática para as Reformas da Ucrânia
UE	União Europeia
UEE	União Económica Eurasiática
UNISFA	<i>United Nations Interim Security Force for Abyei</i>
UNMIK	<i>United Nations Interim Administration Mission in Kosovo</i>
UNMIL	<i>United Nations Mission in Liberia</i>
UNMISS	<i>United Nations Mission in the Republic of South Sudan</i>
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
V4	Grupo de Visegrado
VVER	<i>Water-Water Energetic Reactor (Vodo-Vodyanoi Energetichesky Reaktor)</i>
WAP	<i>Wireless Application Protocol</i>

Colaboraram neste trabalho:

TCOR Leonel José Mendes Martins
Tenente Coronel de Engenharia
Docente da Área de Ensino Específico
do Exército
Investigador do CISDI
Lisboa, Portugal
martins.ljm@gmail.com

TCOR António Luís Beja Eugénio
Tenente Coronel Navegador
Docente da Área de Ensino de Estratégia
Investigador do CISDI
Lisboa, Portugal
albeugenio@yahoo.com

COR António Manuel Gomes Moldão
Coronel Piloto Aviador
Docente da Área de Ensino de Operações
Investigador do CISDI
Lisboa, Portugal
ammoldao@gmail.com

TCOR Fernando Pereira Leitão
Tenente-coronel Piloto Aviador
Docente da Área de Ensino Específico
da Força Aérea
Investigador do CISDI
Alcochete, Portugal
leitao.fp@iesm.pt

**CTEN Paulo Jorge de Carvalho Alonso
Lindo**
Capitão-tenente
Docente da Área de Ensino Específico
de Marinha
Investigador do CISDI
Lisboa, Portugal
paulo.jcal@gmail.com

**MAJ Adalberto José Guerreiro da Silva
Centenico**
Major de Engenharia
Docente da Área de Ensino de Estratégia
Investigador do CISDI
Lisboa, Portugal
centenico.ajgs@iesm.pt

**MAJ Carlos Filipe Nunes Lobão Dias
Afonso**
Major de Infantaria
Docente de História Militar
Investigador do CISDI
Torres Novas, Portugal
carloafonso@yahoo.com

MAJ Paulo Jorge Rainha
Major de Administração Militar
Docente da Área de Ensino de
Administração
Investigador do CISDI
Porto, Portugal
rainha.pj@iesm.pt

ANÁLISE GEOPOLÍTICA E GEOESTRATÉGICA DA UCRÂNIA

Resumo

A Ucrânia é o segundo país com maior dimensão territorial na Europa, pelo que pode ser considerado de grande dimensão espacial, tendo uma área total de 603.000 Km² (Crimeia incluída). A população da Ucrânia, residente, contabiliza-se em cerca de 45 milhões. Dois terços da população ucraniana vivem em áreas urbanas, sendo que três cidades têm mais de um milhão de habitantes (Kiev, a capital, Kharkiv e Odessa). A Ucrânia faz fronteira com sete Estados, a saber: Rússia, Bielorrússia, Polónia, Eslováquia, Hungria, Roménia e Moldávia. Ressaltam a Rússia e os países vizinhos da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e União Europeia. A Ucrânia integra o programa da Parceria Para a Paz da OTAN desde 1997. A cooperação entre a OTAN e a Ucrânia foi reforçada depois da intervenção russa de 2014, através do envio de conselheiros a Kiev, que ajudam as autoridades ucranianas a reformar as forças armadas, no sentido do país reforçar as suas capacidades de defesa própria. A Ucrânia é um dos países prioritários na Política de Vizinhança da União Europeia, um instrumento das relações exteriores desta organização. A iniciativa data de 2004, depois da adesão de dez novos países e pretende evitar a criação de novas fronteiras no espaço europeu. É dirigida especialmente ao leste e ao sul da Europa. Mas, é a Ucrânia que pode dar à Rússia a sua característica, em termos geográficos, de país euroasiático. Sem uma ascendência sobre a Ucrânia, a Rússia passa a ser iminentemente um Estado de orientação asiática, o que não impedirá as suas históricas ambições imperiais. A principal potencialidade do território ucraniano, em termos geopolíticos, parece então centrar-se no importante papel que desempenha face às ambições russas de continuar a lutar por ser uma potência intercontinental, com tudo o que tal característica geográfica lhe poderá trazer ao nível dos outros fatores geopolíticos. Outros aspetos tornam a localização ucraniana relevante em termos estratégicos, dos quais se destaca a dominância que o seu território tem sobre o Mar Negro, extensão natural das ambições dos Estados ribeirinhos. A Ucrânia, do ponto de

vista geoestratégico e geopolítico, funciona como um Estado tampão entre duas entidades geopolíticas adversas: o mundo ocidental e a Rússia, pretensamente emergente.

Palavras-chave: Ucrânia; geopolítica da Ucrânia; Europa de leste; espaço eurasiático.

Abstract

The Ukraine is the second largest country in Europe having a total area of 603,000 sqm (Crimea included). The population of Ukraine is around 45 million. Two-thirds of the Ukrainian population lives in urban areas, and the three main cities have more than one million inhabitants (Kiev, the capital, Kharkiv and Odessa). The Ukraine shares borders with seven States, namely: Russia, Belarus, Poland, Slovakia, Hungary, Romania and Moldova. The Ukraine is part of the Partnership for Peace (PfP) program of NATO since 1997. The cooperation between NATO and Ukraine has been strengthened after Russian intervention of 2014, by sending advisers to Kiev, which help the Ukrainian authorities to reform the armed forces. The Ukraine is one of the priority countries in the Neighbourhood Policy of the European Union, an instrument of the Foreign Affairs of this organization. The initiative dates back to 2004, after the accession of ten new countries and wishes to avoid creating new borders in Europe. This policy is addressed especially to the East and South of Europe. The main potential of Ukrainian territory, in geopolitical terms, seems to focus on the important role it plays with regard to Russian ambitions to maintain as an intercontinental power. Other aspects make the Ukrainian strategic location relevant like its dominance on the Black Sea, natural extension of the ambitions of the riparian States. The Ukraine, under geostrategic and geopolitical point of view, works as a buffer state between two adverse geopolitical entities: the Western world and Russia.

Keywords: Ukraine; geopolitics of Ukraine; Eastern Europe; Eurasian space.

INTRODUÇÃO

A Ucrânia é o maior país com território exclusivamente europeu. Pela posição de charneira que ocupa entre dois polos do poder regional eurasiático, pela ausência de fronteiras naturais e pela sua história marcada por sistemáticas incursões externas representa um caso de estudo único no âmbito da Geopolítica. Outros fatores como os seus recursos naturais, a sua população heterogénea, o seu sistema político insipiente porque imaturo, o estado desastroso da sua economia aliadas às suas limitações do ponto de vista da segurança e defesa poderão conjugar-se de tal modo que levem a uma alteração da estrutura do poder regional com implicações na segurança global, o que transforma este estudo geopolítico numa necessidade mais do que uma atualidade.

A Geopolítica, enquanto ciência que relaciona a política com o espaço, oferece uma explicação para a ocorrência de fenómenos no âmbito das tentativas de obter e ou exercer poder com especial enfoque nas características geográficas dos territórios. Assim, será nossa intenção aplicar o método geopolítico ensinado no Instituto de Estudos Superiores Militares (IESM), baseado no estudo do potencial estratégico, de modo a tirar ilações quanto à fenomenologia da disputa do poder que se verifica no território ucraniano. Representa, acima de tudo, um exercício académico que julgamos ser totalmente original.

Na primeira parte apresentar-se-á o quadro geopolítico de referência que permita identificar a distribuição geográfica das relações de poder no objeto de estudo e dos interesses em jogo; na segunda parte estabelecer-se-á o cenário estratégico base que inclui a identificação dos atores e interesses estratégicos presentes, a valorização dos diferentes fatores em causa e a indicação das tendências de evolução. A terceira parte, que é a mais extensa pelo número de detalhes incluídos, analisa cada um dos dez fatores relevantes: fator físico, fator humano, fator recursos, fator circulação, fator histórico, fator científico-tecnológico, fator político-administrativo, fator económico, fator sociocultural, e fator militar. Os primeiros quatro fatores são de ordem geográfica e como tal mais estáveis. O fator histórico apresenta-se como acelerador ou frenador das alterações em curso. O fator científico-tecnológico está intimamente relacionado com a economia e com o potencial do país, mas será tratado de modo isolado. Os restantes fatores são de ordem estrutural e pretendem estudar o modo como a

sociedade está organizada nesse espaço. No final desta parte será apresentada uma súmula recapitulativa que permita a identificação das vulnerabilidades e das potencialidades. Por fim, serão apresentadas as conclusões gerais que possibilitem um posterior levantamento de cenários de evolução.

ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

A Ucrânia saltou para as manchetes noticiosas em fevereiro de 2014, quando o presidente eleito havia quatro anos foi afastado do poder por um movimento com origem nas manifestações populares conhecidas como *Euromaidan*. Este movimento contestou a opção política do presidente Yanukovich que em novembro de 2013 decidiu não assinar o pacto de associação económica com a União Europeia, favorecendo uma aliança mais intensa com a Rússia. Esta tensão entre o Ocidente e o Leste, não sendo nova, desencadeou uma série de acontecimentos que conduziram à anexação da Crimeia pela Rússia e a um conflito armado na região do leste da Ucrânia que levaram a uma profunda revisão das condições de segurança em todo o continente europeu. A afirmação de uma identidade ucraniana independente no seio da comunidade de Estados eslavos não está, para já, a ser pacífica e pode ser explicada pela forma como a Ucrânia obteve a sua independência num quando de decomposição da União Soviética, sem que para tal estivesse preparada, aliada aos interesses revisionistas da Rússia atual e aos interesses europeus e norte-americanos em estender o mais possível para leste a sua zona de influência. A nação ucraniana dotada de soberania recente e em estado embrionário encontra-se numa encruzilhada histórica: ou se reúne ao concerto dos povos da Europa Ocidental ou permanece umbilicalmente ligada ao povo russo, seguindo a sua tradição multissecular. Do ponto de vista geoestratégico e geopolítico, a explicação poderá estar na circunstância que identifica a Ucrânia como um Estado tampão entre duas entidades geopolíticas adversas: o mundo ocidental e a Rússia pretensamente emergente.

Por outro lado, a intervenção russa na Ucrânia a partir de março de 2014 não deixou nenhum dos seus vizinhos indiferentes. À medida que o ocidente, colhido de surpresa pela audácia russa, reage para isolar a Rússia, especialmente depois da Cimeira de Newport (País de Gales) da OTAN, esta tenta escapar ao cerco procurando alianças com a China, com o Irão e até mesmo com a Turquia. Estas alterações poderão conduzir a uma alteração radical da estrutura do poder mundial. O desenlace da crise ucraniana assume-se assim como um teste à capacidade da Rússia para alterar a estrutura de poder regional com possíveis consequências globais.

QUADRO GEOPOLÍTICO DE REFERÊNCIA

O fim da Guerra Fria deu origem a uma ordem unipolar (Krauthammer, 2002, pp. 5-17) a nível mundial, com os Estados Unidos da América (EUA) na liderança de um conjunto de aliados a que é costume chamar o “Ocidente” e que inclui, além do Canadá e dos países da Europa Ocidental, o Japão, a Coreia do Sul, a Austrália e a Nova Zelândia. Como seria de prever, a posição hegemónica dos EUA não deixou de ser contestada. O repto típico da primeira década do séc. XXI teve origem em agentes não estatais, como foi o caso da Al Qaeda e outros grupos que alimentaram guerras de subversão em diversos locais onde existiam interesses americanos. O enorme custo dessas lutas prolongadas e a emergência da China como uma potência regional fez com que os americanos se inclinassem para a Ásia e para o Pacífico, retraindo do Afeganistão e do Iraque e aliviando a sua presença na Europa. O ano de 2014 fica marcado pela reavaliação do comprometimento europeu dos americanos, com particular ênfase no leste do continente e no Báltico, onde é mais evidente a tentativa da Rússia desafiar os EUA e os seus aliados europeus de modo a perseguir uma ordem multipolar de expressão global, uma vez que a expulsão dos americanos da Europa parece impossível no futuro imediato, mas que não deixa de ser desejada em Moscovo com os sucessivos apelos para uma Europa unida de Lisboa a Vladivostoque.

A Europa de Leste voltou a ocupar uma posição de relevo geopolítico e geoestratégico com o fim da Guerra Fria, depois de ter estado décadas sob domínio soviético. Desaparecida a cortina de ferro, colocou-se de imediato a questão da fronteira leste da Europa que passaria a delimitar os espaços de influência ocidental e da Federação Russa, herdeira do legado geopolítico da extinta União das Repúblicas Soviéticas Socialistas (URSS). O ano de 2007 foi marcante: com a plena adesão da Bulgária e da Roménia à União Europeia completou-se a integração de todos os países que antes compunham o Pacto de Varsóvia, para além da União Soviética, no sistema político ocidental, incluindo, também, o estatuto de membro da OTAN. Mesmo antigas repúblicas soviéticas como a Estónia, a Letónia e a Lituânia passaram a pertencer ao anterior bloco inimigo desde 2004.

Apesar da pausa entre 1988 e 1991 nas intervenções russo-soviéticas na periferia dos seus domínios, que levou a que se afirmasse que a Rússia utilizou menos forças para prevenir a extinção do Pacto de Varsóvia e da

União Soviética do que aquelas que utilizou em sítios remotos como Angola e Afeganistão (Bennett, 1999), no ano seguinte, 1992, a Rússia começou a esboçar a resposta à hecatombe comunista. O tratado que instituiu a Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC) foi assinado em 15 de maio de 1992, na sequência da fundação no ano anterior da Comunidade de Estados Independentes (CEI), sucessora da URSS. Desde então, a Rússia tem procurado exercer a sua influência no espaço antes administrado pela URSS, atraindo para a sua órbita a Bielorrússia no leste europeu e outros países do Cáucaso e da Ásia Central, através de um conjunto de organizações internacionais como a União Económica Eurasiática que tentam espelhar as suas semelhanças do lado ocidental.

Se houve países do leste europeu que passaram claramente para o lado ocidental e outros que foram atraídos para o lado russo, houve ainda outros que permaneceram num estado de indecisão e cujo futuro político não é, para já, evidente. Neste caso estão a Geórgia, a Moldávia e, por maioria de razões, a Ucrânia, cujas aproximações às instituições ocidentais são entendidas como uma séria ameaça à própria Rússia.

Brzezinski (1997), tecendo considerações sobre a atualidade dos fundamentos da Geopolítica para os interesses americanos referiu que a Eurásia representa o prémio principal para os EUA. A gestão das questões eurasiáticas é assumidamente crítica, uma vez que a retirada americana ou a emergência de uma única potência que dominasse o espaço de Lisboa a Vladivostoque lideraria seguramente o mundo, pois o continente é o maior de todos, onde habita cerca de 75% da população mundial, contém duas das três economias mais dinâmicas e produtivas do mundo, representa 60% da riqueza mundial e dispõe de três quartos das reservas energéticas mundiais (Brzezinski, 1997). Segundo o autor, a Eurásia representa o grande tabuleiro do xadrez onde se joga a primazia mundial. Os jogadores principais desse jogo podem ser encontrados em quatro regiões desse espaço: o centro, o oeste, o leste e o sul.

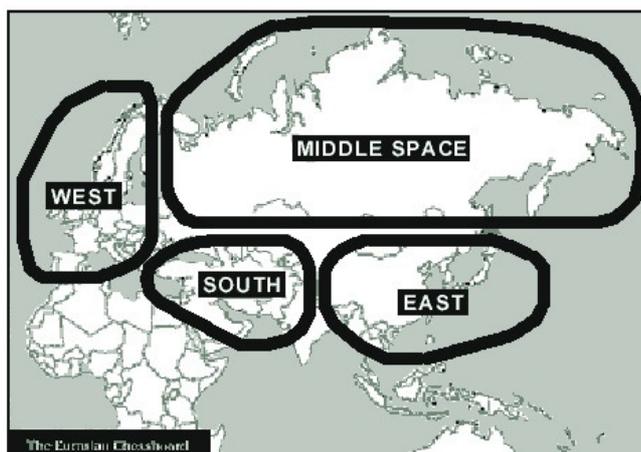


Figura 1 – O Xadrez Eurasiático

Fonte: Brzezinski (1997, p. 34).

Os EUA só estão presentes e influenciam a política do flanco oeste do continente pela sua ligação aos assuntos da Europa Ocidental. A presença americana a leste é garantida pontualmente na Coreia do Sul e num Estado insular, o Japão, enquanto o sul desse espaço não é passível de ser dominado por uma única potência. A Rússia ocupa o centro e pretende afirmar-se como a principal potência do continente. Portanto, uma expulsão americana da Europa significaria irremediavelmente o fim da primazia americana no mundo.

Brzezinski (1997) afirma que a questão geopolítica principal não é saber que parte da Eurásia é a base para o domínio do continente, mas sim a de equacionar a liderança mundial com o domínio ou influência em toda a Eurásia. Não sendo uma potência eurasiática, os EUA devem, então, desenvolver uma geoestratégia (gestão estratégica dos interesses geopolíticos) que permita manter a região fragmentada do ponto de vista político através da identificação dos principais atores que poderão alterar os equilíbrios em cada uma das sub-regiões. O autor identifica cinco Estados que são os atores geoestratégicos ativos, segundo os critérios de capacidade e vontade de projetar poder para além das suas fronteiras de modo a alterar o *status quo* geopolítico. São eles a Alemanha, a China, a França, a Índia e a Rússia. Perante estes, os EUA devem estar atentos. Depois, identifica cinco pivôs geopolíticos que derivam a sua importância não do seu poder mas sim da sua localização delicada e das consequências da sua condição vulnerável para o comportamento dos atores geoestratégicos ativos, nomeadamente na cedência de acesso a determinadas áreas ou na negação

de alguns recursos. Estão nestas circunstâncias os seguintes países: Azerbaijão, Coreia do Sul, Irão, Turquia e Ucrânia. Para Brzezinski (1997), a identificação e proteção destes pivôs é um assunto crucial da geoestratégia americana no pós Guerra Fria.

A propósito da Ucrânia, Brzezinski (1997) refere que a sua categoria de pivô geopolítico deriva do seu potencial, enquanto país independente, de poder transformar a Rússia. Sem a Ucrânia, a Rússia deixa de ser um império eurasiático. Sem a Ucrânia, a Rússia pode continuar a perseguir o estatuto imperial, mas será predominantemente um império asiático. Poderá ser arrastado para lutas debilitantes com outros atores na Ásia Central que se ressentirão da perda de independência recentemente adquirida e tenderão a ser apoiados pelos Estados islâmicos mais a sul. A China também se oporá a qualquer restauração de domínio russo na Ásia Central, atendendo ao seu crescente interesse nos novos Estados independentes da região. Contudo, se Moscovo voltar a ganhar o controlo sobre a Ucrânia, com os seus 53 milhões de habitantes (à data da publicação da obra), detendo abundantes recursos e com acesso ao Mar Negro, a Rússia volta a deter os meios para se transformar num Estado imperial abrangendo a Europa e a Ásia. A perda da independência da Ucrânia teria consequências imediatas na Europa Central, transformando a Polónia no pivô geopolítico da fronteira leste de uma Europa unida.

As recomendações do autor para a geoestratégia dos EUA incluem a gestão consequente dos Estados geoestrategicamente dinâmicos e o tratamento cuidadoso dos Estados geoestrategicamente catalíticos de modo a perseguir a preservação do estatuto de potência global no futuro próximo e a transformação desses Estados inseridos num modelo de crescente cooperação institucionalizada num horizonte temporal de longo prazo. De uma maneira crua, Brzezinski defende uma geoestratégia imperial para os EUA através de três imperativos: prevenir o conluio entre vasallos e manter a sua dependência em matérias de segurança, conservar os tributários maleáveis e protegidos, e preservar a desunião entre bárbaros.

Contrastando com o entendimento soviético sobre a Geopolítica, que era vista como uma ciência burguesa (Karaganov, 2013), a Rússia recuperou os seus pressupostos para reclamar para si uma postura de fiel da balança entre os EUA e a China. A nova doutrina, designada neo-eurasianismo, foi desenvolvida a partir do renascimento das teses do nacional bolchevismo de final Séc. XIX. Defende-se um reforço do Estado russo e um alargamento da sua área de influência independente do Ocidente e da China. Com a sua implementação, a Rússia pretende reparar aquilo que o seu presidente considerou como a maior tragédia geopolítica

do Século XX: o colapso da União Soviética (Putin, 2005). Para alcançar esse desiderato, o enfoque principal está no “estrangeiro próximo”, o antigo espaço soviético fora da Rússia, conceptualizado como uma esfera de influência de Moscovo.

Da análise anterior resulta a importância geoestratégica da Ucrânia que é aliás, reforçada por outros autores, nomeadamente Buzan e Wæver (2003) no âmbito da sua teorização sobre complexos regionais de segurança. O modelo triangular de minoria secessionista/Estado/Rússia que tem sido observado no período pós-soviético na esfera de influência russa parece, mais uma vez, estar a operar na Ucrânia. A Rússia apresenta-se como mediadora e facilitadora de um conflito com base identitária que coloca em causa a independência de uma antiga república soviética, exigindo como contrapartida que o novo Estado se junte às organizações internacionais de inspiração russa.

Do ponto de vista do potencial, a Ucrânia tem todos os atributos para alcançar o estatuto de uma média potência. No entanto, um exame mais crítico, como o que se segue, destaca a dificuldade de um espaço disputado por dois polos de poder em se afirmar como zona de amortecimento do qual resulta a imagem de um grande corpo doente em que se transformou a Ucrânia contemporânea.

Na área definida como Sul da Eurásia encontram-se mais três pivôs geopolíticos: Azerbaijão, Irão e Turquia. É nesta área que se situa também o único aliado russo com acesso direto ao Mediterrâneo: a Síria. A influência russa no Irão é conhecida. Recentemente, a Rússia estabeleceu um acordo com a Turquia para servir de alternativa à distribuição de gás prevista para o projeto de gasoduto *Southstream* entretanto cancelado, revelando uma aproximação entre os dois países. Por outro lado, a Rússia melhorou significativamente as suas relações com o Azerbaijão com a mediação do conflito do Nagorno-Karabakh, ainda que o espectro de uma nova guerra subsista. Assim, esta área também deve ser analisada sob a perspectiva de um ressurgimento da Rússia, podendo os acontecimentos aí verificados terem consequências na Ucrânia.

CENÁRIO ESTRATÉGICO BÁSICO

Uma análise geopolítica atual terá de levar em conta os Estados, enquanto atores principais das relações de poder à escala mundial, os atores supraestatais, como as organizações internacionais e transnacionais, bem como outras entidades não estatais que têm influência no jogo do poder numa determinada zona do globo terrestre.

Assim, os Estados com interesse no cenário estratégico da Ucrânia podem dividir-se em três categorias: os polos do poder relevante; os aliados de cada um; e os espetadores interessados. O desafio da ordem unipolar na Europa está a ser liderado pela Rússia. Portanto, podemos falar, pelo menos no âmbito regional europeu, numa ordem manifestamente bipolar, sendo os seus atores principais os EUA e a Rússia. Cada uma destas potências tem um conjunto de aliados, que no caso dos EUA são os países membros da OTAN, a que se podem juntar a Austrália e o Japão. No caso russo, podem ser contados como aliados os países membros da OTSC (Arménia, Bielorrússia, Cazaquistão, Quirguistão e Tadjiquistão), a Síria e o Vietname. Os espetadores interessados incluem as potências que poderão tirar partido da situação, os países que se sentem ameaçados pela postura expansionista russa ou que estão numa situação idêntica à da Ucrânia. Nesta última situação podemos incluir a China, o Irão, a Finlândia, a Suécia, a Moldávia e a Geórgia.

A ordem internacional emergente a seguir à 2ª Guerra Mundial (2GM) fez destacar a importância das organizações internacionais e transnacionais. Todos os países pertencem a alguma organização com estas características. Detentoras de autonomias e mandatos próprios, por vezes à margem de alguns membros, devem ser levadas em conta numa análise geopolítica. Neste caso, salientam-se as seguintes Organizações Internacionais: Organização das Nações Unidas (ONU), Organização Mundial do Comércio (OMC), OTAN, OTSC, União Europeia (EU), União Económica Eurasiática (UEE), Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE), Organização para a Cooperação de Xangai (OCX), Comunidade de Estados Independentes (CEI), Fundo Monetário Internacional (FMI). Para além das organizações formais internacionais, devem ser consideradas, também, as organizações informais, como o Grupo de Visegrado (V4), G-8, G-20, os BRIC e as transnacionais como a Amnistia Internacional, a Cruz Vermelha Internacional, entre outras.

Para um melhor entendimento das dinâmicas internas da Ucrânia, ou seja, dos verdadeiros protagonistas da contenda, são vários os atores que devem ser considerados: oligarcas, partidos políticos ucranianos, milícias pró-ucranianas, milícias pró-russas e grupos de pressão religiosa.

1. Estados

a. Polos do poder relevante

Passadas duas décadas e meia do desmantelamento do Muro de Berlim, EUA e Rússia continuam a disputar o poder na Europa. Depois de algumas iniciativas de cooperação entre americanos e russos, a crise da Ucrânia marcou o fim do período de desanuviamento, assinalada por uma ofensiva militar russa (ainda que mascarada) a um país soberano, contraposta por sanções ocidentais e um reforço das medidas defensivas.

Os EUA lideram o Ocidente e querem evitar o surgimento de uma potência rival na Europa e ou na Ásia. A política americana envolve um conjunto sofisticado de instrumentos, tendo sido reafirmado em final de maio de 2014, no discurso do Presidente Barack Obama na Academia Militar de West Point, o princípio da intervenção militar unilateral apenas no caso dos interesses fundamentais americanos estarem em causa. Isso envolve a proteção do povo americano, o território e o seu modo de vida. Nos casos em que não há ameaça direta aos interesses americanos serão utilizados outros mecanismos, como a diplomacia e desenvolvimento, sanções e isolamento, apelos ao direito internacional e se for considerada justa, a ação militar multilateral. O caso ucraniano situa-se exatamente neste escalão de intervenção indireta, procurando moldar a situação “sem haver disparos de tiros americanos”.

A Rússia segue o padrão de intervenção na sua esfera de influência, como tem sido típico desde a 2GM, com a mencionada exceção dos anos de 1988 a 1991. Desde 1992, com a intervenção na Moldávia, onde foi criada uma república separatista, a Transnístria, governada, de facto, por russos, que a Rússia tenta inverter a derrocada provocada pelo colapso do regime comunista. A existência de imensa população de origem russa nas antigas repúblicas soviéticas representa um forte apelo para a intervenção, especialmente devido à crise demográfica russa. Assim, depois da Moldávia, Geórgia e Tadjiquistão, nos anos 90, das duas guerras da Chechénia e da Guerra da Geórgia de 2008, a Rússia interveio militarmente na Ucrânia em 2014, anexando a Crimeia e apoiando as operações militares separatistas no leste do país. Esta intervenção armada foi precipitada pela perceção na esfera de decisão mais alta que a Ucrânia poderia juntar-se definitivamente ao Ocidente, através da assinatura do Pacto de Associação Económica com a

União Europeia e da eventual adesão à OTAN, negada pelo presidente Yanukovych mas assumida pelo governo provisório entretanto no poder. A utilização do instrumento militar foi o último recurso, uma vez que todos os outros usados até então pela Rússia não impediram a tomada do poder por forças pró-ocidentais. Além da pressão política exercida pelo Partido das Regiões, desde que foi criado em 1997 por cidadãos ucranianos de etnia ou simpatia russa e com forte implantação no Vale do Rio Don (Donbass), a Rússia utilizou a energia e uma forte campanha de informação como armas para tentar mudar o curso dos acontecimentos em Kiev. A imagem que Moscovo tem da Ucrânia é demonstrada com a frase atribuída a Putin que alegadamente terá dito ao presidente americano George Bush, durante a Cimeira da OTAN em Bucareste, em abril de 2008: “Você não compreende, George, que a Ucrânia nem sequer é um Estado. O que é a Ucrânia? Parte do seu território está na Europa de Leste, mas a maior parte foi uma oferta nossa” (Marson, 2009).

b. Os aliados dos polos do poder

Se bem que os aliados possam ser agregados em torno das potências, nem todos têm a mesma visão dos acontecimentos. Será, pois, de esperar posicionamentos distintos quanto à questão ucraniana. Isso é evidente nos aliados americanos e nos aliados russos.

(1) Aliados americanos

A maior parte dos aliados americanos reúne-se sob o estatuto de Estado membro da OTAN. Porém, há muitas diferenças entre os países que integram a aliança. Desde logo, existem os que sentem a pressão direta dos russos e que defendem um maior intervencionismo americano e aliado. Estão nesta situação a Polónia e os Países Bálticos, uma vez que têm fronteiras com a Rússia, existem minorias russas nos seus territórios e porque tem havido um crescendo de retórica quanto às possibilidades ofensivas russas, bem ilustradas pelo estacionamento de mísseis Iskander (designação OTAN, SS-26 Stone), com um alcance de 500 Km, no enclave russo de Kaliningrado.

Depois, podemos identificar as potências europeias, como a Alemanha, o Reino Unido, a França e a Itália. Estes países, à sua maneira, tendem a ser mais comedidos no posicionamento anti russo. A Rússia representa 10% de todas as exportações da Alemanha que, por seu lado, importa um terço de todo o gás que consome desse país. No Reino Unido vive uma parte importante da elite russa na diáspora e onde são investidas largas somas. A França tinha em marcha um projeto de exportação de navios de

apoio às operações anfíbias que reforçaria o poderio russo para incursões a partir do mar, o que se revelaria particularmente adequado ao cenário do Mar Negro e os nacionalistas da Frente Nacional são considerados aliados de Putin. A Itália importa da Rússia 90% de todo o gás que consome.

Há outros países membros da OTAN que viram a sua posição ganhar importância como o caso da Romênia que acolherá uma base essencial para a defesa antimíssil da aliança, que tem uma fronteira de quase 700 Km com a Moldávia e mais de 500 Km com a Ucrânia e onde se encontra o maior porto do Mar Negro, Constança.

Por seu turno a Bulgária, o país mais pobre da União Europeia, mergulhou numa crise política causada pelo debate em torno da construção do gasoduto *Southstream*, que atravessaria o Mar Negro e distribuiria o gás russo pelos Balcãs, servindo de alternativa ao trajeto através da Ucrânia. Sob pressão de Bruxelas, Sófia não teve outra alternativa senão parar as obras de construção do projeto, o que terá sido a causa do seu abandono total, anunciado no início de dezembro por Vladimir Putin numa visita à Turquia, país este que servirá de alternativa à distribuição de gás prevista para o *Southstream*. A Bulgária, não tendo a importância estratégica da Ucrânia, enquanto pivô, é um país a ter em atenção uma vez que os alinhamentos internos poderão recuperar ideias do passado sobre relações privilegiadas com Moscovo.

Outro dos países que estará numa situação hesitante é a Hungria do primeiro-ministro Viktor Orban, visto como um aliado de Putin e que também apoiou a construção do gasoduto, entre outras medidas polémicas. O mesmo poderá ser dito quanto às simpatias do presidente da República Checa, Milos Zeman, que tem defendido o levantamento das sanções à Rússia. A Hungria e a República Checa integram o Grupo de Visegrado em conjunto com a Eslováquia e a Polónia. As relações de cada país com a Rússia têm tornado o grupo inoperante, com especial destaque para a falta de um posicionamento comum face à crise ucraniana, para além de uma declaração dos ministros dos negócios estrangeiros defendendo a integridade territorial da Ucrânia. Mais do que uma questão de oportunismo político, releva, antes de mais, a natureza fraturante que a questão russa tem na Europa Central.

Os outros países membros da OTAN têm seguido a crise ucraniana com algum distanciamento, a não ser em alturas de acontecimentos dramáticos, como o caso do abate do Boeing 777 da *Malaysia Airlines*. Nessa ocasião, a Holanda mostrou-se chocada com os acontecimentos e a filha de Putin teve de deixar o país, onde residia.

Para os países ibéricos, a crise ucraniana é vista como uma deslocação das atenções aliadas para o centro e leste da Europa, em detrimento do flanco sul. Demonstram a sua solidariedade com a defesa aliada através da participação na defesa do espaço aéreo báltico, mas a sua preocupação são as alterações de segurança na fronteira sul.

Para além dos aliados europeus, os EUA contam ainda com o Canadá, a Austrália, o Japão e a Coreia do Sul. O Canadá tem disputas com a Rússia no Ártico, apoia a modernização das forças armadas ucranianas e declarou sanções à Rússia. A Austrália esteve em evidência na recente Cimeira do G-20, em que Putin ouviu as críticas do anfitrião australiano, levando ao seu abandono prematuro. O Japão pretende resolver diplomaticamente um diferendo com a Rússia a propósito das Ilhas Curilas e precisa da energia russa. Depois de um esfriamento das relações, e da imposição de sanções, as negociações foram retomadas e há planos para uma visita de Putin ao Japão durante o ano de 2015. A Coreia do Sul está interessada na reunificação da península coreana e quer contar com o apoio da Rússia para esse efeito. Mantendo-se dependente dos EUA para efeitos de defesa, mantém-se, no entanto, independente na sua política internacional.

(2) Aliados russos

De todos os aliados russos, o mais próximo é, sem dúvida, a Bielorrússia. Em 1999, os dois países estabeleceram uma união que é apontada como com o caso mais exemplar do revivalismo soviético. Apesar da comunhão de interesses genéricos, o presidente bielorrusso Alexander Lukashenko criticou a anexação da Crimeia, afirmando que se trata de um mau precedente, mas reconheceu a situação como um facto consumado. Outras disputas a propósito das sanções que a Rússia declarou aos alimentos europeus e que passaram para o mercado russo como sendo bielorrussas demonstram que existem algumas divergências entre os responsáveis políticos.

A Arménia é um aliado chave da Rússia para manter influência no Cáucaso. Por outro lado, a Rússia é o fornecedor de segurança da Arménia. Uma base aérea russa em Yerevan e uma unidade militar em Gyumri, a segunda cidade armena, sevem de acomodação a cerca de 5.000 militares russos. Apesar disso, o diferendo do Nagorno-Karabakh provocou dissensões com o Cazaquistão a propósito do acesso da Arménia à União Europeia. Este alinhamento com Moscovo em detrimento de Bruxelas foi confirmado pela eleição presidencial de Serzh Sargsyan em setembro de 2013 e inviabilizou o prosseguimento da agenda para a Parceria Oriental da União Europeia, programa no qual a Arménia estava incluída, representando menos uma vontade natural do que um imperativo securitário.

O Cazaquistão é o território ex-soviético onde existem mais russos, a seguir à Ucrânia, totalizando cerca de quatro milhões de pessoas. O exemplo da Crimeia e do Donbass fariam supor a possibilidade de mais uma intervenção russa no seu “estrangeiro próximo”. Vladimir Zhirinovsky, um dos mairés nacionalistas russos, nasceu no Cazaquistão e tem defendido uma união com a Rússia, numa pretensa Região Federal Centro Asiática. No entanto, as políticas de Astana demonstram uma independência face a Moscovo, quer económica, quer politicamente. O presidente cazaque, Nursultan Nazarbayev e o presidente bielorrusso são as personalidades aliadas de Putin que têm tentado mediar o conflito entre Kiev e Moscovo.

O Quirguistão e o Tadjiquistão, à semelhança da Arménia também estão totalmente dependentes de Moscovo, especialmente como mercado de emprego para a sua mão-de-obra. Grande parte do rendimento destes países depende das remessas dos seus emigrantes na Rússia. À semelhança da Arménia, estes países têm instalações militares russas no seu território, que lhes garantem alguma segurança.

A Síria está envolvida numa guerra civil que já dura há três anos. O regime do presidente Assad conta com Moscovo como principal aliado. A Rússia apoia Assad, especialmente porque é a forma de garantir a segurança da sua única instalação naval no Mediterrâneo: a base naval de Tartus. No entanto, tem havido contactos com outros países na região, nomeadamente a Grécia e Chipre no sentido de explorar as possibilidades de assistência a embarcações russas, de modo a diversificar o apoio logístico da marinha russa, cuja presença no Mediterrâneo Oriental tem sido reforçada.

O Vietname é um aliado russo na Ásia. A Rússia precisa diversificar as suas relações nesse continente, que a tornarão menos dependente das relações com a China. Encontrou no Vietname um aliado, com uma comunhão de interesses estratégicos e um passado histórico recente comum, assumindo especial destaque o fornecimento de armamento e energia de origem russa.

Espalhados pelo mundo encontram-se outros aliados russos. Mais relacionados com a tipologia do regime do que uma verdadeira parceria, esses aliados tendem a privilegiar o Kremlin especialmente para afrontar a Casa Branca. Estão nessas situações a Bolívia, Cuba, Nicarágua, Venezuela, Coreia do Norte, Sudão e Zimbábwe, países estes que votaram contra a adoção da Resolução N° 68/262 da Assembleia Geral das Nações Unidas no dia 27 de março de 2014, que condenou a anexação da Crimeia pela Federação Russa.

c. Os espetadores interessados

A votação da Resolução N° 68/262 também demonstrou outro fenómeno. Além dos 100 apoiantes que definem aproximadamente o mundo ocidental, dos 11 que se opuseram que podem ser contados como aliados de Moscovo, 58 abstiveram-se e 24 estiveram ausentes. O conjunto destes 82 países representa cerca de 60% da população mundial e podem ser considerados neutrais na questão ucraniana. No entanto, há entre eles os países que aspiram à condição de potência e que têm todo o interesse em tirar partido da situação conflitual entre a Rússia e o Ocidente.

O país que pode tirar mais partido desse diferendo é a China. Em primeiro lugar, a crise ucraniana fez divergir a atenção dos EUA da Ásia para a Europa, o que favorece a afirmação regional do Império do Meio. Depois, as relações entre Pequim e Moscovo parecem ter sido incrementadas, como o anúncio, em maio de 2014, de um acordo de fornecimento de gás russo durante 30 anos. Porém, analistas reconhecem que o esforço do Kremlin em diversificar as suas exportações de energia poderá ter facilitado o desenlace das negociações que decorriam desde os anos 1990 através da redução do preço do contrato, que terá favorecido as autoridades chinesas. Noutro aspeto, a China depende da Rússia e da Ucrânia para fornecimento de material militar. A Rússia tem exportado equipamento de última geração para a China, mas mantém muitas reservas perante as sistemáticas iniciativas de engenharia reversa ilegal bem ilustradas pela produção do caça J-11BH, alegadamente de origem chinesa, mas que é ostensivamente uma cópia do avião Sukhoi Su-27SK de fabrico russo. A Ucrânia, cujo complexo industrial militar estava intimamente ligado ao russo, tem procurado substituir as encomendas perdidas para os russos pelas chinesas, uma vez que o material é basicamente o mesmo. Estes assuntos têm permitido aos chineses tirar partido da crise ucraniana em seu favor, reafirmando a sua posição de independência face à necessidade de alianças.

Outro país que tem tirado partido do clima de confronto entre o Ocidente e a Rússia tem sido o Irão. Debaixo de escrutínio contínuo desde 1979, ano da Revolução Islâmica, o Irão representa uma enorme preocupação para as potências ocidentais, especialmente devido ao seu programa nuclear e ao conhecido antagonismo deste país com Israel. A Rússia tem tentado mediar esse conflito, com particular enfoque no programa nuclear militar, integrando o grupo designado P5+1 (os cinco países com direito a veto no Conselho de Segurança da ONU) e a Alemanha que tem negociado com Teerão. A urgência da resolução da questão iraniana baixou significativamente na lista de prioridades dos membros do grupo. Por outro lado, o

Irão, enquanto país fornecedor de petróleo pode explorar as dificuldades russas causadas pelas sanções ocidentais.

Tradicionalmente neutrais, a Finlândia e a Suécia têm debatido longamente o fim do seu isolamento voluntário. Há correntes nos dois países que defendem uma adesão à OTAN, cuja cláusula de defesa coletiva é vista com efeitos fortemente dissuasores das sistemáticas provocações russas.

Finalmente, os países que estão na mesma situação da Ucrânia, a Geórgia e a Moldávia, mantêm-se numa posição de expectativa, uma vez que quaisquer desenvolvimentos em Kiev podem fazer tender o rumo dos acontecimentos para um ou outro lado.

2. Atores Supraestatais

O sistema político internacional, embora desenhado por Estados, integra atores supraestatais, alguns deles com funções especiais no capítulo da resolução de conflitos, como é caso da ONU. Outros assuntos da sociedade global, como o comércio e as finanças são regulados através da OMC e do FMI, respetivamente. Estas organizações surgiram depois da 2GM e são normalmente vistas como *fora* onde se jogam os interesses dos Estados na idade contemporânea, mas com pilotagem americana. Além das plataformas multinacionais globais, existem outras que têm os mesmos objetivos, mas à escala regional, tal como a OSCE. Ainda no capítulo regional, há organizações cujo objeto é a segurança dos seus membros, como a OTAN e outras que visam uma maior integração política, como a UE. Estes dois casos de sucesso são percecionados como sendo obra de uma forte influência dos americanos nos assuntos europeus e que levam outros aspirantes a potências mundiais a querer moldar a política regional através dessa fórmula. São exemplo disso a OTSC, a CEI e a UEE no caso russo e a OCX no caso russo-chinês. Além das organizações formais intergovernamentais mencionadas, existem outros grupos mais informais que interessa mencionar para efeitos do entendimento da questão ucraniana: os V-4, o G-7, o G-20 e os BRICS. Finalmente, destacam-se duas organizações transnacionais: a Amnistia Internacional e a Cruz Vermelha Internacional.

a. Organizações Intergovernamentais

(1) ONU

Competiria à ONU resolver a questão do conflito na Ucrânia, uma vez que as autoridades ucranianas têm solicitado o envolvimento da organização através do envio de capacetes azuis para a zona leste do país. O

veto russo tem impossibilitado a formalização da autorização do Conselho de Segurança necessária para essa missão. Ao nível político, a organização tem estado praticamente bloqueada uma vez que as resoluções do Conselho de Segurança (CSNU) ora são vetadas pela Federação Russa ora são vetadas pelos EUA e aliados, o que relembra os tempos da Guerra Fria em que aquele órgão esteve praticamente paralisado. No dia 5 de março de 2014, foi rejeitada uma proposta de Resolução que condenava o referendo na Crimeia, levando à mencionada votação na Assembleia Geral de 27 de março de um texto com a mesma finalidade. Só a 21 de julho foi possível aprovar uma resolução no CSNU, a propósito do abate do voo 17 da *Malaysia Airlines*, condenando genericamente a ação e apelando a uma investigação do acidente.

Tem sido ao nível do Alto-comissariado para os Direitos Humanos que a ONU mais se tem feito notar. Durante o ano de 2014 foram publicados oito relatórios sobre a situação dos Direitos Humanos na Ucrânia, tendo o último versado o período de 1 a 30 de novembro. Nele se constata um substancial agravamento da situação durante o período do conflito, na região da Crimeia e no leste da Ucrânia, onde a segurança, a liberdade e o bem-estar dos cidadãos tem sido colocada em causa. Contabilizaram-se 4.364 mortos e 10.064 feridos associados ao conflito. O Alto-comissariado para os Direitos Humanos estima ainda que o número de deslocados seja superior a um milhão, metade dos quais foram registados e protegidos por uma lei específica aprovada em meados de novembro pelas autoridades ucranianas.

O Secretário-geral da ONU Ban Ki-moon declarou apoiar a natureza “geralmente pacífica” das eleições presidenciais de 25 de maio de 2014 e a “atmosfera descontraída” das eleições legislativas de 26 de outubro de 2014. Por outro lado, condenou as eleições de 2 de novembro de 2014 no Donbass, levadas a cabo pelas forças separatistas, como forma de legitimar o seu poder, em contraposição com as eleições organizadas por Kiev.

(2) OMC

A OMC é uma organização que tem em vista a supervisão das trocas comerciais entre os países membros e a liberalização do comércio mundial. A Rússia aderiu a esta organização a partir de 22 de agosto de 2012, depois de um acordo com a Geórgia e de dezoito anos de negociações. A Ucrânia já era membro desde 16 de maio de 2008. A entrada em vigor da União Económica Eurasiática poderá colocar entraves ao acesso do Cazaquistão e da Bielorrússia, dando maior poder à Rússia sobre estes países. A implementa-

ção de sanções por alguns países à Rússia e vice-versa vai contra o espírito da OMC e já provocou queixas nas instâncias desta organização.

(3) FMI

O FMI foi criado na década de 40 para supervisionar o sistema monetário internacional, através da manutenção de estabilidade nas taxas cambiais e nos pagamentos internacionais, de modo a assegurar as transações entre países e com isso reduzir a incidência dos conflitos armados. Com o fim do sistema de economia centralizado, típico da URSS, quer a Rússia quer a Ucrânia, passaram a poder contar com o FMI para estabilizar as suas moedas. A Ucrânia só criou a sua própria moeda, o grívnia, em 1996, depois de um período em que os *karbovanets* substituíram o rublo soviético. Desde essa altura, o FMI já assistiu financeiramente a Ucrânia em oito ocasiões, a última das quais no valor de 17 mil milhões de dólares, depois de receber garantias que as autoridades de Kiev iriam combater as revoltas no leste do país, reformar o sistema fiscal e monetário e acabar com os subsídios ao fornecimento do gás. A Rússia recorreu ao FMI durante a década de 90, com particular ênfase no *default* de 1998. Durante essa época era o FMI que determinava as políticas macroeconómicas russas. Com a chegada de Putin ao poder, a relações da Rússia com o FMI arrefeceram. As necessidades de financiamento externo diminuíram com o aumento dos combustíveis e a melhoria nas cobranças de impostos. A Rússia enquanto integrante dos BRICS procurou financiamento nestes países em detrimento do FMI, uma vez que os empréstimos aí contraídos não traziam as condições normalmente reformistas e de austeridade que são apanágio desta organização. Os BRICS, reunidos em Fortaleza, em julho de 2014, lançaram um Banco de Desenvolvimento para competir com o FMI e Banco Mundial, pois estas instituições são vistas como um modo do Ocidente e particularmente os EUA controlarem os mercados financeiros mundiais.

(4) OSCE

Apesar das acusações de enviesamento para o lado russo, a OSCE tem sido a organização internacional mais ativa no acompanhamento e tentativa de resolução do conflito ucraniano. Por um lado, tem o apoio político da Rússia, da Ucrânia e de todos os países europeus, além dos Estados Unidos e do Canadá. Por outro, tem uma vasta equipa de observadores que podem oferecer uma visão próxima ainda que limitada dos acontecimentos no terreno.

Na primeira semana de março de 2014, a OSCE produziu um plano com medidas concretas para a contenção da crise e colocou-o à consideração dos quatro países que se reuniram em Genebra e assinaram uma declaração conjunta no dia 17 de abril (Estados Unidos, União Europeia, Rússia e Ucrânia). O plano continha medidas concretas e estruturadas para diminuir a tensão entre as partes, concretamente o desarmamento de grupos de milícias ilegais e a concessão de amnistia para todos os manifestantes que depuseram as armas e se renderam perante as autoridades ucranianas. Foi ainda decidido enviar uma missão de observação para o terreno, designada Missão de Monitorização Especial da Ucrânia. Com a iniciativa do governo ucraniano de retomar as cidades ocupadas por separatistas, a partir de abril de 2014, seguida da resposta dessas forças apoiadas pela Rússia, o plano de paz foi abandonado. No dia 2 de julho de 2014, em Berlim, os ministros dos negócios estrangeiros da Alemanha, França, Rússia e Ucrânia assinam uma declaração aprovando o envio de observadores da OSCE para a fronteira entre a Rússia e a Ucrânia. Isso não impediu a continuação das operações militares ucranianas nem o apoio russo através da fronteira. Porém, o acompanhamento da situação pela OSCE possibilitou o estabelecimento de um grupo de contacto trilateral que integra um representante desta organização (Embaixadora Heidi Tagliavini), um representante da Ucrânia (o antigo presidente Leonid Kuchma) e ainda um delegado russo (embaixador Mikhail Zurabov). O grupo tem-se reunido regularmente desde julho e conseguiu chegar a um acordo para observadores da OSCE terem acesso à zona do acidente do voo da *Malaysia Airlines*. O destaque maior foi alcançado durante a assinatura de um protocolo de cessar-fogo e lançamento de um processo político para resolver o conflito, em Minsk, no dia 5 de setembro de 2014, que viu reforçada a intervenção das equipas da OSCE na zona do conflito. Além das equipas de monitorização e verificação, que envolvem cerca de 500 pessoas, a OSCE tem tido equipas de inspeção que trabalham para os seus países, mas conduzem verificações sob os auspícios do Documento de Viena 2011 e fazem parte de uma resposta alargada à crise da Ucrânia. Depois, a OSCE tem acompanhado os atos eleitorais na Ucrânia através de equipas de longa duração, envolvendo os períodos de campanha eleitoral e outras de curta duração para observação direta dos procedimentos eleitorais. Outros aspetos das atividades da OSCE envolvem a ligação direta de membros do Rada (parlamento ucraniano) e da Duma (câmara baixa de nível federal da Rússia) sob os auspícios da Assembleia Parlamentar, a monitorização da situação no que respeita aos direitos humanos e das minorias, bem como a observação da liberdade da imprensa.

(5) OTAN

No âmbito da segurança transatlântica, a OTAN distingue-se pelas provas dadas aos seus membros no capítulo da segurança coletiva. Durante quarenta anos funcionou como elemento dissuasor da ameaça soviética e ajudou a consolidar o processo de integração europeia. Finda a Guerra Fria, o aparelho militar da Aliança Atlântica, com a sua estrutura de comando integrada, foi útil na implementação das Resoluções do CSNU quando a guerra regressou à Europa durante a desintegração da Jugoslávia, para efeitos de estabilização da região e indo para além desse mandato durante a Operação *Allied Force* contra a Sérvia em 1999, mas que acabaria por apaziguar os conflitos armados nos Balcãs. Seguindo uma tradição de integrar antigos antagonistas desde que a Grécia e a Turquia se tornaram membros em 1952, teve seguimento de 1955 a 1990, com a Alemanha reunificada e mais recentemente em 2004 com o maior número de adesões desde a sua criação, a OTAN expandiu-se para leste ao ponto de ser considerada pela Rússia como uma ameaça. Apesar das tentativas de incluir a Rússia na estrutura da Aliança, toda a cooperação que datava de 1997, ano em que foi assinado o Ato Fundador de Relações Mútuas entre a OTAN e a Federação Russa, foi suspensa a 1 de abril de 2014.

Os bombardeamentos a Sarajevo em 1999, a adesão de todos os países membros do Pacto de Varsóvia e ainda antigas repúblicas soviéticas como foi o caso dos países bálticos em 2004 fizeram soar os alarmes em Moscovo. Perante a iminência de outras antigas repúblicas soviéticas aderirem à OTAN, a Rússia agiu em 2008 contra a Geórgia, e contra a Ucrânia em 2014. A OTAN é explicitamente referida como a principal ameaça à Rússia na nova doutrina militar aprovada por Putin em dezembro de 2014.

Entretanto, o alargamento da OTAN continua na agenda, uma vez que a Aliança não aceita o veto russo perante a adesão de novos membros. Há planos de ação para a adesão da Macedónia, do Montenegro, e da Bósnia-Herzegovina. A Finlândia e a Suécia estão a debater internamente a questão de virem a juntar-se à Aliança, enquanto a Geórgia mantém as suas aspirações de um dia poder obter o estatuto de estado-membro, apesar de contribuir com forças para as operações e exercícios aliados. Quanto à Ucrânia, a tendência do governo em Kiev marca a maior aproximação ou afastamento às estruturas ocidentais, incluindo a OTAN. Depois de anos de negociações, esperava-se que a declaração da Cimeira de Bucareste, em 2008, desse início ao processo de adesão. Foi inclusive assinado o pedido formal pelo presidente Viktor Yushchenko, pela primeira-ministra Yulia Tymoshenko e pelo presidente do parlamento Arseniy Yatsenyuk. No

entanto, face ao bloqueio do parlamento protagonizado pela oposição que impediu que o pedido fosse ratificado, o início da negociação para a adesão foi adiado. Como consequência da intervenção russa na Ucrânia em 2014 e depois de eleições presidenciais e parlamentares que afastaram das estruturas do poder em Kiev a maior parte dos políticos pró-russos, o parlamento aprovou uma lei que determina o fim da neutralidade ucraniana, no dia 23 de dezembro de 2014. Reafirmando uma intenção antiga dos setores pró-ocidentais, o presidente Petro Poroshenko promulgou a lei e prometeu convocar um referendo antes de dar início às negociações de adesão, o que lhe valeu uma forte crítica do Ministro dos Negócios Estrangeiros russo.

A crise ucraniana marcou, para já, um ponto de inversão do relacionamento entre a OTAN e a Rússia. Durante a Cimeira de Gales em setembro de 2014 foi aprovado o Plano de Ação de Prontidão da Aliança que contempla dois pilares: Medidas de Asseguramento e Medidas de Adaptação. As primeiras destinam-se a reforçar a presença de forças aliadas de terra, mar e ar de modo a assegurar a presença contínua de contingentes destinados a assegurar a defesa da região leste da Aliança e a servir de dissuasão. As segundas visam elevar o nível de prontidão das forças de intervenção rápida e assegurar presença de elementos de comando e controlo e instalações de acolhimento para os elementos das forças a destacar nos seguintes países: Bulgária, Estónia, Letónia, Lituânia, Polónia e Roménia. Ambas as medidas contemplam a realização de exercícios nos diversos setores como forma de mostrar presença e garantir o treino apropriado a todos os componentes das forças.

A Ucrânia integra o programa da Parceria Para a Paz da OTAN desde 1997. A cooperação entre a OTAN e a Ucrânia foi reforçada depois da intervenção russa de 2014, através do envio de conselheiros a Kiev, que ajudam as autoridades ucranianas a reformar as forças armadas, no sentido do país reforçar as suas capacidades de defesa própria. As áreas cobertas pelo apoio da OTAN envolvem o comando, controlo, comunicações e computadores (C4), logística e padronização, defesa cibernética, carreiras militares e comunicações estratégicas.

(6) UE

A Ucrânia é um dos países prioritários na Política de Vizinhança da União Europeia, um instrumento das relações exteriores desta organização. A iniciativa data de 2004, depois da adesão de dez novos países e pretende evitar a criação de novas fronteiras no espaço europeu. É dirigida especialmente ao leste e ao sul da Europa. A vertente leste recebeu a desig-

nação de Parceria Oriental e desenvolveu-se a partir de 2009, incluindo os Estados pós-soviéticos da Arménia, Azerbaijão, Bielorrússia, Geórgia, Moldávia e Ucrânia. A Arménia optou por se juntar à Rússia na sua União Económica Eurasiática o que a fez descontinuar o processo negocial com a UE. O Azerbaijão tem vindo a negociar o Acordo de Associação, mas continuam as dificuldades associadas às reformas necessárias. A UE mantém sanções contra a Bielorrússia, como forma de pressionar o governo de Minsk para terminar as violações dos direitos humanos e das perseguições políticas, pelo que não tem havido quaisquer negociações. A Geórgia e a Moldávia assinaram o início da parceria na Cimeira de Vilnius de novembro de 2013. As negociações decorreram ao longo de uma década e incluíam a Ucrânia. Foi perante a iminência da assinatura desse documento que Moscovo exerceu a derradeira pressão junto do presidente ucraniano Viktor Yanukovich que, ainda assim participou na Cimeira. Desde essa altura, os protestos agudizaram-se em Kiev e conduziram a uma alteração do poder político, com as consequências do envolvimento direto de forças russas.

Com o afastamento dos apoiantes de Moscovo do governo de Kiev, as autoridades assinaram o referido pacto no dia 27 de junho de 2014, a que se sucedeu a ratificação pelo Rada e pelo Parlamento Europeu em votação simultânea no dia 16 de setembro de 2014. O acordo só entrará em vigor em 2016. Até lá, a Ucrânia continuará o seu regime de trocas livres de tarifas com a Rússia e outros países membros da CEI.

(7) OTSC

A OTSC tinha a designação inicial de Tratado de Segurança Coletiva da CIS. Foi fundada em maio de 1992 em Tasckent, capital do Uzbequistão e tinha um horizonte temporal de cinco anos. Os países signatários foram a Arménia, o Cazaquistão, a Quirguízia, a Rússia, o Tajiquistão e o Uzbequistão. Durante o ano de 1993, juntaram-se-lhes o Azerbaijão, a Bielorrússia e a Geórgia, antes da entrada em vigor do tratado em 1994. No final do termo previsto, três dos países membros não renovaram o acordo, Azerbaijão, Geórgia e Uzbequistão. Em 1997 tinha sido criado um grupo de países designado por GUAM (iniciais de Geórgia, Ucrânia, Azerbaijão e Moldávia) e que tinha como objetivo equilibrar o poder que a Rússia detinha nessa área. Os países membros decidiram em 2002 dar um carácter permanente à organização que adotaria a designação atual e se afirmaria como uma pacto militar. O Uzbequistão regressou à organização em 2005 e em 2012 saiu de novo. A organização conta ainda com dois observadores: Afeganistão e Sérvia.

Em 2007, a OTSC assinou um acordo com a OCX para cooperarem em matérias relacionadas com a segurança, investigação criminal e tráfico de droga.

A Rússia goza de direito de veto para impedir o estabelecimento de bases militares estrangeiras no território de qualquer um dos membros da OTSC desde 2011.

Existem predisposições para o emprego de uma força expedicionária que atue sob a égide da OTSC e alguns exercícios multinacionais são designados como sendo conduzidos no âmbito da organização. Porém, as dissensões internas são muitas e o espetro do peso relativo da Rússia faz emergir muitas reservas nos outros Estados membros.

(8) CEI

A Comunidade de Estados Independentes (CEI), organização mãe da OTSC, foi criada na sequência do acordo de dissolução da URSS pela Bielorrússia, Rússia e Ucrânia no dia 8 de dezembro de 1991. A 21 de dezembro desse ano mais oito ex-repúblicas soviéticas assinaram o Protocolo de Alma Ata, a que se juntou a Geórgia em 1993. Ou seja, todas as ex-repúblicas soviéticas, com exceção da Estónia, Letónia e Lituânia se agregaram na CEI.

Inicialmente projetada como a organização substituta da defunta URSS, nunca foi possível implementar medidas concretas de integração. As mais elementares, como a constituição de uma zona de comércio livre, foram lançadas em 1994, mas sempre adiadas. Só em 2011 foi possível alcançar um acordo de comércio livre entre oito dos onze membros da CEI. Alguns Chefes de Estado não comparecem às cimeiras, alegando desentendimentos ou não aceitam exercer a presidência como aconteceu com a Ucrânia em março de 2014. Neste país foi apresentado um projeto de lei para sair definitivamente da CEI. Há inclusive apelos do lado da Rússia para deixar cair esta organização e apostar na UEE. De novo, o peso relativo da Rússia e os problemas entre os Estados membros transformam a CEI mais num símbolo da antiga URSS do que numa organização verdadeiramente multinacional e funcional.

(9) UEE

No quadro da CEI desenvolveram-se negociações relativas ao estabelecimento de relações entre os antigos membros da URSS, à semelhança do que ia ocorrendo na parte ocidental do continente europeu. O último desses acontecimentos foi o acordo firmado entre a Bielorrússia, a Rússia e o Cazaquistão, a 29 de maio de 2014 para instituir a UEE a partir de 1 de

janeiro de 2015. A Arménia juntou-se ao grupo a 9 de outubro e a Quirguízia a 23 de dezembro de 2014. A organização espelha integralmente a União Europeia e têm os mesmos objetivos. Contudo a realidade a leste é muito diferente da parte ocidental do continente. A Rússia domina em todos os aspetos, representando cerca de 80% do PIB, da população e da área da UEE, conforme ilustrado na figura 2. Nesse sentido, é uma união entre realidades bastantes diferentes que só estão reunidas sob o domínio do poder que a Rússia exerce no seu “estrangeiro próximo”.

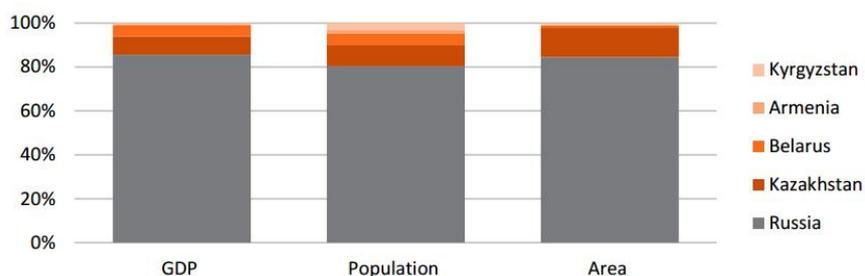


Figura 2 – Assimetrias Eurasiáticas

Fonte: Popescu (2014, p. 16).

(10) OCX

A Organização de Cooperação de Xangai teve origem num tratado assinado por cinco países (Cazaquistão, China, Quirguízia, Rússia e Tadjiquistão) em 1996 de modo a cooperarem entre si na desmilitarização da antiga fronteira sino-soviética. A partir de 2001 e com a integração do Uzbequistão, a organização estabeleceu objetivos mais amplos alargando a cooperação à economia e à cultura. A componente militar foi-se aprofundando no domínio da partilha de informação e ações de contraterrorismo. Ao longo dos anos de existência da OCX têm-se realizado alguns exercícios de larga escala sob a designação de “Peace Mission”, o último dos quais foi realizado de 24 a 29 de agosto de 2014, no norte da China.

Desde 2010 que a OCX pode admitir novos membros. Até à data, apenas têm sido admitidos observadores (Afeganistão, Índia, Irão, Mongólia e Paquistão) e parceiros (Bielorrússia, Sri Lanka e Turquia). A Índia candidatou-se ao estatuto de membro de pleno direito em setembro de 2014. O Irão já o tinha feito em 2008, mas foi decidido que as sanções de que era alvo o inibiam de ser acolhido no seio da organização. O Paquistão também terá abordado o assunto, sem ter concretizado o pedido.

A Rússia não tem dado muita importância à OCX, uma vez que prefere exercer influência na Ásia Central através da organização que domina, a OTSC. No enquanto, para demonstrar ao Ocidente que os esforços de

isolamento saíram gorados, voltou a mencionar a relevância da OCX, que apresenta o potencial para evoluir para a aliança antihegemónica de oposição à OTAN. Quebrado o relacionamento com a OTAN, a Rússia virase para oriente e aposta na unificação das duas alianças como forma de enfrentar o Ocidente. A junção da OTSC e da OCX foi discutida em maio de 2014 e justificada pela posição ocidental segundo a qual a Rússia tinha deixado de ser um parceiro e tinha passado a ser um adversário. A questão deverá ser discutida na Cimeira conjunta da OCX e dos BRICS prevista para Ufa, no centro da Rússia e que decorrerá em julho de 2015.

b. Organizações Informais

(1) V4

O Grupo de Visegrad, também designado por V4 foi formado em 1991 pelos presidentes Václav Havel da então Checoslováquia, e Lech Wałęsa da Polónia e pelo primeiro-ministro József Antall da Hungria. O objetivo do grupo era eliminar os resquícios de comunismo no centro-leste europeu, diminuir as animosidades entre os seus Estados e apoiarem-se mutuamente na prossecução de objetivos comuns, nomeadamente a adesão à União Europeia. Com a partição da Checoslováquia, em 1993, o grupo passou a ter quatro membros. Visando uma organização regional à maneira do BENELUX, o grupo reúne-se frequentemente, mas a única iniciativa digna de registo foi a criação de fundo que apoia as trocas de experiências nas áreas do ensino, da investigação e da cultura entre os Estados membros. No dia 16 de dezembro de 2014, os V4 reuniram-se ao nível dos ministros dos negócios estrangeiros com o seu homólogo ucraniano tendo demonstrado o seu apoio na resolução do conflito no leste do país e declarando que pretendem intensificar o relacionamento tanto a nível bilateral como multilateral tendente a aproximar a Ucrânia da União Europeia.

(2) G-8

O G-8 resultou da adição da Rússia ao grupo das sete economias mais desenvolvidas do mundo (G-7), em 1998, na sequência de reuniões informais tidas desde 1994. A junção da Rússia ao clube dos países mais ricos do mundo pretendia encorajar as medidas reformistas e a abertura da Rússia ao comércio mundial. Porém, na sequência da anexação da Crimeia, em março de 2014, os antigos membros do G-7 resolveram declarar que iriam faltar à cimeira que estava prevista para ocorrer em Sochi, na Rússia durante o mês de junho. Em vez disso, o G-7 reuniu-se em Bruxelas

tendo declarado o seu apoio à Ucrânia e condenado a Rússia através da aplicação de sanções.

(3) G-20

Em 1999, a Alemanha detinha a presidência do G-7. Por iniciativa do seu ministro das finanças Hans Eichel, com a concordância dos EUA, foi decidido alargar a discussão sobre a economia e as finanças mundiais a um conjunto de mais 13 países, de modo a estabelecer mecanismos de governação mundial de cerca de 85% da economia mundial. Diversas reuniões que integraram os ministros das finanças e os governadores dos bancos centrais dos 20 países ocorreram desde a sua criação. No entanto, depois da crise financeira mundial de 2007-2008, foi resolvido elevar o nível das reuniões que passaram a integrar cimeiras de Chefe de Estado. A Rússia já acolheu uma dessas cimeiras, em setembro de 2013, em São Petersburgo. O diferendo com os países ocidentais já foi bastante visível, a propósito da guerra civil síria, tendo o presidente russo defendido que tinha apoios de cerca de metade dos países para a sua política relativa ao regime de Assad. Onze países fizeram uma declaração de condenação do regime sírio, especialmente a respeito do uso de armas químicas. Mas foi na cimeira de 2014, em Brisbane, na Austrália que a Rússia foi mais criticada pela sua ação na Ucrânia pelos países ocidentais. O primeiro-ministro australiano, Tony Abbott, anfitrião dos outros Chefes de Estado e de governo, chegou a alvitrar a hipótese de barrar a entrada no seu país ao presidente Vladimir Putin. Na sequência destas declarações um grupo de quatro navios da marinha russa dirigiu-se para o Oceano Pacífico a norte da Austrália. Putin compareceu à cimeira, ouviu as críticas dos líderes dos países ocidentais e ausentou-se prematuramente, tendo faltado ao almoço oficial de encerramento da cimeira. Em 2015, a presidência do grupo é detida pela Turquia, que pretende alargar a agenda da organização.

(4) BRICS

O acrónimo BRIC foi utilizado pela primeira vez por um especialista da Goldman Sachs num artigo de 2001 (O'Neill, 2001), onde se alertava para a emergência de economias que poderiam vir a rivalizar com o G-7. Brasil, Rússia, Índia e China, em conjunto, apresentam taxas de crescimento muito mais elevadas que o mundo ocidental e as projeções indicavam que se essa taxa se mantivessem, então os BRIC ultrapassariam seguramente os países do G-7, afirmando-se como o grupo de países mais ricos do mundo dentro de meio século.

Os representantes oficiais do grupo reuniram-se informalmente pela primeira vez em 2006, à margem da abertura da Assembleia Geral da ONU. A primeira cimeira ao nível dos Chefes de Estado ocorreu em Yekaterinburg, na Rússia em junho de 2009. Em 2010, a África do Sul reuniu-se ao grupo, tendo o seu presidente Jacob Zuma participado na Cimeira de Sanya, na China. O grupo alterou então a sua designação para BRICS. Entre outras resoluções foi decidido procurar uma quota maior no FMI, desde que fosse alterado o sistema de decisão. Como isso não foi possível, o grupo lançou uma iniciativa que pretende fundar um banco alternativo ao Banco Mundial com um fundo concorrente do FMI e que escape ao padrão do dólar, como referência para os negócios internacionais. A Rússia procura dar um maior ênfase a este fórum como mais um sinal que os esforços ocidentais para o seu isolamento são infrutíferos. O ano de 2015 é também o ano em que a Rússia detém a presidência desta organização em conjunto com a OCX. Durante a cimeira conjunta destas duas organizações em julho de 2015, deverão ser discutidas ao mais alto nível o alargamento das diversas formas de cooperação entre os países signatários.

c. Organizações Transnacionais

(1) Amnistia Internacional

A Amnistia Internacional tem emitido vários avisos e denúncias de abusos de direitos humanos pelas duas partes em contenda no leste da Ucrânia. Raptos, assassinatos, crimes de guerra têm constado dos relatórios periódicos desta organização. Por outro lado, tem denunciado a perseguição às NGO estrangeiras pelas autoridades do Kremlin, desde o regresso de Vladimir Putin ao poder, especialmente as que denunciam os abusos sobre as forças da oposição, sendo acusadas de serem “agentes estrangeiros”. A partir de junho de 2014, o ministério da justiça tem a possibilidade de declarar unilateralmente como espia qualquer organização não-governamental. Daí que sempre que haja denúncias quanto ao comportamento das autoridades, seja aberto um processo a organização que o protagoniza. Apesar da perseguição sentida, a Amnistia Internacional mantém-se ativa na Rússia.

(2) Cruz Vermelha Internacional

A Cruz Vermelha Internacional mantém-se ativa na Ucrânia, dando assistência às vítimas do conflito através do fornecimento de material de enfermagem, apoio a deslocados, incluindo alimentação. Também tem denunciado o alvejamento de áreas de residência de civis. Depois de

retrair em outubro, em consequência da morte de um dos seus funcionários, reforçou o seu dispositivo no leste ucraniano, de modo a melhorar as condições das vítimas do conflito durante o inverno. A partir do mês de agosto de 2014, a Rússia tem enviado aquilo que designa por comboios humanitários para o leste da Ucrânia, sem a autorização das autoridades de Kiev e sem a supervisão do Comité Internacional da Cruz Vermelha. Para que isso ocorra as partes envolvidas deverão chegar a um acordo sobre os aspetos técnicos da ajuda. Há correntes de opinião que afirmam que os comboios russos mais não são do que apoio logístico às forças pró-russas que combatem no Donbass e que no regresso são trazidos componentes de equipamento militar que são fabricados na Ucrânia, o que revela uma instrumentalização das operações humanitárias.

3. Atores Internos

A crise de fevereiro de 2014 na Ucrânia evidenciou os diversos grupos em conflito interno. O nível político será analisado com mais detalhe na secção respetiva do fatores geopolíticos. Genericamente, incluía o Partido das Regiões, que apoiava o presidente Yanukovych e era financiado por empresários industriais do leste do país, como Rinat Akhmetov, o homem mais rico do país. A oposição era constituída pelos partidos Udar, Pátria e Liberdade (Svoboda).

Além destes, surgiram as fações nacionalistas, como o Sector Direito que reúne um conjunto de grupos radicais e que foram imediatamente apontados pela Rússia como os grandes responsáveis pelo “golpe de estado” fascista em Kiev. O governo provisório passou a ser designado por “Junta de Kiev” e toda a oposição mereceu o epíteto de *Banderovski*, numa alusão a Stepan Bandera, um antigo colaboracionista nazi. O Sector Direito recrutou combatentes e tem estado ativo na zona de combate.

Outras das organizações que foi possível discernir nas ruas de Kiev durante a *Euromaidan* foi a “Causa Comum” que ocupou vários organismos políticos, nomeadamente os ministérios da justiça, agricultura e energia. O líder da organização, o advogado Oleksandr Danylyuk já tinha participado na oposição a Leonid Kuchma, tendo entretanto sido nomeado para as funções de assessor do ministro da defesa.

Também as claques de apoio aos clubes de futebol se juntaram às forças tidas como de direita para se oporem aos apoiantes do governo Yanukovych.

Do lado pró-russo devem ser mencionados os *titushkos* (vigilantes), com origem nos clubes de artes marciais, e que foram utilizados pelas

autoridades do antigo regime para atemorizar manifestantes e jornalistas por toda a Ucrânia, tendo convergido para Kiev durante os protestos, complementando a ação das forças especiais designadas por *Berkut*, às quais são atribuídas diversas mortes de civis indefesos. Os apoiantes de clubes de futebol da região do Donbass adotaram a designação de *Oplot* (Fortaleza) e também se dirigiram para Kiev para apoiarem o lado pró-russo.

Durante o mês de abril de 2014, forças rebeldes, compostas por cidadãos ucranianos que deixaram as forças regulares, voluntários russos e outras milícias estrangeiras ocuparam os edifícios governamentais em diversas cidades das províncias de Donetsk e Luhansk. Em maio organizaram um referendo e foi declarada a independência das repúblicas com os nomes das províncias. A liderança política foi entregue em ambos os casos a cidadãos russos.

As forças combatentes (Gorchinskaya, 2014), propriamente ditas, são uma mistura de forças regulares e voluntários, alguns com agendas próprias ao serviço de oligarcas. Do lado de Kiev, além do exército, cuja força pronta para combate em março de 2014 rondava os 6.000 homens (num efetivo de cerca de 170.000) segundo o ministro da defesa da altura, devem ser consideradas as forças da guarda de fronteira com um total de 50.000, mas apenas 8.000 profissionais. A Polícia totaliza 172.000 homens. A Guarda Nacional foi criada na sequência dos levantamentos dos separatistas e conta com cerca de 30.000 homens. Por fim, devem ser considerados 22 batalhões de voluntários, mas apenas 10 com envolvimento na área de operações. Do lado dos separatistas, há relatos de unidades provenientes da Chechênia (e.g., Batalhão Vostok) e de outras partes da Rússia às quais devem ser adicionadas as milícias populares.

Depois da tomada da Crimeia pelos “homenzinhos verdes”, designação atribuída aos militares russos que tomaram as unidades ucranianas sem combater, por não terem identificação no seu fardamento e equipamento, a campanha orquestrada para o Donbass já conta com cerca de 5.000 mortos. Numa primeira fase os rebeldes ganharam posições, mas depois enfrentaram as forças ucranianas que ganharam muito terreno, até agosto de 2014, altura em que se verificou um contra-ataque, com emprego de equipamento militar sofisticado que terá vindo diretamente da Rússia. Nessa altura foi aberta uma nova frente, em direção à cidade portuária de Mariupol e a fronteira passou a ser completamente dominada por forças pró-russas. Entretanto, verificou-se a assinatura de um acordo de cessar-fogo, no dia 5 de setembro de 2014, em Minsk, cuja violação é sistemática. Desde essa altura já foram contabilizadas mais de 1.000 mortos.

A situação interna da Ucrânia, parece poder ser controlada por Moscovo e por Kiev. Porém, dada a inclinação definitiva das autoridades ucranianas para o Ocidente, será de esperar a continuação das provocações pró-russas em ritmos e locais diferentes, na tentativa de continuar a destabilizar a situação política no país.

ANÁLISE DOS FATORES

1. Fator Físico

O Fator Físico corresponde ao Território que define a existência física de uma entidade política, jurídica e administrativa. Para efeitos de caracterização do fator físico ucraniano serão consideradas as seguintes dimensões: extensão; localização global e regional; configuração; ambiente natural, designadamente considerando o relevo, a hidrografia, o solo, a vegetação e o clima; mar e vias navegáveis.

a. Posição

A posição de um país pode ser encarada sob duas perspetivas, designadamente a sua localização absoluta e relativa.

A localização absoluta no globo influencia por exemplo o clima em presença, o que define ou condiciona aspetos como as características dos solos, a atividade agrícola e aspetos particulares da cultura das populações.

A localização relativa a outros territórios condiciona as respetivas relações em função das características dos Estados vizinhos, da distribuição de terras e da proximidade dos oceanos e dos mares, das relações com os centros de poder regionais e globais e da organização dos espaços em termos políticos e estratégicos.

O valor da posição, como fator de poder, depende de múltiplos condicionamentos de que se salientam a vontade e a capacidade das populações, bem como das possibilidades económicas da área. A título de exemplo, uma posição que geograficamente favoreça o controlo da circulação numa dada região, pouco valor terá caso não existam meios capacitados para o efetivo exercício daquele controlo. A Ucrânia, em termos de localização absoluta fica situada no continente europeu (figura 3), portanto no hemisfério norte e mais em particular na sua zona leste (figura 4).



Figura 3 – Divisão do globo por continentes

Fonte: (<http://www.mapsofworld.com/world-continent-map.htm>).



Figura 4 – Localização da Ucrânia

Fonte: (<http://www.hlntv.com>).

A localização relativa da Ucrânia pode, desde logo, ser caracterizada pela identificação dos Estados com os quais faz fronteira que, em termos quantitativos, são sete, a saber Rússia, Bielorrússia, Polónia, Eslováquia, Hungria, Roménia e Moldávia (figura 5).



Figura 5 – Países contíguos à Ucrânia

Fonte: (<http://www.johnjazwiecblog.com>).

No total a Ucrânia tem 4.588 Km de fronteira terrestre. O maior contributo para este valor resulta da sua fronteira leste que separa o território ucraniano do seu vizinho russo e que se estende por 1.576 Km. Assim, cerca de 33% do perímetro terrestre da Ucrânia é contíguo à Rússia.

Continuando a caracterização da fronteira ucraniana, no sentido contrário ao movimento dos ponteiros do relógio, surge a fronteira com a Bielorrússia, que representa cerca de 19% do perímetro ucraniano e que em comprimento atinge os 891 Km. De uma forma genérica pode dizer-se que a fronteira com a Bielorrússia materializa o limite norte da Ucrânia.

Também a Polónia faz fronteira com a Ucrânia, no seu sector noroeste, representando este segmento cerca de 9% do comprimento total da fronteira terrestre ucraniana. Em valor absoluto a dimensão da fronteira Ucrânia-Polónia tem 428 Km.

No seu sector mais ocidental, a Ucrânia faz fronteira com a Eslováquia e com a Hungria, sendo que cada uma delas não representa mais de 2% da fronteira total terrestre da Ucrânia. A Eslováquia tem uma extensão de fronteira com a Ucrânia de apenas 90 Km e a Hungria de 103 Km.

No quadrante sudoeste o território ucraniano faz fronteira com mais dois países, a Roménia e a Moldávia. A Roménia tem dois troços de fronteira com a Ucrânia, sendo a fronteira com a Moldávia que liga estes dois troços. No total a fronteira Ucrânia-Roménia desenvolve-se por 531 Km, representando cerca de 12 % da fronteira terrestre ucraniana. A Moldávia

tem com a Ucrânia uma fronteira de 939 Km, a segunda maior em dimensão e que representa cerca de 20% da fronteira terrestre ucraniana.

Importa também perceber a ordem de grandeza de algumas distâncias relacionadas com alguns dos Estados vizinhos da Ucrânia. Pese embora a enorme dimensão da Rússia em termos territoriais, a sua capital política, e como tal marco incontornável da independência russa, encontra-se marcadamente descentrada do centro geográfico do território, localizando-se, à escala russa, bastante próximo da fronteira europeia do país. Em linha direta Moscovo dista pouco mais de 400 Km da fronteira da Bielorrússia e cerca de 450 Km da fronteira Russa-Ucraniana. Da Letónia, país integrante da OTAN (figura 6), Moscovo dista aproximadamente 600 Km. A distância entre a capital política da Ucrânia, Kiev, e da Rússia é de pouco mais de 750 Km.



Figura 6 – Países contíguos à Ucrânia

Fonte: (<http://www.economist.com>).

A localização geográfica da Ucrânia permite-lhe ainda ter acesso a um mar interior, mais propriamente ao Mar Negro. A linha de costa ucraniana (incluindo a Crimeia) estende-se por 2.782 Km, representando uma fração muito significativa relativamente à dimensão da sua fronteira terrestre. Importa referir que a linha de costa ucraniana, não é materializada apenas com o Mar Negro, mas também com o Mar de Azov.

A saída por via marítima do Mar de Azov passa obrigatoriamente pelo Mar Negro. Da mesma forma, a passagem do Mar Negro para os oceanos não é direta tendo neste percurso que passar pelo Mar Mediterrânico. A

chegada a este mar tem como pontos de passagem incontornáveis os estreitos do Bósforo e de Dardanelos, ambos em território Turco.

A Ucrânia, para além das fronteiras terrestres que lhe cria um contexto de vizinhança, também, por força da partilha da linha costeira do Mar Negro, tem uma proximidade regional com países como a Geórgia, a Turquia, a Bulgária e Roménia (figura 7).

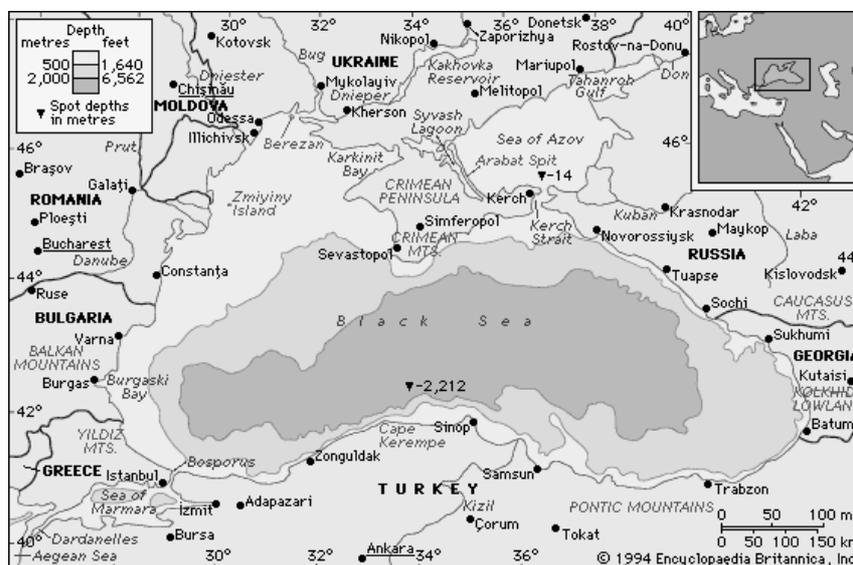


Figura 7 – Países com linha de costa com o Mar Negro

Fonte: (<http://blogs.bu.edu>).

b. Extensão

A extensão corresponde às dimensões do território, quer em valores absolutos, quer em valores relativos. Em geral, uma grande extensão corresponde a uma maior abundância e diversidade de recursos, espaço para dispersão de centros vitais, capacidade de amortecimento e desgaste face a ações inimigas, permitindo ainda uma maior dispersão de recursos e da população. Em tese, a uma grande extensão associa-se um efeito de massa e de potência. Porém para que a extensão se constitua como um fator de poder, o espaço tem que estar organizado. De outra perspectiva, à grande extensão podem estar associadas vulnerabilidades como uma menor capacidade para sustentar os primeiros ataques, menor homogeneidade da população, maior dificuldade de controlo político e uma maior dispersão das estruturas.

A Ucrânia é o segundo país com maior dimensão territorial na Europa, pelo que pode ser considerado de grande dimensão espacial, tendo uma área total de 603.000 Km² (Crimeia incluída).

A contextualização deste valor permite perceber que, à escala global, a Ucrânia ocupa o quadragésimo sexto lugar (46º) em termos espaciais, imediatamente atrás de países como a República Centro Africana (45º, 622.000 Km²), a Somália (44º, 637.000 Km²), o Afeganistão (41º, 652.000 Km²), o Chile (38º, 756.000 Km²), a Turquia (37º, 783.000 Km²) e Moçambique (35º, 799.000 Km²). De outra perspetiva, o território Ucrainiano ultrapassa em dimensão países como Madagáscar (47º, 587.000 Km²), o Quênia (49º, 580.000 Km²), a Tailândia (51º, 513.000 Km²), Marrocos (58º, 446.000 Km²), o Iraque (59º, 438.000 Km²) e o Japão (62º, 377.000 Km²).

No panorama europeu, a Ucrânia, em termos de extensão, ocupa uma posição de relevo uma vez que ocupa o segundo lugar imediatamente atrás da Rússia, o maior país à escala global com cerca de 17.000.000 Km². A França embora surja com uma área de implantação de aproximadamente 643.000 Km², inclui os seus territórios ultramarinos. A área da França metropolitana europeia é de 551.500 Km². Com menor extensão que a Ucrânia surgem na Europa países como a Espanha (59º à escala global, 505.000 Km²), a Suécia (56º à escala global, 450.000 Km²) e a Alemanha (63º à escala global, 357.000 Km²). A Ucrânia tem assim uma dimensão cerca de 20% superior à Espanha, 35% acima da Suécia e aproximadamente 70% superior à Alemanha.

No Mar Negro situa-se a península da Crimeia, fisicamente ligada ao território ucraniano. A Crimeia tem uma área de aproximadamente 26.000 Km², representando assim cerca de 4,3% da totalidade do território ucraniano. A Crimeia foi anexada pela Rússia em março de 2014. No dia 21 desse mês, o presidente russo promulgou a lei que reconheceu a integração de duas entidades na Federação Russa: a República da Crimeia e a cidade de significado federal de Sebastopol.

c. Configuração

A configuração é definida pelo traçado das fronteiras que materializam o limite do espaço sobre o qual se exerce a soberania.

Relativamente à tipologia da forma, pode existir continuidade territorial ou descontinuidade, como é o caso dos arquipélagos, dos enclaves, de territórios ultramarinos ou a existência de elementos separadores. A descontinuidade territorial constitui sempre uma força centrífuga, raiz de heterogeneidade, a ultrapassar pela ação política.

O traçado das fronteiras, em especial as resultantes da descolonização ou de imposições de guerra, não segue a delimitação do espaço ocupado pelas nações, o que significa que poucos Estados-nação existem efetivamente. Desta forma, o traçado das fronteiras pode constituir uma fonte de conflitos para os Estados, funcionando como causa, ou como sofisma justificativo para políticas expansionistas.

A implantação geográfica da Ucrânia apresenta uma relativa uniformidade espacial em termos de dimensões físicas. A sua configuração não apresenta grandes discontinuidades territoriais nem estrangulamentos. Podem ser vistas como exceções a península da Crimeia, que está ligada ao “espaço continental” ucraniano por um istmo com uma largura aproximada de 90 Km e uma região a sul onde existe uma porção de território que faz fronteira com a Moldávia e é banhada pelo Mar Negro, que tem uma dimensão de cerca de 40 x 180 Km, podendo ser vista, relativamente à Ucrânia, como uma “península continental” (figura 8).

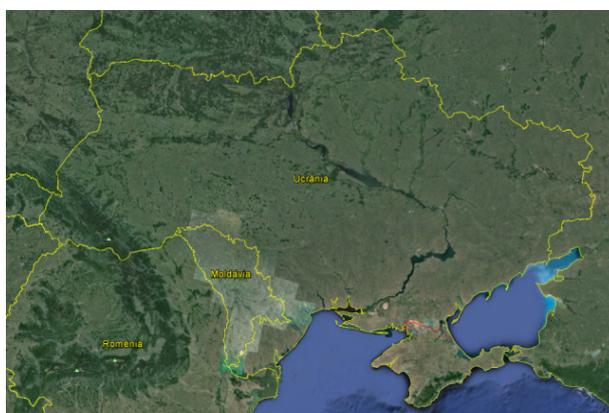


Figura 8 – Configuração do território ucraniano

Fonte: (<http://www.istanbul-visit.com>).

Caracterizando em termos de dimensão a configuração geral do espaço interior da Ucrânia, pode dizer-se que aquela tem na sua maior dimensão cerca de 1.300 Km, que se regista na direção este-oeste. Na direção norte-sul a maior dimensão do espaço ucraniano ronda os 890 Km.

A península da Crimeia, que como vimos representa cerca de 4,3% do território continental ucraniano, tem uma configuração espacial que em termos gerais se pode caracterizar pela dimensão do seu desenvolvimento norte-sul, aproximadamente 175 Km, e pela sua dimensão este-oeste, na ordem dos 320 Km.

A separação física entre os mares Negro e de Azov é feita por território da península da Crimeia e da Rússia, sendo a ligação por via marítima conseguida através do estreito de Kerch, que tem uma dimensão de cerca de 4,5 Km (figura 9). O Mar de Azov é na sua totalidade circunscrito em termos de linha de costa pela Ucrânia e pela Rússia. É de destacar que a posse política e militar da Crimeia permitirá à Rússia, de forma unilateral, controlar todas as entradas e saídas, por via marítima, do Mar de Azov, uma vez que as duas margens do estreito de Kerch estarão sob gestão russa.



Figura 9 – Estreito de Kerch

Fonte: (<http://euromaidanpress.com>).

Importa acrescentar uma nota de que, na sequência da tomada do controlo da Crimeia, a Rússia parece ter recuperado uma ideia, que foi possível identificar como já tendo estado na ideia de Hitler, que consiste precisamente na construção de uma ponte que ligue a Crimeia à Rússia (figura 10). Algumas notícias vindas a público, apontam as empresas chinesas como sendo as que poderão vir a executar a infraestrutura.

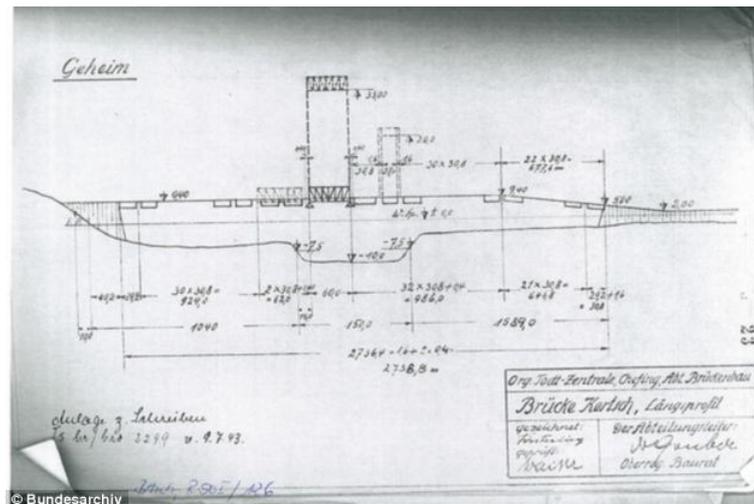


Figura 10 – Projeto alemão de Hitler para o Estreito de Kerch

Fonte: (<http://www.wsj.com>).

d. Ambiente natural

O ambiente natural do Fator Físico pode ser caracterizado pelos seguintes elementos: relevo, hidrografia, solo, vegetação e clima.

(1) Relevo

Os acidentes da superfície terrestre afetam significativamente a circulação e, conseqüentemente, o povoamento, a homogeneidade da população e a sua coesão.

Dum ponto de vista estratégico-militar, as zonas montanhosas podem constituir obstáculos, zonas de refúgio propícias a atividades de guerrilha, ou conter pontos de passagem obrigatória. Em oposição, as zonas de planície possibilitam a manobra e o movimento e têm menor valor defensivo. Normalmente, correspondem a linhas ou direções naturais de invasão.

Importa ainda destacar que, juntamente com o relevo, o clima, o solo e a hidrografia condicionam a produção agrícola e industrial.

O relevo da Ucrânia caracteriza-se essencialmente por não ter significativas elevações montanhosas, sendo que apenas 5% do território ucraniano se encontra acima dos 500 m de altitude, designadamente nas regiões dos Cárpatos e da Crimeia. De uma forma geral o território ucraniano pode ser dividido em quatro zonas: um planalto a oeste, uma região de vales a este, uma compartimentação topográfica do país marcada por um importante rio

(Dniepre) e uma zona costeira, que inclui grande parte da Crimeia, onde se desenvolve um espaço plano de baixa altitude (figura 11).

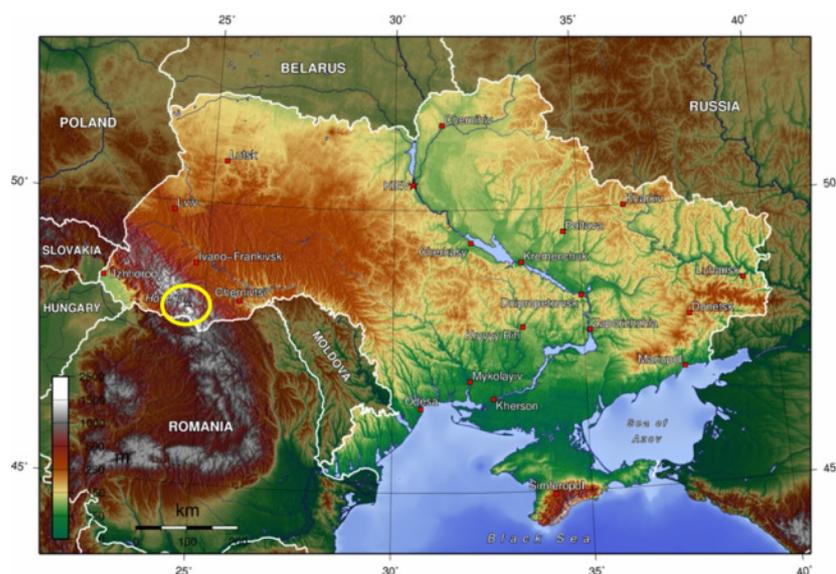


Figura 11 – Relevo da Ucrânia

Fonte: (<http://en.wikipedia.org>).

Em termos de relevo importa ainda destacar a região costeira do Mar de Azov, onde é possível encontrar uma região com algumas elevações e planaltos.

A cadeia montanhosa dos Cárpatos atravessa solo ucraniano na região Oeste, no sector onde a Ucrânia faz fronteira com diversos países, nomeadamente Polónia, Eslováquia, Hungria e Roménia. É precisamente nesta região que se situa o ponto mais alto do território ucraniano, o Monte Hoverlya, com 2.061 m de altitude (a amarelo na figura). Na península da Crimeia o relevo é também muito marcado por uma cadeia montanhosa situada na Costa Sul da península (figura 12). É nesta região que se situa o ponto mais elevado da Crimeia, o Monte Roman-Kosh, com 1.545 m (a amarelo na figura).

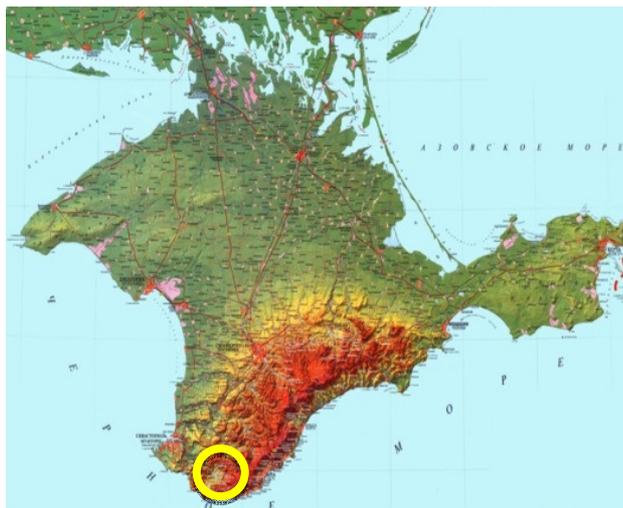


Figura 12 – Relevo da Crimeia

Fonte: (<http://www.globalsecurity.org>).

(2) Hidrografia

Em termos de coesão, as águas interiores podem ter um duplo papel: elemento de ligação ou obstáculo.

Os rios sempre desempenharam a função de vias de penetração e de comunicação, em maior ou menor grau, de acordo com as suas características. Contudo, se um rio constitui um elo de ligação das comunidades que habitem as suas margens, numa situação de conflito esse mesmo rio poderá constituir um obstáculo ao movimento de largos efetivos e materiais e ser mesmo um acidente de terreno de valor, sobre o qual se apoiem operações defensivas.

A rede hidrográfica de um país, para além dos aspetos referidos, ganha relevância por poder ser fonte de abastecimento de água para consumo, como fator de desenvolvimento e sustentação da atividade agrícola, da indústria e da produção energética. Os rios também podem ser importantes como vias de comunicação e como fatores de coesão da população.

O território ucraniano é servido por uma relevante rede hidrográfica que, de uma forma geral, serve grande parte do país com rios relevantes, de onde se destacam os marcados a vermelho na figura 13.



Figura 13 – Principais rios ucranianos

Fonte: (<http://www.mapsofworld.com>).

A Ucrânia tem no seu território o terceiro maior rio europeu em termos de comprimento, o Dniepre, sendo apenas ultrapassado nesta característica pelo Volga e pelo Danúbio. Conforme já atrás referido, este rio marca claramente uma compartimentação geral norte-sul do território (figura 14).



Figura 14 – Compartimentação da Ucrânia em termos de orografia

Fonte: (<http://eukraine.org>).

O Dniepre, que nasce na Rússia, é efetivamente o mais importante rio da Ucrânia, tendo um desenvolvimento, desde a sua nascente até ao Mar Negro, de 2.290 Km. Em território ucraniano o Dniepre tem uma extensão de 980 Km. O seu percurso em solo ucraniano tem inicialmente uma orientação virada a Este, invertendo depois para um alinhamento Sudoeste, antes de desaguar no Mar Negro.

Como se pode perceber pela sua bacia hidrográfica (figura 15), mais de metade dos rios ucranianos fazem parte da bacia do Dniepre, que engloba uma vasta área com cerca de 518.000 Km².

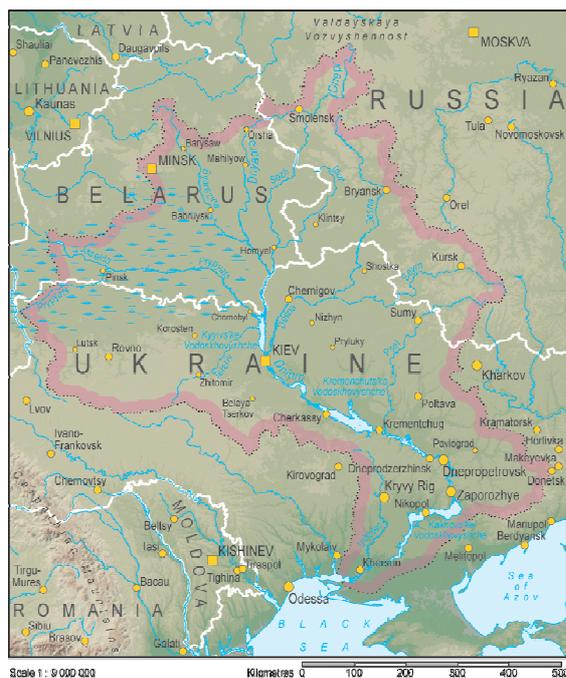


Figura 15 – Bacia hidrográfica do Dniepre

Fonte: (<http://www.grid.unep.ch>).

O percurso do rio na Ucrânia atravessa algumas das zonas mais industrializadas do país, bem como muitas das áreas de maior desenvolvimento económico. Em termos de navegabilidade, o Dniepre, em solo ucraniano, é quase na sua totalidade navegável, pese embora durante o inverno algumas partes congelem. O rio alimenta ainda diversas barragens hidroelétricas ucranianas e importantes reservatórios de água. Também a capital ucraniana, Kiev, fica localizada no Dniepre, mais propriamente no seu troço norte.

Também o segundo maior rio europeu em extensão (2.850 Km), o Danúbio, passa pela Ucrânia, ainda que numa curta distância, indo desaguar no Mar Negro. O Danúbio passa por território ucraniano na zona da fronteira com a Roménia, na região costeira do Mar Negro. O Danúbio tem sido, desde a antiguidade, vital enquanto ligação comercial e via de comunicação, entre o Mar Negro e o centro da Europa (figura 16).



Figura 16 – Percurso do Danúbio

Fonte: (<http://hair-beauty.allphotos.club>).

O rio Dniester, com 1.400 Km, que nasce na já referida cadeia montanhosa dos Cárpatos, marca fisicamente parte da fronteira da Ucrânia com a Moldávia, antes de desaguar no Mar Negro a sudoeste de Odessa (figura 13). A grande maioria dos produtos da bacia do Dniester são enviados para os mercados asiáticos e europeus, ou encaminhados através do Mar Negro para outras regiões. A bacia do Dniester engloba cerca de 77.700 Km. No Inverno o rio fica em grande parte de seu curso gelado.

O Donets, rio que se localiza na região este da Ucrânia, tem também a sua origem na Rússia, correndo para sul até desaguar no Mar Negro, já depois de entrar novamente em território russo e depois de percorrer em todo o seu percurso 1.015 Km. Este rio é um afluente do Don, rio Russo que desagua no Mar de Azov (figura 16).

Importa destacar a relevância do rio Don, ou mais propriamente da sua bacia, conhecida por “Don Bas”. Esta bacia hidrográfica marca, no lado ucraniano, uma região onde a população revela uma grande afinidade com a Rússia (figura 17).

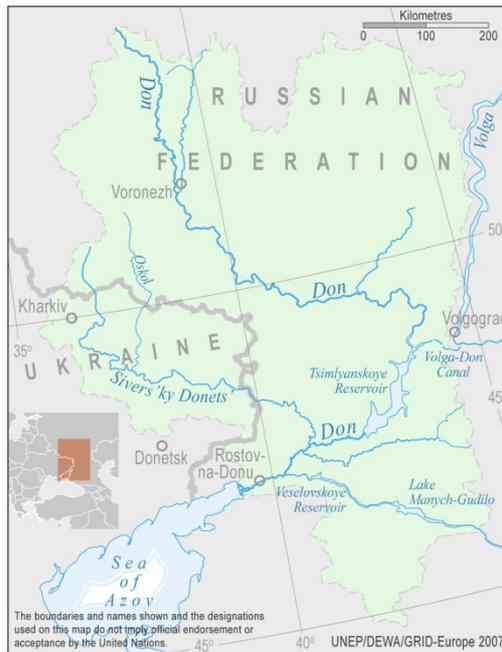


Figura 17 – Bacia hidrográfica do Don

Fonte: (<http://grid.unep.ch>).

Importa também fazer uma breve caracterização da Ucrânia em termos de bacias de água interiores, sejam barragens ou lagos naturais (figura 18).

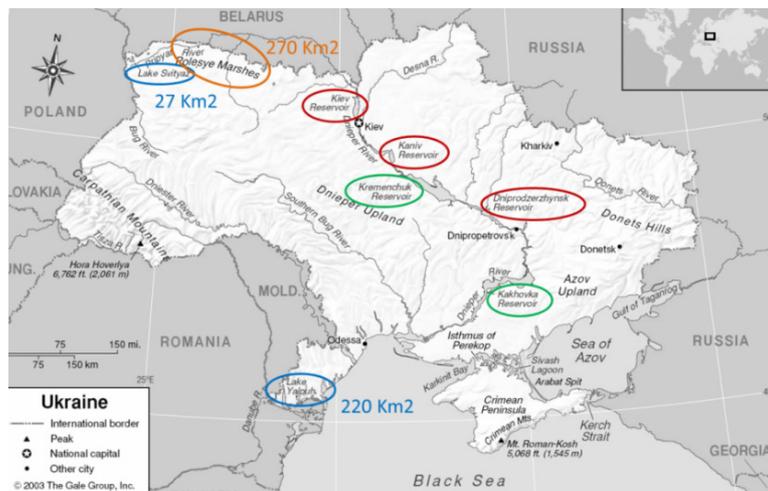


Figura 18 – Principais reservatórios de água ucranianos

Fonte: (<http://ic.galegroup.com>).

Mais de 20.000 pequenos lagos marcam a paisagem ucraniana, cobrindo no total mais de 18.100 Km². Os maiores lagos do país são quase todos artificiais, sendo que as barragens construídas no Dniepre materializam também grandes reservatórios de água.

Os maiores destes reservatórios são as barragens de Kremenchuk e de Kakhovka (a verde na figura 18). Merecem também destaque pela sua relevância as barragens de Kiev, Kaniv e Dniprodzerzhynsk (assinaladas a vermelho na figura 18). Estes reservatórios são essencialmente utilizados para efeitos de produção energética, controlo de cheias e irrigação de solos.

Em termos de lagos naturais, merece destaque especial, por ser o de maior dimensão, o Lago Yalpuh (marcado a azul na figura 18), com aproximadamente 220 Km. Este lago fica localizado na região sul da Ucrânia perto das fronteiras com a Moldávia e com a Roménia, na região do leito de cheia do Danúbio. Outro grande lago natural existente em solo ucraniano, o Lago Svityaz com 27 Km, fica localizado no sector Noroeste do país, perto das fronteiras com a Polónia e com a Bielorrússia. Na mesma região existe ainda uma relevante região pantanosa situada ao longo do rio Pripyat. O pântano Polesye (marcado a castanho na figura 18) cobre uma área com aproximadamente 270 Km, fazendo dele o maior da Europa. Cerca de um terço daquela área é coberta por floresta, variado a sua altitude entre os 100 m, na zona nordeste, e os 250 m na sua zona mais a sul.

(3) Solo e vegetação

A natureza do solo, conjugada com o clima e a morfologia, tem uma importância fundamental no valor económico de uma região. Constitui uma vulnerabilidade de qualquer Estado a elevada insuficiência de produtos alimentares, o que conduzirá a uma dependência externa. A natureza do solo condiciona também o emprego de meios militares, designadamente no que se refere à mobilidade dos meios. A vegetação constitui também um fator que poderá ter algum peso na economia, podendo influenciar a distribuição das populações. Em termos militares, as grandes manchas vegetais podem constituir obstáculos, ou podem contribuir para a valorização de outros obstáculos, como sejam, as regiões montanhosas. Grande parte do território da Ucrânia é constituída por planícies férteis e por planaltos. O solo de uma forma geral é fértil, e quando a Ucrânia fazia parte da URSS era designado como o “cesto de pão”. Cerca de 57% do solo ucraniano é arável sendo que, em 2004, 4 % da área do território era servida por sistemas de irrigação (figura 19).

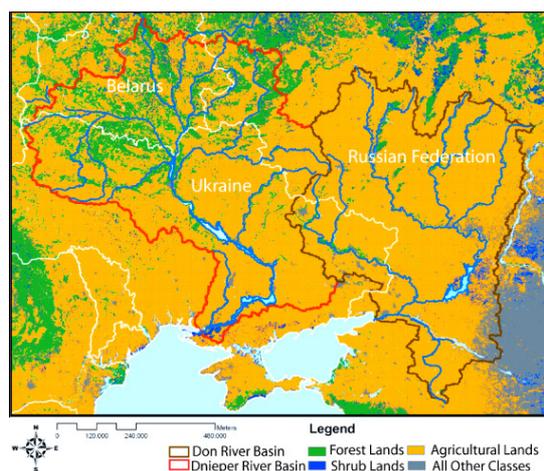


Figura 19 – Principais reservatórios de água ucranianos

Fonte: (<http://iopscience.iop.org>).

Como se percebe pela figura 19, as regiões com maior densidade florestal são as montanhas dos Cárpatos e os pântanos de Polesye, situadas no sector Noroeste da Ucrânia. A utilização do solo ucraniano, como se pode perceber pela infografia identificada como figura 20, é muito centrada na atividade agrícola, onde se incluem as zonas de pastagens (13%), as de produção de produtos agrícolas (45%) e de vinhas (2%). As zonas de floresta ocupam cerca de 18% do solo ucraniano, representando os corpos de água na ordem dos 4% da área do território, valor equivalente ao espaço utilizado por estruturas diversas e pela rede viária (figura 20).

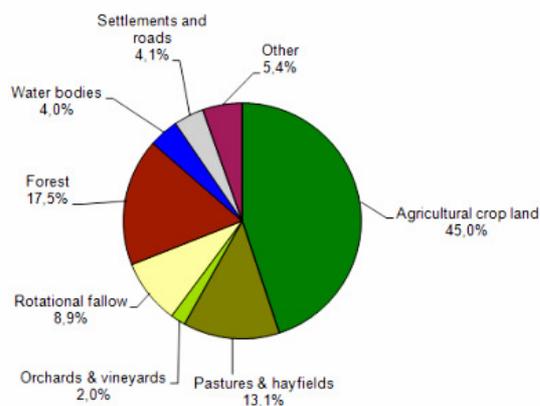


Figura 20 – Uso do solo na Ucrânia

De uma forma mais geral, pode-se caracterizar o território ucraniano como tendo quatro zonas tipo: as zonas montanhosas, a zona de florestas, uma zona de pradarias e entre estas duas últimas, uma área de transição onde as florestas e as pradarias simultaneamente estão presentes (figura 21).



Figura 21 – Caracterização macro do espaço ucraniano em termos geográficos

Fonte: (<http://historum.com>).

(4) Clima

A temperatura, humidade, nebulosidade, precipitação e outros aspetos caracterizadores das condições climáticas de um território, influenciam o tipo de utilização dos solos, a fauna, a flora e a própria atividade humana.

A maior ou menor adversidade do clima condiciona a saúde, a energia necessária para desenvolver trabalho, atuando ainda sobre aspetos culturais, designadamente habitação, tipo de atividade, alimentação, hábitos, densidade populacional e, inclusivamente, sobre a perceção do espaço. A relação clima-cultura deve ser entendida de uma forma pragmática, do ponto de vista das características morais e culturais do homem que se bate com o desafio de um conjunto de condições naturais e não de uma perspetiva determinista em que um conjunto de condições naturais origina sempre o mesmo tipo de homem e de sociedade.

Na Ucrânia continental o clima é temperado, ao passo que na Crimeia pode ser designado de subtropical. A temperatura média em julho é de cerca de 10° C, contudo em janeiro a temperatura média do território baixa para os -6° C. A figura 19 permite perceber mais em detalhe a distribuição média

das temperaturas na Ucrânia, por região e por estações do ano. Assim, é possível verificar que toda a zona sul, incluindo a Crimeia, apresenta em média temperaturas mais elevadas, pese embora no território continental no inverno ser possível encontrar temperaturas negativas. Em média, a faixa norte do território não apresenta grandes variações de temperatura, sendo apenas de registar que toda a referida zona no inverno experimenta temperaturas negativas, que são mais acentuadas no setor este do território.

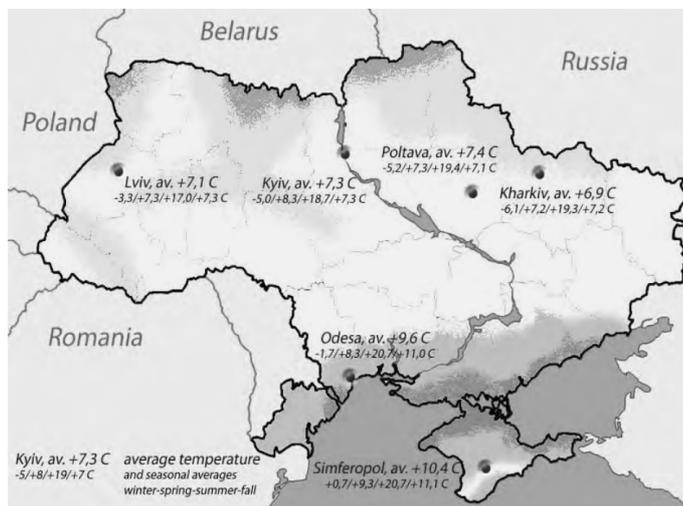


Figura 22 – Temperatura média no território ucraniano, por regiões e por estações do ano

Fonte: (<http://ukrmap.su>).

Em termos de precipitação, o território ucraniano apresenta alguma diferenciação sendo possível perceber que os níveis de precipitação são mais elevados na região noroeste, onde como já referido, se encontram as maiores elevações do país. O padrão de pluviosidade média caracteriza-se por uma diminuição no sentido oeste-este na faixa norte do território, bem como por uma redução no sentido norte-sul. Uma exceção a este último facto centra-se na Crimeia onde a região mais montanhosa, situada a sul da península, apresenta valores médios de pluviosidade da mesma ordem de grandeza dos verificados no setor este continental. Importa ainda destacar que é no período de verão que se verificam os maiores níveis de pluviosidade (figura 23).

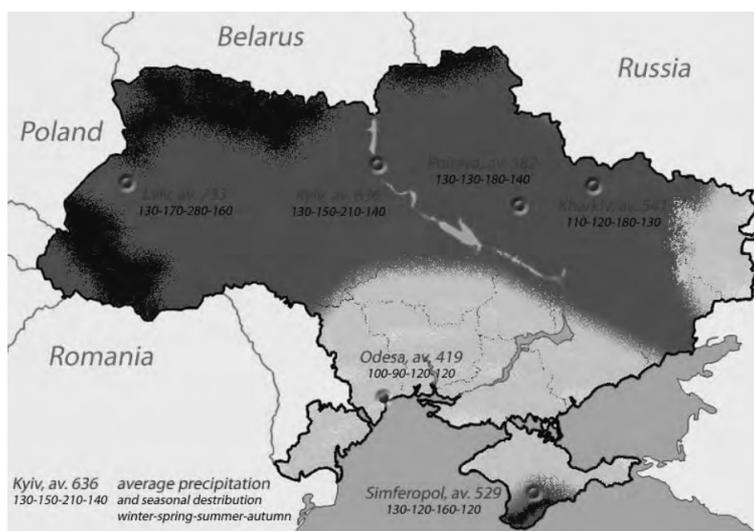


Figura 23 – Precipitação média em território ucraniano, por regiões e por estações do ano

Fonte: (<http://www.eea.europa.eu>).

O perfil típico de precipitação e de temperaturas verificadas na região da capital do país, é apresentado na figura 24, sendo possível verificar que a altura do ano onde a pluviosidade é mais acentuada é precisamente no Verão.

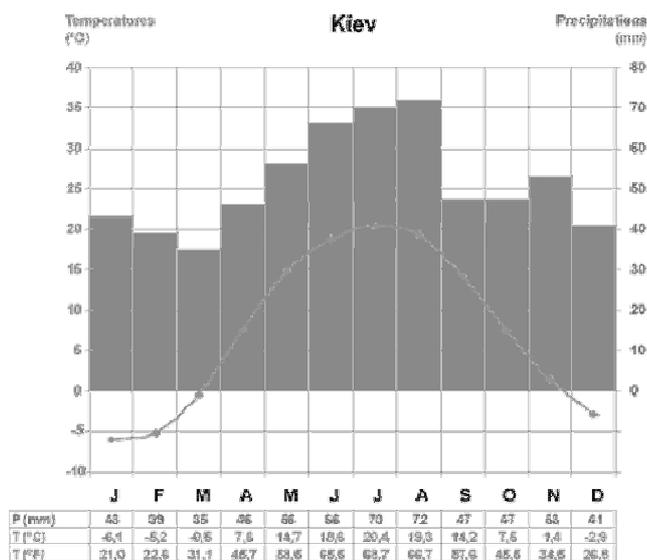


Figura 24 – Perfil tipo de precipitação e temperatura na região de Kiev

Fonte: (<http://www.ukraineb2b.org>).

2. Fator Humano

a. Introdução

A população ucraniana encontra-se, numa abordagem genérica, dividida entre um leste sul do país onde se concentra a maioria dos falantes de russo e um oeste e norte onde se concentram os ucrano-falantes. Esta divisão também reflete a imagem política do país, com as visões pró-russas mais frequentes no leste e no sul e os sentimentos pró-europeus, associados aos pró-ocidentais a serem mais comuns no ocidente e no norte do território. Esta divisão não deve ser entendida como estrita e seria incorreto descrever a Ucrânia como socialmente dividida tendo somente estes dados como referência.

A minoria mais numerosa da Ucrânia é a russa, encontrando-se numa situação ambígua. Tratava-se da minoria na Ucrânia que era da nacionalidade dominante no período soviético (a russa) e, durante quase todo o século XX tinha mantido posse de algumas prerrogativas especiais, que levavam os observadores a considerá-la uma espécie de “maioria psicológica” na Ucrânia Soviética. Na Ucrânia independente, no entanto, este estatuto foi sendo cada vez menos assegurado. Apesar de nunca ter estado em questão a atribuição da nacionalidade ucraniana, a maioria dos russófilos sentiu-se frustrada por o idioma russo não ter sido reconhecido como segunda língua oficial do país. Este assunto ficou parcialmente resolvido em 2012, quando foi aprovado um decreto que concedia às autoridades regionais o direito de conferir estatuto de língua oficial regional aos idiomas das minorias. Mais ainda, a ucranização gradual do sistema de ensino nunca foi muito popular nas regiões de maioria russa. Esta matéria foi-se complicando quando a Rússia expressou vontade de defender os direitos das minorias étnicas russas naquilo a que passou a designar de “estrangeiro próximo”, que inclui a Ucrânia.

b. Demografia

A população da Ucrânia, residente, contabiliza-se em cerca de 45 milhões¹, aos quais se podem adicionar cerca de 20 milhões estimados na

¹ De acordo com Mark Adomanis, analista e investigador norte-americano, no início de 2014, os ucranianos eram 44 840 743, representando uma descida dos 45, 550 milhões do ano anterior (Adomanis, 2014). O sítio oficial do Governo da Ucrânia declara 43 009 258 habitantes, a 1 de maio de 2014. O *World Factbook* da CIA, referindo-se a dados de julho de 2014, apresenta o número de 44 291 413 habitantes (CIA, 2014). Esta diferença de números proveniente de origens diferentes sugere que se tenha em conta uma só fonte para efetuar toda a análise. Por outro lado, qualquer fonte utilizada, terá os seus critérios de edição, pelo que não pode deixar

diáspora. Desde a independência, a população da Ucrânia tem vindo a decrescer, devido essencialmente ao efeito combinado da emigração, com uma taxa de óbitos superior à de nascimentos (permilagem de 11,4 contra 14,5), o que redundava numa taxa de crescimento negativa de -3,1‰ (dados de 2012). Trata-se do quarto país no mundo cujo declínio populacional é mais acentuado, perdendo cerca de 150 000 habitantes por ano (Anon., 2014c).

O país é bastante instável no que respeita à demografia. A crise demográfica ucraniana tornou-se especialmente visível após a independência, em 1991. O colapso da União Soviética representou uma quebra demográfica assinalável e nas últimas duas décadas, a Ucrânia apresenta uma baixíssima taxa de fertilidade, na ordem de 1,4, ao passo que a Eslováquia apresenta 2,4; a Polónia 2,3; a República Checa 2,1 e a Hungria 1,9 (Adomanis, 2014).

c. Densidade Populacional

A densidade populacional, em 2011, era de 78,90 habitantes por Km². Até 1997, a população ucraniana aumentou, embora a ritmo moderado, tendo atingido um pico de 87,33 habitantes por Km². A partir do ano seguinte, a densidade começou a baixar, numa tendência que se mantém até hoje.

Em 2011, a população urbana contabilizava-se em 68,9% do total, pelo que mais de dois terços dos ucranianos vivem nas cidades. As maiores áreas urbanas são Kiev (2,8 milhões), Kharkiv (1,4 milhões), Odessa (1 milhão), Dnipropetrovsk (990 000) e Zaporizhzhya (771 000) (CIA, 2014).

d. Estrutura Etária e crescimento populacional

Dados de 2014 mostram que 45% da população ucraniana está na faixa entre os 25 e os 54 anos, pelo que se pode afirmar que a população ativa constitui cerca de metade da população total. O encolhimento da pirâmide etária (ver figura 25) no que respeita à população abaixo dos 19 anos, afasta a ideia de que a crise demográfica ucraniana se deva principalmente à emigração. O encolhimento da pirâmide na sua base sugere uma drástica redução da taxa de natalidade. Os dados numéricos são claros a este respeito: a Ucrânia tem uma taxa de natalidade de 9,41‰, que corresponde ao 226º lugar entre os 233 países contabilizados pela CIA. A Ucrânia apresenta, em 2014, uma taxa de crescimento negativa de -0,64% (Portugal mantém uma taxa positiva, ainda que baixa, de 0,12%, correspondendo ao 184º lugar na mesma lista de 233 países. A taxa de mortalidade na Ucrânia é a segunda mais elevada do mundo, correspondendo a 15,72‰, ao passo que a de natalidade não ultrapassa os 9‰. Ao contrário do que possa parecer à primeira vista, face à

de ser encarada com alguma crítica. Escolhermos utilizar os dados oficiais, do governo ucraniano, patentes no sítio *"All Ukrainian Population Centre"*.

e. Esperança média de vida e idades médias

A esperança média de vida na Ucrânia é muito baixa, quando comparada com o resto do mundo. No caso masculino, está calculada em 65,98 anos, e nas mulheres, 75,88 anos². A mortalidade infantil tem vindo a reduzir, mas em 2011 era de 9 mortes por 1000 nascituros (9‰), e em 2012 8,5‰.

A idade média total é de 40,6 anos, sendo que a dos homens é 37,3 anos e a das mulheres de 43,7 anos³.

f. Escolaridade e trabalho infantil

A taxa de literacia total é de 99,7%, sendo que nos homens é de 99,8% e nas mulheres de 99,6%. Em média, um ucraniano tem 15 anos de frequência escolar. Estima-se que 7% das crianças entre os 5 e os 14 anos sejam empregues em trabalho infantil.

g. Etnografia

Num artigo publicado em 1997, intitulado “*Ethnic Re-identification in Ukraine*” o Gabinete de Censos dos EUA, o autor, Rapawy (1997) previra que um número considerável de habitantes que se considerara como “russo” no censo de 1989, passaria a identificar-se como “ucraniano” em 2001⁴. Na era soviética, os termos “russo” e “soviético” passaram a ser usados indistintamente e representavam a identificação com o Estado soviético, uma vez que o russo era a língua oficial do poder soviético. Não surpreende, portanto, que no censo de 1989, uma larga franja dos cidadãos ucranianos se apresentasse como russa. Além disso, a identificação russa era a naturalmente adotada pelos filhos de um progenitor etnicamente russo e que se consideravam com identidade soviética. Também o era pela generalidade dos ucranianos que viviam em áreas com grande número de russos étnicos⁵.

Os valores obtidos nos censos de 2001 revelam que o grupo maioritário é o ucraniano e representa cerca de 77% da população, seguido do russo com 17,2%. Rapaway, no entanto, refere que, possivelmente, a percentagem de russos genuínos não deve ser superior a 11%. Algumas das razões que justificam esta afirmação são apresentadas mais adiante.

² Para Portugal, o cálculo é de 79,01 para o total da população, de 75,76 anos para os homens e 82,47 anos para as mulheres (CIA, 2014).

³ 41,1 anos, no caso de Portugal, sendo que nos homens é de 39 e nas mulheres de 43,3 anos (CIA, 2014).

⁴ Ver, mais adiante, a questão do idioma enquanto identificador étnico.

⁵ Em russo há um termo específico para designar a população etnicamente russa: “*russkii*” (Kuzio, 2003).

Para além dos dois grupos étnicos principais, nenhum dos restantes chega a representar 1% da população. De entre estes, o grupo de moldavos/ romenos é o mais significativo (0,8%)⁶.

Population of Ukraine according to ethnic group 1959-2001

Ethnic group	census 1959 ¹		census 1970 ²		census 1979 ³		census 1989 ⁴		census 2001 ⁵	
	Number	%								
Ukrainians	32,158,493	76.8	35,283,857	74.9	36,488,951	73.6	37,419,053	72.7	37,541,693	77.5
Russians	7,090,813	16.9	9,126,331	19.4	10,471,602	21.1	11,355,582	22.1	8,334,141	17.2
Moldavians / Romanians	341,512	0.8	378,043	0.8	415,371	0.9	459,420	0.9	409,608	0.8
Belarusians	290,890	0.7	385,847	0.8	406,098	0.8	440,045	0.9	275,763	0.6
Crimean Tatars	193	0.0	3,554	0.0	6,636	0.0	46,807	0.1	248,193	0.5
Bulgarians	219,419	0.5	234,390	0.5	238,217	0.5	233,800	0.5	204,574	0.4
Hungarians	149,229	0.4	157,731	0.3	164,373	0.3	163,111	0.3	156,566	0.3
Poles	363,297	0.9	295,107	0.6	258,309	0.5	219,179	0.4	144,130	0.3
Jews	840,311	2.0	777,126	1.7	634,154	1.3	486,628	1.0	103,591	0.2
Armenians	28,024	0.1	33,439	0.1	38,646	0.1	54,200	0.1	99,894	0.2
Greeks	104,359	0.3	106,909	0.2	104,091	0.2	98,594	0.2	91,548	0.2
Tatars	61,334	0.2	72,658	0.2	83,906	0.2	86,875	0.2	73,304	0.2
Romani	22,515	0.1	30,091	0.1	34,411	0.1	47,917	0.1	47,587	0.1
Azerbaijanis	6,680	0.0	10,769	0.0	17,235	0.0	36,961	0.1	45,176	0.1
Georgians	11,574	0.0	14,650	0.0	16,301	0.0	23,540	0.1	34,199	0.1
Germans	23,243	0.1	29,871	0.1	34,139	0.1	37,849	0.1	33,302	0.1
Gagauzs	23,530	0.1	26,464	0.1	29,398	0.1	31,967	0.1	31,923	0.1
Karaites	3,301	0.0	2,596	0.0	1,845	0.0	1,404	0.0	1,196	0.0
Others	129,338	0.3	157,084	0.3	165,650	0.3	209,172	0.4	539,604	1.1
Total	41,869,046		47,126,517		49,609,333		51,452,034		48,416,000	

Figura 27 – População da Ucrânia por grupo étnico

Fonte: (http://en.wikipedia.org/wiki/Demographics_of_Ukraine#Population).

A única região administrativa da Ucrânia em que os russos são maioria é a República da Crimeia, onde constituíam 58% da população em 2010, constituindo esta percentagem já uma redução dos 65% registados nos censos de 1989. A restante população da Crimeia, referida a 2010, consistia em 22% de ucranianos e 20% de tártaros (Anon., 2014, p. 1). Os dados do governo ucraniano referidos à República Autónoma da Crimeia

⁶ É virtualmente impossível distinguir moldavos de romenos dentro do espaço ucraniano, cuja maioria vive na antiga Bukovina, hoje região administrativa ucraniana de Chernivtsi. A Bukovina, berço histórico da Moldávia, encontra-se dividida entre a Ucrânia e a Roménia. A Moldávia de hoje coincide, sensivelmente com a Bessarábia, mas já não inclui a Bukovina. Romenos e moldavos compartilham a mesma língua, com ligeiras diferenças regionais mas que, os primeiros escrevem usando o alfabeto latino e os segundos o cirílico (nota dos autores).

identificam uma população total de 1 968 550, sendo que, destes, cerca de dois terços constituem população urbana⁷.



Figura 28 – Grupos linguísticos da Ucrânia

Fonte: (<http://en.wikipedia.org/wiki/File:UkraineNativeLanguagesCensus2001detailed-en.png>).

A população polaca que outrora habitava no espaço que hoje é Ucrânia foi deportada em duas grandes vagas (1939-1941 e 1944-1946). Ainda subsistem pequenos enclaves polacos em Kiev, Lviv, Zhitomir e Khmelnytsky. A maioria das comunidades húngara e romena vive na Transcarpátia (constituindo 12,5% da população da região) e em Chernivtsi (19,6%), encostados, respetivamente, às fronteiras da Hungria e Roménia. A maioria dos búlgaros vive em Odessa, constituindo 6,3% dos habitantes da região (os moldavos constituem outro grupo significativo em Odessa, com 5,5%).

Sem contabilizar a Crimeia, a maior concentração de russos é em Luhansk, onde totalizam 44,8% da população, seguida pelos *oblasts* de Kharkiv, Zaporozhzhia, Odessa, Dnipropetrovsk e Kherson. Todas estas cidades se situam no leste ou no sul da Ucrânia. Apesar dos russos não constituírem maioria em nenhum dos *oblasts*, se adicionados aos ucranianos russófonos, o conjunto passa a maioritário no leste e no sul. Este efeito conjunto de russos étnicos (russófilos) e ucranianos falantes de russo (russófonos) pode ser visualizado na figura 28, cuja cor vermelha indica as regiões em que o idioma russo ultrapassa os 80% de falantes. A base eleitoral de

⁷ Para o panorama completo da população ucraniana, consultar o documento oficial do governo ucraniano em http://database.ukrcensus.gov.ua/PXWEB2007/eng/news/op_1_e.pdf.

Yanukovych (Partido das Regiões) assenta neste grupo que, para este efeito, é indistinto (russos étnicos + ucranianos russófonos).

Kuzio (2003), numa reflexão sobre os censos de 2001, assinala a diminuição de ucranianos russófonos e/ou etnicamente russos em 5% e um aumento semelhante de população que afirmou ter o idioma ucraniano como primeira escolha. A interpretação destes valores não é direta como pode parecer à primeira vista e justifica que nos detenhamos mais atentamente nesta questão da língua.

A discussão sobre o estatuto legal do idioma russo na Ucrânia tem vindo a ser um tema recorrente desde a independência. A constituição de 1996 confirmou o ucraniano como idioma oficial, admitindo-se o uso de outros idiomas em regiões com maiorias que o justificassem. Em julho de 2012, sob Yanukovych, foi aprovada legislação que transformou o russo em idioma oficial.

Os censos de 2001 aplicaram dois conceitos diferentes de classificação do idioma. Os ucranianos associaram a questão sobre a “língua nativa” à sua origem étnica, sendo que o idioma utilizado no dia-a-dia foi designado por “língua de conveniência”. A esmagadora maioria dos ucranianos é, na realidade, bilingue. Na prática, vêm o ucraniano como língua nativa, mas não vêm o russo como língua estrangeira⁸. Ucránófonos e russófonos puros (que utilizam somente um dos idiomas) são uma minoria. Estas minorias existem verdadeiramente somente na Ucrânia Ocidental (onde o russo foi banido do sistema educativo) e na bacia do Don e Crimeia (onde a ucranização do sistema educativo não se fez sentir) (Kuzio, 2003). Há uma diferença entre estes e os que, falando as duas línguas, afirmam, nos dias de hoje, falar uma só, agregando-se deliberadamente a uma das etnias.

Ainda sobre a língua, há a referir que a legislação de 2012 permite que um idioma que seja falado por mais de 10% de uma região adquira o estatuto de “língua regional”. Significa que pode ser utilizada nos tribunais, nas escolas e em quaisquer outras estruturas do Estado (CIA, 2014).

h. Religião

Os cidadãos ucranianos professam uma variedade considerável de religiões, identificando-se a Igreja Ortodoxa do Patriarcado de Kiev, a Igreja Ortodoxa do Patriarcado de Moscovo, a Igreja Ortodoxa Grega da

⁸ Esta ideia foi sempre expressa por Leonid Kuchma. Este antigo presidente da Ucrânia nasceu em Chernigov, no norte, mas passou a maior parte da sua vida adulta a trabalhar e, Dnipropetrovsk, no leste. Declarou-se etnicamente ucraniano quando entrou para o Parlamento, em 1990. Já o primeiro Ministro da Defesa da Ucrânia independente, Konstantin Morozov, nasceu em Donbas, no leste, e foi registado, à nascença, como “russo”, pelos seus pais, na era soviética, embora estes fossem, na realidade, ucranianos (Kuzio, 2003).

Ucrânia, a Igreja Ortodoxa Autocéfala da Ucrânia, algumas confissões Católicas Protestantes, Igreja Cristã Católica Romana, Islão e Judaísmo. Também existem outras confissões, mas com muito menos expressão.

Como se pode verificar, a maioria das confissões é cristã. No entanto, cerca de dois terços dos ucranianos que se apresentam como cristãos não se identificam com nenhuma confissão em particular. A Igreja Ortodoxa do patriarcado de Kiev e a de Moscovo, em conjunto, representam menos de um quarto da população total da Ucrânia. A Igreja Ortodoxa Grega engloba uns 8 a 10 %, o que deixa somente perto de 5% a distribuir pelas restantes confissões (CIA, 2014).

3. Fator Recursos

Ao longo da sua história, a Ucrânia tem sido um importante produtor agrícola devido ao solo fértil. Na década de 1930, a Ucrânia viu, também, a indústria pesada desenvolver-se rapidamente sob o domínio soviético, particularmente nas regiões ricas em minerais, em Donetsk e Kryvyi Rih, onde a industrialização começou mais cedo. No entanto, a Ucrânia teve de suportar o custo deste rápido desenvolvimento, sobretudo a fome extrema que passou no período de 1932-1933. Na década de 1980, a economia ucraniana deteriorou-se, o que levou à diminuição da produção, devido a uma organização económica socialista ineficiente. O colapso da União Soviética, em 1991, atingiu fortemente o setor industrial ucraniano. O resultado foi um declínio dramático da produção. A falência económica da Ucrânia foi exacerbada pela hiperinflação, em 1993. De seguida, abordam-se os setores chave da economia ucraniana.

a. Indústria

Apesar dos investimentos de modernização em alguns setores importantes, nos últimos anos, a maior parte do capital social da indústria ucraniana ainda é antiquado. Especificamente, o importante setor dos recursos minerais ainda possui equipamentos obsoletos e ineficientes. O enorme potencial da Ucrânia não está em dúvida, mas o risco, de curto e médio prazo, permanece elevado para os investidores menos especializados. É necessário um programa de reforma estrutural viável e convincente, para desbloquear este potencial. Por causa da ênfase na União Soviética na indústria pesada, a Ucrânia continua a ser uma das economias mais industrializadas da Europa, pelo menos em termos de participação da indústria no valor acrescentado bruto. Além disso, quase um terço dos trabalhadores pertence ao setor industrial.

As indústrias ligeiras permanecem subdesenvolvidas, no entanto, o capital social da indústria ainda aguarda modernização em larga escala. A eficiência energética do setor é reduzida, situando-se ao nível das piores do mundo; uma área-chave que constitui preocupação é a crescente procura de energia. As indústrias pesadas, como os metais, incluindo a produção de aço, dominam a cena, enquanto a produção de produtos químicos, bem como máquinas e equipamentos, desempenham, também, um papel importante.

Produção Metalurgia / Siderurgia:

A economia da Ucrânia sofreu um declínio de dois dígitos durante e após a crise mundial de 2008-2009. Em parte este declínio deveu-se a uma queda elevada das exportações da Ucrânia, como o aço, do qual o país depende bastante. As exportações de metal e aço contribuem com cerca de 30-40% do total das receitas de exportação. O setor prosperou durante o aumento na procura de mercadorias globais a partir de 2003, mas praticamente entrou em colapso com a crise económica mundial, no final da década. Além disso, os exportadores de aço ucranianos têm-se esforçado para manter a sua quota de mercado em face da forte concorrência com as exportações de aço chinesas subsidiadas. A maioria das empresas ucranianas permanece ineficiente em termos de energia, quando comparadas com as suas concorrentes globais, o que aumenta os custos de produção e afeta negativamente a sua competitividade.

b. Agricultura

A agricultura, que inclui a silvicultura e a pesca, é responsável por cerca de um décimo do valor acrescentado bruto, o que é relativamente alto para um país industrializado, mas ainda assim razoável, dada a abundância de terra fértil. As culturas primárias são beterraba, trigo, milho e açúcar. A criação de gado (bovinos, porcos, ovelhas e cabras) também é comum. O setor emprega cerca de 20% da força de trabalho. A herança do passado soviético da Ucrânia ainda é visto na organização da produção agrícola: cooperativas e quintas estatais continuam a ser comuns, embora a maioria das culturas de frutas e de legumes sejam produzidas em pequenos terrenos privados. Mesmo que a agricultura continue a ser fortemente subsidiada pelo governo, a produção setorial permanece a mais baixa em comparação com o nível alcançado no âmbito de planeamento soviético. A exploração florestal (nas montanhas dos Cárpatos, no oeste) tem diminuído desde a colheita excessiva de madeira durante os anos 1950 e 1960, e a Ucrânia, agora, precisa de importar a maioria da sua madeira e papel. A indústria pesqueira também tem visto um declínio acentuado desde a independência.

c. Transporte de Petróleo e Gás

A Ucrânia tem sido o principal país de passagem das exportações de gás russo para a Europa, dado que aproximadamente 85% do fornecimento de gás russo com destino à Europa atravessa o território ucraniano, antes do gasoduto da Rússia *Nord Stream* se tornar operacional, em 2012. O valor referido em 2014 tem vindo a diminuir, pelo que deverá cair este ano para valores perto dos 50%. Contudo, as taxas de trânsito ainda são uma importante fonte de receitas externas para a Ucrânia, mas o sistema de trânsito de gás da era soviética Ucrânia (GTS) sofreu, com anos, subinvestimento em manutenção. A Ucrânia também desempenha um papel importante no transporte de exportações de petróleo da Rússia para os mercados europeus, tanto através do ramo sul do oleoduto Druzhba, como através de seus portos do Mar Negro.

d. Perfil comercial

A Ucrânia importa petróleo e gás natural da Rússia e do Turquemenistão, e tecnologia da Europa Ocidental. Também importa madeira e papel. Os seus principais produtos de exportação são o aço, os produtos químicos, as máquinas e os equipamentos pesados. A estrutura das exportações ucranianas faz com que a Ucrânia seja extremamente sensível a mudanças nas condições do mercado mundial. Os preços dos metais não ferrosos, especialmente de aço e os produtos químicos variam substancialmente de ano para ano, e pode afetar drasticamente as receitas de exportação. As perspectivas de exportação continuarão a ser fortemente dependentes da evolução da procura agregada na Rússia e em outras partes da Comunidade de Estados Independentes, assim como a Turquia e a zona euro.

A adesão à Organização Mundial do Comércio (OMC) foi realizada em maio de 2008. Esta foi uma etapa crítica para a Ucrânia, permitindo ao país ampliar e diversificar a sua base de exportação; rotas comerciais seguras, reduzindo os riscos de sanções comerciais; e estabeleceu as bases para um crescimento económico equilibrado, a longo prazo, diversificando, e distanciando-se da atual dependência de indústrias pesadas, como a do aço.

4. Fator Circulação

O fator circulação representa a acessibilidade do território e da população a pessoas, bens e ideias. É um fator de integração e um meio de ação política no desenvolvimento.

a. Comunicações de transporte internas

A vantajosa posição geográfica da Ucrânia faz do país um inevitável espaço de trânsito de mercadorias e pessoas entre a Europa, a Ásia e o Médio Oriente. Através do território ucraniano passam diversos corredores internacionais de transporte. Em 2012, o sistema de transportes ucraniano incluía cerca de 170.000 Km de estradas, de 22.000 Km de vias férreas, 45 aeroportos civis e 18 portos de mar (figura 29). A maior parte da infraestrutura da Ucrânia foi herdada da União Soviética, o que exige um enorme esforço de manutenção e conservação. Em grande medida, a falta de disponibilidade financeira dificultou este esforço, levando a que muitas das infraestruturas não se encontrem nas melhores condições.



Figura 29 – Distribuição geográfica das principais vias de transporte em território ucraniano

Fonte: (<https://www.stratfor.com>).

Em 2011, cerca de 7 bilhões de passageiros foram transportados no interior do território Ucraniano, considerando os diversos meios de transportes.

O perfil dos meios de transporte utilizados para, em 2011, transportar aqueles 7 bilhões de passageiros, é definido na figura 30. As vias rodoviárias foram claramente as mais utilizadas, aproximando-se dos 90% do volume de passageiros movimentados.

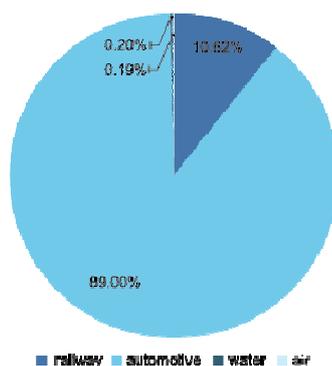


Figura 30 – Perfil do transporte de passageiros em 2011, por meio de transporte

Também em 2011, foram transportados no interior do território ucraniano cerca de 657 milhões de toneladas de produtos o que, relativamente a 2010, representou um aumento de 7.4%. A média anual de crescimento do volume de transporte de mercadorias no interior da Ucrânia, em média, tem crescido cerca de 8% ao ano.

Contrariamente ao que acontece com o transporte de passageiros, o meio de transporte mais utilizado na Ucrânia para transportar mercadorias é o férreo, representando cerca de 71%⁹ do peso total transportado em 2011. Importa destacar que apenas foram transportados por via aquática aproximadamente 1,5% do total movimentado (figura 31).

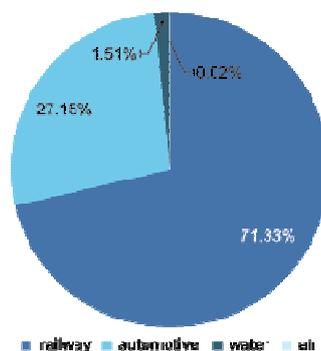


Figura 31 – Perfil do transporte de mercadorias em 2011, por meio de transporte

⁹ Este valor é apresentado num relatório da Deloitte para o ano de 2011. A IHS Jane's numa análise de 2014 indica 56%.

b. Sistema rodoviário

A **rede viária** da Ucrânia é bastante extensa, cobrindo grande parte do território. Contudo, a qualidade dos pavimentos necessita de alguma melhoria. O nível de investimento no desenvolvimento das principais vias de ligação entre os maiores centros económicos tem sido uma realidade sendo que, em oposição, o investimento em vias regionais tem sido descurado, o que dificulta a manutenção destas infraestruturas rodoviárias (figura 32).



Figura 32 – Distribuição geográfica de autoestradas em território ucraniano

Fonte: (<http://prodam-gorod.ru>).

No total, como acima referido, a rede de infraestruturas rodoviárias da Ucrânia desenvolve-se por cerca de 170.000 Km¹⁰. Destes, cerca de 5%, são vias internacionais (figura 33).

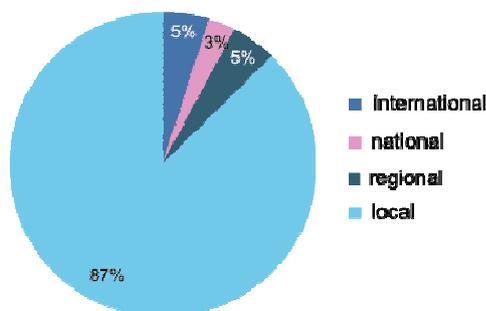


Figura 33 – Distribuição, por tipo, das vias rodoviárias da Ucrânia

¹⁰ Este valor é apresentado num relatório da Deloitte para o ano de 2011. A IHS Jane's numa análise de 2014 indica 23.000Km.

A capital Kiev tem transportes públicos incluindo metropolitano, autocarros, tróleys e elétricos operados por companhias municipais distintas. Também existe uma rede de comboios suburbanos e de ligações fluviais. As cidades de Odessa, Dnipropetrovsk e Kharkiv dispõem de autocarros, tróleys e elétricos. Kharkiv também tem metropolitano.

c. Sistema ferroviário

A Ucrânia dispõe de uma das maiores redes de caminhos-de-ferro da Europa (figura 34), a qual é utilizada para movimentar grande parte do transporte de passageiros e de mercadorias no interior do território. O comprimento total da rede ferroviária, uma das maiores da Europa, é de aproximadamente 22.000 Km de vias férreas, 45% das quais eletrificadas.

Em termos de volume de transporte, o sistema ferroviário ucraniano, na Europa e na Ásia, apenas é ultrapassado pelo chinês, russo e indiano.



Figura 34 – Rede ferroviária da Ucrânia

Fonte: (<http://www.mapsofworld.com>).

A companhia estatal ferroviária é a Ukrzaliznytsia, que controla todos os caminhos-de-ferro, à exceção das vias das companhias industriais, vias militares e sistemas urbanos. A rede ferroviária está dividida em seis regiões geográficas: Donestk, Lviv, Odessa, Norte, Noroeste e Dnipro. A rede necessita de trabalhos profundos de reparação. Apenas alguns troços são suficientemente adequados para permitirem serviços expresso, como é o caso entre Kiev e as cidades de Kharkiv e de Lviv, nos quais o tempo de viagem foi diminuído para metade.

d. Sistema marítimo

O sistema de portos ucraniano compreende uma rede de portos de mar, bem como um conjunto de terminais de carga. Na Ucrânia existem 18 portos localizados no Mar Negro e no Mar de Azov, sendo 5 deles de águas profundas, designadamente os de Pivdennyi, Illichivsk, Odesa, Mykolaiv e Sevastopol. Contudo cerca de 60% da carga transportada via portos de mar, passa pelos três maiores, isto é Pivdennyi, Illichivsk e Odesa (figura 35).



Figura 35 – Portos de mar da Ucrânia

Fonte: (<http://www.ukpandi.com>).

e. Sistema aéreo

O transporte aéreo na Ucrânia está subdesenvolvido. Em 2011 existiam na Ucrânia 45 aeroportos civis (incluindo heliportos). Destes 14 recebiam voos domésticos provenientes de Kiev numa base regular. Catalogados como aeroportos internacionais eram 19 (Boryspil, Dnipropetrovsk, Donetsk, Zaporizhzhia, Ivano-Frankivsk, Izmail, Kyiv, Kryvyi Rih, Lymanske, Luhansk, Lviv, Mariupol, Mykolaiv, Odesa, Rivne, Simferopol, Uzhhorod, Kharkiv e Chernivtsi). Em 2011, os dez maiores aeroportos ucranianos transportaram cerca de 12,5 milhões de passageiros, tendo o acréscimo relativamente ao ano anterior sido de aproximadamente 21%. Em termos de transporte aéreo de mercadorias, os aeroportos civis ucranianos movimentaram na casa das 90 mil toneladas, em 2011, representando um acréscimo na ordem dos 2,7% em relação a 2010. Na figura 35 estão geograficamente localizados os principais aeroportos da Ucrânia.



Figura 36 – Principais aeroportos da Ucrânia

Fonte: (<http://www.ukraine-travels.com>).

Os esforços de desenvolvimento das infra-estruturas aeroportuárias têm-se concentrado no Aeroporto de Boryspil, a 30 Km de Kiev, o maior do país, com quatro terminais, um dos quais recentemente inaugurado.

A companhia de aviação nacional é a Ukraine International Airlines que opera uma frota de 27 Boeing 737 e dois Embraer-190, que opera a partir do aeroporto Boryspil para vários destinos na Europa, na Rússia, na Turquia, Israel e Egito.

f. Sistema de comunicações de transporte no contexto europeu

Um número significativo de corredores internacionais passa pela Ucrânia, designadamente:

Corredor de transporte Pan-Europeu III

Este corredor liga Berlim e Dresden a Kiev, através da Polónia, numa extensão total de 1.640 Km, sendo que dos quais 694 Km utilizam a via ferroviária e 611 Km autoestradas, estas no interior da Ucrânia (figura 37).



Figura 37 – Corredor de transporte Pan-Europeu III

Fonte: (<http://en.wikipedia.org>).

Corredor de transporte Pan-Europeu V

Liga Veneza/Trieste e Lviv via Liubliana, Budapeste e Uzhhorod, com um comprimento total de 1.595 Km, dos quais 266 Km de autoestradas e cerca de 338 Km de via férrea são no interior de território ucraniano (figura 38).



Figura 38 – Corredor de transporte Pan-Europeu V

Fonte: (<http://en.wikipedia.org>).

Corredor de transporte Pan-Europeu VII

O corredor do fluvial do Danúbio, com um comprimento total de 1.600 Km, inicia o seu percurso na região da fronteira entre a Ucrânia (70 Km) e a Moldávia, continuando pela Bulgária, pelos territórios da antiga Jugoslávia, pela Hungria, até à Áustria (figura 39).



Figura 39 – Corredor de transporte Pan-Europeu VII

Fonte: (<http://en.wikipedia.org>).

Corredor de transporte Pan-Europeu IX

Com um comprimento total de 3.400 Km, liga território Grego à Ucrânia, passando pela Bulgária, Roménia e Moldávia. Na Ucrânia, antes de continuar para norte para a Bielorrússia, integra as cidades de Odessa e de Kiev. Desta capital o corredor continua para a costa lituana e para S. Petersburgo, este último troço tem duas vias passando ou por território bielorrusso, ou por Moscovo. Na Ucrânia este corredor consiste em cerca de 1.500 Km de via férrea e aproximadamente 1.000 Km de autoestradas (figura 40).



Figura 40 – Corredor de transporte Pan-Europeu IX

Fonte: (<http://en.wikipedia.org>).

Corredor de transporte Gdansk – Odessa

Com um desenvolvimento em planta de aproximadamente 1.800 Km, este corredor liga o Mar Báltico ao Mar Negro atravessando a Polónia, via Varsóvia, e terminando em Odessa, na costa sul da Ucrânia (figura 41).



Figura 41 – Corredor de transporte Gdansk-Odessa

Fonte: (<http://en.wikipedia.org>).

g. Comunicações de relação

A operadora estatal Ukrtelecom é maioritária na oferta de serviços de telefone fixo, com uma quota de mercado de 80%. As chamadas internacionais utilizam o satélite e a rede fixa terrestre para outras ex-repúblicas soviéticas. Para outras chamadas telefónicas é utilizada uma central de comutação internacional em Moscovo. As estações terrestres ligam-se às seguintes redes de satélite: Inmarsat, Intelsat e Intersputnik. A Ukrtelecom esteve para ser privatizada em 2011, mas o processo foi adiado. O mercado foi aberto à concorrência e existem mais alguns operadores que oferecem serviços de voz, dados, internet, VOIP e soluções empresariais.

A empresa Kyivstar oferece ligações móveis e cobertura WAP nas maiores cidades ucranianas, embora a cobertura no oeste seja limitada. A empresa Ukrainian Mobile Communications oferece cobertura nas cidades de Chernivsi e Lviv.

No final de 2010, havia 2.289 utilizadores de banda larga fixa na Ucrânia, o que representou um incremento de 25% face ao ano anterior e o que representava uma taxa de penetração de 5,2%. O número de linhas fixas era de cerca de 13 milhões, com uma taxa de penetração de 28,2%. O número de subscritores de serviços móveis era de quase 54 milhões, o que equivale a uma taxa de penetração de 117%. Os dois operadores móveis mencionados controlam cerca de 78% do mercado.

5. Fator Histórico

Tendo sido habitada por diversas tribos na antiguidade, a região ganhou o primeiro destaque político nos séculos XI e XII, altura em que se estabeleceu o Principado de Kiev (Kievan Rus, na expressão inglesa), cuja tradição cultural é reclamada ainda hoje pela Rússia e Bielorrússia, além da própria Ucrânia. Este poder eslavo foi desmembrado no séc. XIII devido a querelas internas e às invasões mongóis que dão início ao período da Horda Dourada. Durante o séc. XIV, o domínio mongol é desafiado a norte pelos polaco-lituanos, que estabelecem o Reino da Galícia-Volínia e pelo Império Otomano a sul. Mais a norte, os eslavos formam entidades autónomas: a República de Novgorod e o reino de Vladimir-Suždal, antecessores do Principado de Moscovo, núcleo fundador do que haveria de ser mais tarde o Império Russo.

O surgimento da identidade ucraniana está associado aos cossacos, povo que escapa às duas entidades entretanto formadas a norte e que vai instalar-se nas bacias dos rios Dniepr, Donetz e Don. No século XVII, sensivelmente a partir de 1600, os cossacos zaporigianos (do Dniepr), formaram um Estado conhecido como Sich Zaporigiano, onde são visíveis alguns princípios democráticos e que sobrevivia à custa de proventos de guerra extraídos aos espaços polaco, russo e turco. São as narrativas destes cossacos ucranianos que marcam o início das histórias gerais ucranianas, que conheceram as suas primeiras edições nos finais do séc. XVIII e que atribuem a decadência verificada no séc. XIX à inclusão da região no Império Russo. Estas histórias, ao descreverem uma entidade política distinta para a região ucraniana, atacam o principal argumento da narrativa histórica russa imperial que não distingue a antiga região do Principado de Kiev do seu próprio passado.

A expansão do Império Russo para o Mar Negro durante os séculos XVII e XVIII levou à integração de grande parte do território da atual Ucrânia na administração de Moscovo, com a exceção da Galícia-Volínia (zona mais ocidental ucraniana), mas incluindo os territórios praticamente desertos do sul da Ucrânia, conhecidos como Nova Rússia. A Crimeia continuou a ser um canato tártaro independente, governado por uma elite minoritária mongol até 1783, altura em que passou, também, a integrar o Império Russo.

Durante a Primeira Guerra Mundial, o espaço que hoje é a Ucrânia esteve alternadamente em mãos austríacas, alemãs e russas. Durante a retirada austríaca deste espaço, as tropas austríacas descarregaram a frus-

tração sobre as populações russófilas e ucranófilas, fuzilando indiscriminadamente. O ódio recíproco entre ucranófilos e russófilos remonta a este período, com acusações mútuas de colaboracionismo com os polacos e austríacos. Durante a ocupação russa, os ucranófilos foram perseguidos e encarados como inimigos do Czar. Quando os alemães contra-atacaram, 25 000 russófilos da Galícia retiraram também, ficando a Galícia majoritariamente ucranófila. Na sequência da Revolução de 1917, a Rússia retira-se da guerra. Ganhou então força uma elite ucranófila, refugiada em Viena, que preconizava uma Ucrânia autónoma, dentro do império Austro-Húngaro. Assistiu-se então a uma série de declarações de independência na Ucrânia ocidental, num quadro alargado de conflitos associados à Guerra Civil Russa, cuja conclusão em 1921, conduziu ao estabelecimento da República Soviética Socialista da Ucrânia (RSSU), em 1922.

Durante a sua existência, a Ucrânia soviética alterou as suas fronteiras várias vezes. Algumas porções foram cedidas à Rússia, outras passaram a integrar a RSSU. Em 1939 foi anexada parte da Volínia polaca e a quase totalidade da Galícia, à luz do Pacto Molotov-Ribbentrop. Em 1944 e 1945, coube a vez a alguns territórios romenos e checoslovacos. Depois, em 1954, durante a celebração do 300º aniversário da reunificação das três Rússias, a Crimeia passou para o espaço de jurisdição ucraniano, por cedência russa. Kharkiv, a segunda cidade mais populosa da Ucrânia foi a primeira capital da RSSU. Em 1935, a capital passou a ser Kiev.

Durante o período soviético, a Ucrânia passou por três grandes fomes, produto das políticas agrícolas de Moscovo: 1922-23, 1932-33 e 1947-50, durante as quais morreram cerca de oito milhões de pessoas. Também se observaram intensos movimentos demográficos como a deportação de cerca de quatro milhões de ucranianos para além dos Urais, em 1941, a par da transferência de inúmeros quadros administrativos e outros trabalhadores de origem russa para o interior da Ucrânia.

O nacionalismo ucraniano perdurou a oeste e teve o seu apogeu durante a Segunda Guerra Mundial, com especial destaque para o movimento OUN-B, de Stepan Bandera, que colaborou com os Nazis na limpeza étnica da Ucrânia, que incluiu não só grupos minoritários não-ucranianos, mas também ucranianos nacionalistas moderados. “*Banderovski*” é um termo utilizado nos dias de hoje, com sentido pejorativo, associado a violência xenófoba de extrema-direita.

Ora sendo incentivada por Moscovo, em causa própria, ora combatida, a nacionalidade ucraniana foi vivendo a par do domínio russo, num quadro de sovietação da sociedade.

Na década de 1980, a tentativa de solução dos problemas económicos, por Gorbatchov, vai impulsionar um surto repentino e incontrolável de nacionalismos: a abertura (*glasnost*) faz com que nas repúblicas não russas se confunda autonomia económica com autonomia nacionalista.

Entre 1986 e 1989, o movimento nacionalista ucraniano foi-se consolidando e em 1989 já tinha a forma de politização aberta. Surgiram novos líderes políticos que se expressavam livremente em favor dos assuntos nacionalistas identitários tradicionais: língua, religião ortodoxa ucraniana, cultura, história, economia e agora também, a proteção ambiental (a Rússia tinha devastado parte do território ucraniano, de que é exemplo pungente o acidente da central nuclear de Chernobyl em 1986).

Em 1989, a queda do Muro de Berlim fez com que a mobilização social se transformasse em politização geral da Ucrânia. Em Moscovo, pela primeira vez, formou-se um corpo legislativo independente (Congresso dos Deputados do Povo), formado em eleições livres e constituído por muitos deputados não comunistas.

Em 1990, estabeleceu-se uma democracia parlamentar na Ucrânia: na sequência de eleições livres, o Partido Comunista da Ucrânia (PCU) continuava a ser a força maioritária, mas tinha na oposição um bloco democrático substancial. No entanto, o PCU abandonou a disciplina de voto e em muitas matérias havia deputados comunistas que alinhavam com a oposição. Isto permitiu que, a 16 de julho de 1990, o Parlamento declarasse a soberania ucraniana (não a independência) em nome de todo o povo ucraniano. Aqui, o “povo ucraniano” tem um significado geográfico: são todos os cidadãos dentro das fronteiras da RSSU.

Em agosto de 1991 um golpe de Estado em Moscovo, levado a cabo por conservadores comunistas, tentou afastar Gorbatchov. O golpe colapsou em dois dias, mas o parlamento ucraniano, reunido de emergência, declarou total independência da Ucrânia a 24 de agosto (para que não fosse arrastada para o caminho inverso do que já tinha sido conseguido). A 1 de dezembro de 1991, decorria um referendo para sufragar a decisão parlamentar, com os seguintes resultados: 84% dos eleitores foi às urnas e desses, 90% votou a favor da independência total da Ucrânia.

A Ucrânia independente tem sofrido graves crises políticas, que denotam as tensões internas entre os que defendem uma aproximação à União Europeia, que por sua vez exige reformas democráticas e liberais que colidem com as tendências estatizantes e securitárias dos defensores da aproximação a Moscovo. O país oscila entre um e outro bloco, à medida que se sucedem eleições que ora sufragam individualidades defensoras de uma e outra orientação estratégica. O quadro é composto por alterações

sistemáticas à lei fundamental do Estado, que ora dá maior ou menor poder ao presidente e ao parlamento. Especialmente fraturante é a questão da adesão da Ucrânia à OTAN, que foi iniciada em 2008 e parada em 2010, depois da eleição de Yanukovych. A corrupção generalizada e endêmica oferece um pano de fundo de toda a atividade econômica do país e retira os fundos necessários para a reforma das instituições do Estado.

O primeiro presidente da Ucrânia independente foi Leonid Kravchuk, um defensor da aproximação ao Ocidente, que teve como primeiro-ministro Leonid Kuchma, pró-Moscovo. A constituição, na altura, preconizava um regime presidencialista. A política de Kravchuk ressuscitou os símbolos ucranianos de antes da Primeira Guerra Mundial. Em 1994, houve eleições presidenciais e parlamentares e o primeiro-ministro Kuchma passou a presidente. No entanto, este manteve as políticas dos seus antecessores ao mesmo tempo que procurava melhorar as relações com Moscovo. Continuou a participar na Comunidade de Estados Independentes (CEI), entretanto criada para substituir o vazio da União Soviética, ao mesmo tempo que se aproximou da OTAN, no âmbito do programa da Parceria para a Paz. Em 1995 a Ucrânia passou a fazer parte do Conselho da Europa e em 1996 estabeleceu uma “parceria especial” com a OTAN. Em 1996, Kuchma conseguiu alguma estabilização econômica muito à custa da introdução de moeda própria: o grívnia. Dois anos depois, a crise econômica da Rússia de 1998, também afetou a Ucrânia e na viragem do século conseguiu-se alguma estabilização porque se incentivaram as pequenas empresas com uma reforma fiscal.

Em 1998, novas eleições parlamentares. Em 1999, nas eleições presidenciais, Kuchma foi reeleito porque usou os meios do Estado para a sua campanha. Kuchma nomeou seu primeiro-ministro Viktor Yushenko, que implementou reformas econômicas que produziram efeitos e levaram ao crescimento da economia no início do século XXI. Em 2001, Yushenko foi destituído de primeiro-ministro e tornou-se líder da oposição. Nessa altura Kuchma está no centro de um escândalo, associado ao assassinio de um jornalista dissidente (Georgii Gongadze). Surgem gravações comprometedoras de Kuchma que o ligam a fraudes eleitorais, coação de juízes e autoridades locais, lavagem de dinheiro e à venda de um sistema de radar a Saddam Hussein, violando a resolução do CSNU. Tudo isto traz apreensão no Ocidente e na UE. Kuchma volta-se para Moscovo.

Durante os anos de 2001 e 2002, surgem vários movimentos por uma Ucrânia sem Kuchma. As manifestações eram dispersadas pela polícia de choque, à maneira soviética. A oposição a Kuchma agrega-se em torno de dois líderes políticos: Yulia Tymochenko, que tinha sido vice primeiro-ministro

de Yushenko (afastada no início do ano, antes da destituição de Yushenko, suspeita de corrupção relacionada com o setor energético). O outro líder é o próprio Yushenko que, no final de 2001, tinha formado uma Coligação chamada *Nasha Ukraina* (Nossa Ucrânia).

Em 2003, a Ucrânia, ainda com Kuchma, forma com a Rússia, a Bielorrússia e o Cazaquistão um espaço económico conjunto. Em 2004, nova eleição presidencial coloca a Ucrânia à beira da guerra civil. Kuchma é impedido de se recandidatar e aponta o seu candidato: o primeiro-ministro Yanukovich (que também é apoiado por Putin). O principal candidato da oposição é Yushenko, que se assume como líder de uma plataforma anticorrupção. Na sua campanha foi impedido de visitar o Donetsk, que constituía uma espécie de reduto de Yanukovich. A saúde de Yushenko começou a deteriorar-se em setembro de 2004 e exames médicos posteriores mostraram que tinha sido envenenado com dioxina, que o deixou desfigurado. Yanukovich ganhou as eleições à segunda volta, mas os apoiantes de Yushenko acusaram-no de fraude e iniciaram uma série de protestos nas ruas, que ficou conhecida como Revolução Laranja (a cor da campanha de Yushenko). O leste ameaçou com a secessão se os resultados das eleições fossem anulados. No início de dezembro, o Supremo Tribunal declarou a eleição nula e convocou nova ronda eleitoral. Nesta, Yushenko derrotou Yanukovich, com 52% dos votos. Tomou posse em janeiro de 2005 e colocou como primeiro-ministro Yulia Tymoshenko, companheira da Revolução Laranja. A instabilidade manteve-se e o governo durou apenas nove meses. Tymoshenko e todo o gabinete foram substituídos por Yury Yekhanurov, que se aguentou até janeiro de 2006.

As eleições parlamentares de 2006 deixaram o *Nasha Ukraina* em terceiro lugar, atrás do Partido das Regiões de Yanukovich e do Bloco de Tymoshenko. Yushenko tentou formar uma coligação de partidos Laranja com Tymoshenko, mas esta recusou e o presidente acabou por ter de nomear Yanukovich como primeiro-ministro. Pouco depois, o Tribunal Constitucional implementou uma reforma que reforçava os poderes do primeiro-ministro. Seguiu-se uma luta de poderes entre Yushenko (presidente) e Yanukovich (primeiro-ministro) e o presidente convocou novas eleições parlamentares para 2007.

Em 2007, o partido de Yushenko ficou outra vez em terceiro lugar, atrás de Yanukovich e de Tymoshenko. Desta vez, foi possível uma coligação de partidos Laranja e Tymoshenko foi nomeada primeiro-ministro. O governo de Tymoshenko tentou aproximar-se da Rússia ao mesmo tempo que a presidência de Yushenko tentou aproximar-se do Ocidente. A coligação Laranja colapsou em setembro de 2008. Foram convocadas eleições

para dezembro, mas entretanto canceladas porque Yushenko e Tymoshenko concordaram numa nova coligação, juntamente com um bloco mais pequeno, o Bloco Lytvyn, liderado por Volodymyr Lytvyn.

Em 2010, houve eleições presidenciais. Yushenko foi estrondosamente afastado: obteve só 5% dos votos. Os dois candidatos mais votados foram Yanukovych, com 35% e Tymochenko, com 25%. Como nenhum teve maioria, foram convocadas novas eleições para 7 de fevereiro de 2010. A segunda volta mostrou claramente a divisão regional do país: a diferença foi mínima (48,95% para Yanukovych e 45,7% para Tymochenko). Os observadores internacionais detetaram irregularidades e a candidatura de Tymochenko também as denunciou. Tymochenko permaneceu primeiro-ministro e o seu bloco não compareceu à tomada de posse do presidente Yanukovych. Logo na primeira semana de Yanukovych, o governo de Tymochenko foi alvo do voto de desconfiança do presidente e foi afastado. Assumiu o cargo de primeiro-Ministro Mykaila Azarov, do Partido das Regiões. Os poderes do presidente foram reforçados porque uma decisão do Tribunal Constitucional anulou a reforma de 2006.

Em 2011, a ex-ministra Tymoshenko foi acusada de abuso de poder, relacionado com o acordo sobre o gás natural, de 2009, com a Rússia. Foi condenada a 7 anos de prisão. Lutsenko, o seu Ministro do Interior, também foi condenado a 4 anos e preso. A opinião pública internacional considerou que o julgamento fora politicamente motivado e, no campeonato europeu de futebol de 2012, alguns países europeus boicotaram o evento, não tendo enviado representações oficiais ao nível governamental, mas mantendo as suas seleções nacionais na competição.

Em 2012 houve novas eleições parlamentares e o Partido das Regiões assumiu-se como principal bloco, isolado: 185 lugares em 450. A segunda força foi o Partido da Pátria, de Tymoshenko, com 101 lugares. A Aliança Democrática para as Reformas da Ucrânia, de Vitali Klitshko (UDAR), obteve 40 lugares e o ultranacionalista *Svodoba* (“Liberdade”) surpreendeu, ganhando 37 lugares. Em protesto pela validade dos resultados, Tymoshenko iniciou uma greve de fome, mas o Parlamento Europeu considerou a eleição como comparativamente justa e a maioria dos partidos da oposição aceitou os resultados. Em dezembro de 2012, o primeiro-ministro Azarov formou um governo com o apoio dos Comunistas e de deputados independentes. Naquilo que foi considerado como uma tentativa de melhorar relações com a UE, Yanukovych indultou e libertou Lutsenko, em abril de 2013.

Em novembro de 2013, a trajetória pró-europeia foi bruscamente interrompida. A escassos dias de ser assinado um acordo de associação

com a UE, Yanukovych recuou face a grande pressão de Moscovo. Fala-se de um encontro secreto em Moscovo entre Putin e Yanukovych no dia 9 de novembro, anterior à prevista assinatura do acordo a 25 de novembro na Cimeira de Vilnius da União Europeia. Eclodiram protestos de rua em Kiev e Lutensko, a par de Vitali Klitchko, emergiram como os principais líderes das manifestações da praça *Maidan* (Independência). Os protestos foram pacíficos até ao final do ano e os manifestantes pediam a demissão de Yanukovych.

Em janeiro de 2014, os protestos tornaram-se violentos e Yanukovych assinou uma série de leis a impedir o direito à manifestação. O efeito foi a saída às ruas de mais dezenas de milhares de pessoas, em Kiev. A 22 de janeiro, morreram dois manifestantes e os protestos espalharam-se para as regiões a leste da Ucrânia, tradicionalmente apoiantes de Yanukovych. O parlamento anulou as leis anti-protesto e o primeiro-ministro Azarov resignou ao cargo.

Em fevereiro, uma amnistia libertou centenas de manifestantes em troca da evacuação dos edifícios públicos, mas a oposição queria mais: limitar os poderes da presidência. A batalha nas ruas intensificou-se. Entre 18 e 20 de fevereiro as forças governamentais tentaram recuperar o controlo da praça Maidan, tendo provocado mais de vinte mortos e centenas de feridos. Em várias cidades do ocidente da Ucrânia, a oposição ocupou edifícios governamentais.

A 21 de fevereiro, a UE mediu um acordo entre Yanukovych e a oposição, que agendou eleições antecipadas e a formação de um Governo Interino de Unidade. O parlamento ressuscitou a Constituição de 2004, que reduzia o poder da presidência. Também foram aprovadas mudanças ao Código Penal que descriminalizaram Tymoshenko. Esta, libertada, viajou para Kiev e fez um discurso inflamado à população na praça Maidan. O deputado do Partido da Pátria, Oleksandr Turchynov foi nomeado presidente em exercício num movimento que Yanukovych denunciou como Golpe de Estado. Em 24 de fevereiro, o Governo Interino acusou Yanukovych de assassínio em massa, ligando-o às mortes da Praça Maidan e emitiu um mandato de captura.

O governo interino colocou o líder do Movimento da Pátria, Arseniy Yatsenyuk, como primeiro-ministro, e foram convocadas eleições presidenciais antecipadas para maio de 2014. Yanukovych reapareceu a 28 de fevereiro em Rostov-na-Donu, na Rússia, e proferiu um discurso desafiador, insistindo que ele continuava a ser o presidente da Ucrânia, de direito.

A situação na Crimeia e no Leste evoluiu muito rapidamente desde Fevereiro e constitui a resposta imediata dos russófilos, apoiados por

Moscovo (embora não se saiba em que medida), àquilo que considera um Golpe de Estado.

6. Fator Científico-tecnológico

A Ucrânia está muito dependente da energia nuclear, uma vez que os 15 reatores que possui geram apenas cerca de metade da eletricidade de que necessita e que estão localizados de acordo com mapa seguinte (figura 42). Consta-se que a maior capacidade de produção dos reatores encontra-se no sul da Ucrânia, mais concretamente nas cidades de Mykolaiv e Zaporizhia.

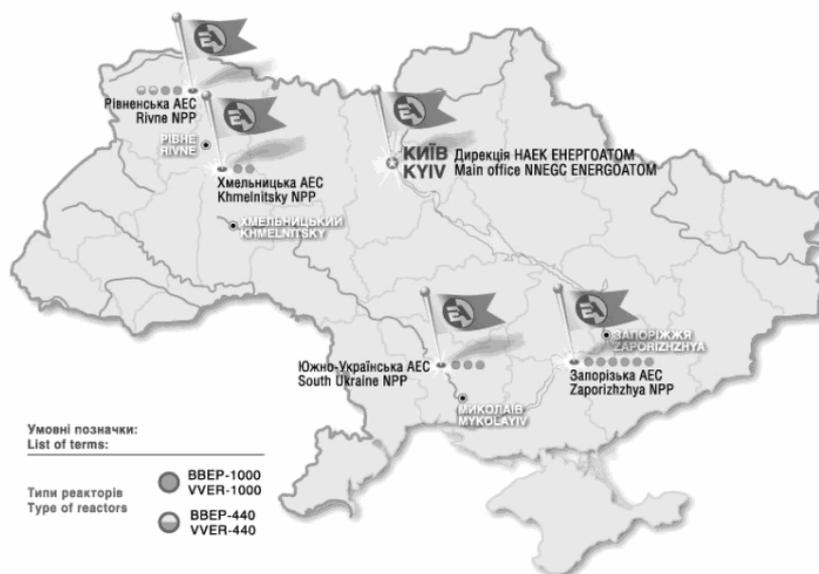


Figura 42 – Localização das centrais nucleares ucranianas

Fonte: (<http://www.world-nuclear.org/info/Country-Profiles/Countries-T-Z/Ukraine/>).

Pela observação da figura 43, constata-se que, entre o período compreendido entre 1990 e 2009, a produção de energia de origem térmica decresceu enquanto a nuclear teve uma evolução oposta, ocupando um lugar de destaque.

Em 2004, a Ucrânia encomendou dois reatores novos de elevada capacidade. O governo pretende, assim, manter a participação na produção de eletricidade nuclear até 2030.

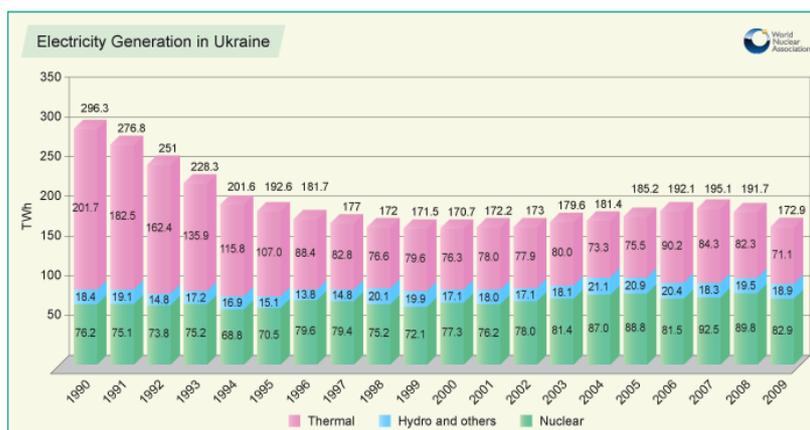


Figura 43 – Produção de energia elétrica

Fonte: (<http://www.world-nuclear.org/info/Country-Profiles/Countries-T-Z/Ukraine/>).

Os reatores operam na Ucrânia desde 1977 e os fatores de utilização têm aumentado de forma constante, chegando a 81,4% em 2004, conforme mostra a figura seguinte.

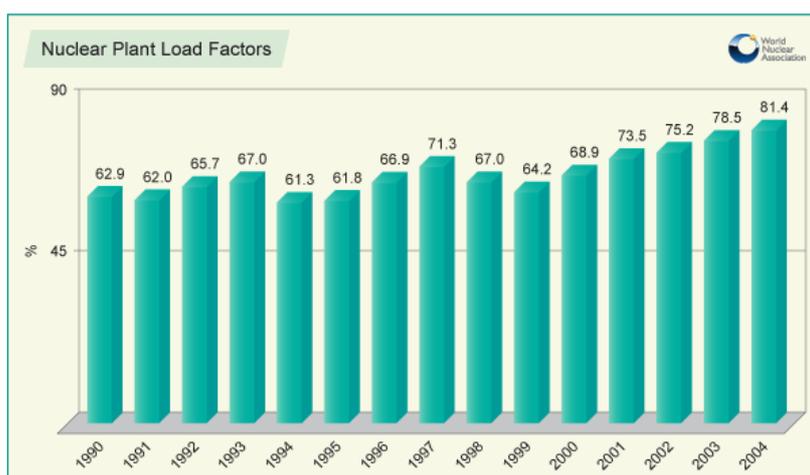


Figura 44 – Cargas dos reatores nucleares

Fonte: (<http://www.world-nuclear.org/info/Country-Profiles/Countries-T-Z/Ukraine/>).

As previsões apontam para o aumento na procura de energia elétrica para valores na ordem dos 307 mil milhões de kWh/ano, até 2020, e de 420 mil milhões, em 2030. Tendo em conta estas previsões, implicaria aumentar a capacidade nuclear dos atuais 13,9 GWe para 29,5 GWe, em 2030.

No entanto, a Ucrânia está dependente dos serviços nucleares e de combustível nuclear da Rússia, que se constitui como o principal fornecedor. Uma parte grande da oferta de energia primária da Ucrânia tem como base o urânio e o carvão, produzidos no país, mas também o óleo e o gás, na sua maioria importados da Rússia.

Esta dependência da Rússia ficou bem evidente, em 1991, aquando da separação política da União Soviética, quando a economia ucraniana entrou em colapso e o consumo de eletricidade diminuiu drasticamente. Atualmente, a Ucrânia tem desenvolvido depósitos de gás de xisto, com a intenção de exportar para a Europa Ocidental em 2020, através da infraestrutura de gasoduto que atravessa o seu território a partir do leste.

O plano da Ucrânia para o ciclo do combustível é desenvolver apenas a mineração de urânio e o fabrico de combustível, deixando as atividades de conversão, enriquecimento ou reprocessamento a cargo da Rússia.

O desenvolvimento de energia nuclear começou na Ucrânia com a construção da central de Chernobyl, a primeira unidade a funcionar desde 1977.

As 15 unidades de energia nuclear ucranianas estão distribuídas por quatro centrais nucleares são operados pela empresa Energoatom, concessionária de energia nuclear do país. Após a colocação em funcionamento de dois reatores novos VVER-1000, em 2005, a capacidade aumentou para 13.168, o que corresponde a 26,3% da capacidade instalada total do país. A Energoatom estima contribuir com 50-52% da eletricidade da Ucrânia, em 2020.

Todas as unidades são russas do tipo VVER, sendo dois do modelo V-312, com capacidade de 440 MWe e as restantes são unidades maiores, com capacidade MWe 1000, duas delas dos modelos iniciais e as restantes do modelo V-320 (ver quadro seguinte).

Ukraine power reactors operating

Reactor	Type V=PWR	MWe net	Commercial operation	Scheduled close, likely close
Northwest:				
Khmelnitski 1	V-320	950	Aug 1988	2018, 2032
Khmelnitski 2	V-320	950	Aug 2005	2035, 2050
Rivne/Rovno 1	V-213	402	Sep 1981	2030
Rivne/Rovno 2	V-213	416	Jul 1982	2031
Rivne/Rovno 3	V-320	950	May 1987	2017, 2032
Rivne/Rovno 4	V-320	950	late 2005	2035, 2050
South:				
South Ukraine 1	V-302	950	Oct 1983	2023, 2033
South Ukraine 2	V-338	950	Apr 1985	2015, 2030
South Ukraine 3	V-320	950	Dec 1989	2019, 2034
Zaporozhe 1	V-320	950	Dec 1985	2015, 2030
Zaporozhe 2	V-320	950	Feb 1986	2016, 2031
Zaporozhe 3	V-320	950	Mar 1987	2017, 2032
Zaporozhe 4	V-320	950	Apr 1988	2018, 2033
Zaporozhe 5	V-320	950	Oct 1989	2019, 2034
Zaporozhe 6	V-320	950	Sep 1996	2026, 2041
Total (15)		13,168 MWe net	(13,835 MWe gross – Energoatom May 2010)	

Figura 45 – Reatores nucleares em operação na Ucrânia

Fonte: (<http://www.world-nuclear.org/info/Country-Profiles/Countries-T-Z/Ukraine/>).

A revisão da política energética, em meados de 2011, propôs 2.300 MWe como nova capacidade, deixando para depois de 2015 a decisão sobre a tecnologia a incorporar. Assim sendo, haverá necessidade de substituição de unidades que serão desativadas em 2030. Embora a tecnologia russa VVER seja a solução mais óbvia, um estudo de viabilidade da Energoatom recomenda a aquisição dos reatores modelo CANDU EC-6. A cidade de Chigirin, no rio Tyasmyn, na região sul ucraniana foi proposta para a implantação da nova central nuclear.

Energoatom planeia aumentar as tarifas de energia elétrica, para financiar a reorganização do ciclo do combustível nuclear e implementar modernizações de segurança em todas as fábricas e para permitir o financiamento de extensões de vida e construção de novas centrais nucleares, a partir de 2015.

Em fevereiro de 2010, a Energoatom assinou um acordo de cooperação com a China, com a empresa Guangdong Nuclear (CGNPC) para o projeto, construção, operação e manutenção de centrais nucleares, possivelmente, no sentido de reduzir a sua dependência da Rússia.

Ukraine power reactor construction, planned and proposed (all PWR type)

Reactor	Type V=PWR	MWe gross	Start construction	Start operation
Khmelnitski 3	V-392	1000	9/85, 2015?	2019?
Khmelnitski 4	V-392	1000	6/86, 2015?	2019?
New 1		1200	?	2020
New 2		1200	?	2020
Replacement 1		1000	2021	2026
Replacement 2		1000	2022	2027
Replacement 3		1200	2024	2030
Replacement 4		1000	2027	2033
Replacement 5		1000	2027	2033
Replacement 6		1000	2028	2034
Replacement 7		1200	2027	2033
Replacement 8		1200	2028	2034
Replacement 9		1000	2029	2035
Total (13)		14,000 MWe		

In the WNA reactor Table, K3&4 are "planned", the other 11 (12,000 MWe) "proposed".

Figura 46 – Planejamento de instalação de novos reatores nucleares na Ucrânia

Fonte: (<http://www.world-nuclear.org/info/Country-Profiles/Countries-T-Z/Ukraine/>).

Ao nível da investigação e desenvolvimento, a Ucrânia tinha dois reatores de investigação, um mais pequeno (200 kW) na Escola de Engenharia Naval, em Sevastopol, na Universidade Nacional de Energia Nuclear e Indústria, na Crimeia, e um de 10 MW tipo um - VVR-M - que foi encomendado em 1960 pelo Instituto de Pesquisa Nuclear, em Kiev. Este foi convertido em combustível LEU, em 2008, no âmbito do Programa de Redução de Ameaça EUA Global, mas prevê-se o seu encerramento, em 2015.

Em 2008, foram anunciados investimentos na ordem dos 250 milhões dólares. No entanto, com a anexação da Crimeia, o reator de treino mais pequeno, IR-100, em Sevastopol passou a ser controlado pela Rússia.

Em 2012, o governo aprovou a construção do KIPT Experimental Neutron Source, no Instituto Kharkov de Física e Tecnologia, que é um sistema de acelerador, subcrítico. Os EUA fornecem assistência técnica e 25 milhões de dólares de apoio. O início da atividade está prevista para 2015 e tem como finalidade as pesquisas em física nuclear, bem como a produção de isótopos, particularmente para a medicina nuclear.

7. Fator Político-administrativo

A Ucrânia é uma república unitária cujo sistema político pode ser descrito como semipresidencial de base parlamentar. Baseia-se na divisão dos poderes executivo, legislativo e judicial. O Chefe de Estado é eleito através de eleições diretas para um mandato de cinco anos, renovável uma vez. O Presidente da Ucrânia detém funções especiais no âmbito da estrutura das instâncias relacionadas com a segurança. O governo, também designado Gabinete de Ministros da Ucrânia, exerce o poder executivo. O primeiro-ministro é nomeado pelo presidente, depois de aprovado por maioria simples pelo parlamento. Os vice primeiros-ministros e os restantes ministros são também nomeados pelo presidente da república depois de propostos pelo primeiro-ministro. O parlamento, designado Verkhovna Rada (tradução literal “Conselho Supremo”) é constituído por uma única câmara com 450 lugares (50% são atribuídos proporcionalmente aos partidos que obtiverem mais de 5% dos votos e os restantes 50% são eleitos através dos círculos eleitorais distritais) inicia os atos legislativos, ratifica os acordos internacionais e aprova o orçamento. Os membros do parlamento cumprem mandatos de cinco anos. O poder judicial é exercido através de três tipos de tribunais. Os de nível mais elevado são o Supremo Tribunal da Ucrânia (STU) e o Tribunal Constitucional. O STU é composto por 95 juizes organizados em câmaras setoriais – civil, criminal, comercial e administrativo e ainda um painel militar. Estes 95 magistrados são nomeados por édito presidencial sob proposta do Conselho Supremo de Justiça, que por sua vez é composto por 20 juizes independentes, entre outros designados. Os cargos têm a duração de 5 anos e podem estender-se até que os incumbentes tenham 65 anos.

a. Presidente da Ucrânia

O cargo de Presidente da Ucrânia é atualmente desempenhado por Petro Poroshenko que obteve uma vitória com 54.70% dos votos na primeira volta das eleições presidenciais do passado dia 25 de maio de 2014, tendo tomado posse a 7 de junho seguinte. Este ato eleitoral esteve inicialmente marcado para 29 de março de 2015, tendo sido antecipado devido à fuga do anterior presidente Vítor Yanukovych no dia 21 de fevereiro de 2014, seguida da sua deposição pelo Rada no dia seguinte, fruto das alterações provocadas pelos acontecimentos conhecidos como Revolução *Euromaidan*. Entre a deposição de Yanukovych e a tomada de posse de Poroshenko o cargo foi

desempenhado interinamente por Oleksandr Turchynov, em acumulação com o cargo de presidente do parlamento ucraniano.

O atual incumbente, o quinto da história ucraniana, já desempenhou outros cargos governativos como o de chefe do Conselho de Segurança da Ucrânia (2005), ministro dos negócios estrangeiros (2009-10) durante a presidência de Viktor Yushchenko, e ainda como ministro do desenvolvimento económico e do comércio (2012) durante o mandato do deposto presidente Viktor Yanukovich. Poroshenko é um dos homens mais ricos da Ucrânia, com uma fortuna estimada em 1,6 mil milhões de dólares, especialmente concentrados na sua holding Ukrprominvest que gere uma série de áreas de negócio, com especial destaque para a confeitaria. O seu programa eleitoral centrou-se no desenvolvimento de ligações mais intensas com a União Europeia e no restabelecimento da paz na região do leste do país afetada pelo conflito armado. Com isso, foi apoiado pelos Estados Unidos e pela EU (IHS Jane's, 2014).

b. Governo da Ucrânia

A tendência pendular entre o centralismo presidencial e os compromissos parlamentares das diferentes facções tem tido consequências na formação dos diversos governos da Ucrânia independente. Sintomático desse facto foi o governo de iniciativa presidencial que tomou posse a 24 de dezembro de 2012, o décimo quinto da história ucraniana recente, formado na sequência das eleições parlamentares desse ano, chefiado pelo anterior primeiro-ministro Mykola Azarov e apoiado pelos partidos das Regiões e Comunista, implantados no leste do país. Esse governo caiu a 28 de janeiro de 2014, quando o parlamento votou massivamente contra a legislação proposta pelo governo para enfrentar as manifestações populares antigovernamentais que tinham vindo a ocorrer desde novembro de 2013. Cerca de um mês depois, a 27 de fevereiro de 2014 foi confirmado pelo mesmo parlamento um novo governo, o décimo sexto, que emergiu da anterior oposição e dos movimentos populares da *Euromaidan*, chefiado por Arseniy Yatsenyuk, um economista ligado ao partido *Batkivshchyna* (Pátria) do Bloco Timoshenko. O próprio líder governamental designou o novo executivo como um “gabinete kamikaze” (Shuster, 2014). Os membros desse governo provisório eram oriundos desse partido e do *Svoboda* (Liberdade) afeto à direita nacionalista, além de alguns independentes. O primeiro-ministro pediu a demissão do cargo no dia 24 de julho de 2014, por ter falhado a aprovação de legislação reformista de modo a assegurar o financiamento de dezassete mil milhões de dólares de um resgate fornecido pelo Fundo Monetário Internacional. Com isso, a coligação que apoiava o governo

desfez-se e marcaram-se eleições legislativas antecipadas para 26 de outubro de 2014. Formaram o gabinete os seguintes ministros desde 27 de fevereiro:

Vice Primeiro-ministro, Ministro do Desenvolvimento Regional, Construção, Habitação e Serviços Comunitários – Volodymyr Groysman

Vice Primeiro-ministro – Oleksandr Sych

Ministro da Política Agrária e da Alimentação – Ihor Shvayka

Ministro da Presidência do Conselho de Ministros – Ostap Semerak

Ministro da Cultura – Yevhen Nyshchuk

Ministro da Educação e Ciência – Serhiy Kvit

Ministro da Energia e da Indústria do Carvão – Yuriy Prodan

Ministro das Finanças – Oleksandr Shlapak

Ministro da Ecologia e dos Recursos Naturais – Andriy Mokhnyk

Ministro da Infraestrutura – Maksym Burbak

Ministro dos Assuntos Internos – Arsen Avakov

Ministro da Justiça – Pavlo Petrenko

Ministra da Política Social – Lyudmyla Denysova

Ministro da Juventude e Desporto – Dmytro Bulatov

O cargo de primeiro vice primeiro-ministro foi ocupado por Vitaliy Yarema desde 27 de fevereiro até 19 de junho de 2014. Yarema, entretanto, foi nomeado para Procurador-Geral da Ucrânia pelo novo presidente, tendo sido confirmado pelo Rada. O anterior procurador-geral, Oleh Makhnitsky, foi nomeado assessor do presidente Poroshenko.

Uma função que se encontrava vaga antes da tomada de posse do décimo sétimo governo em 2 de dezembro de 2014 era a de Ministro do Desenvolvimento Económico e Comércio. O anterior ministro, Pavlo She-remeta, um liberal convicto, que também tinha tomado posse em 27 de fevereiro de 2014, demitiu-se no final de agosto, na sequência da nomeação de Valery Pyatnitsky pelo primeiro-ministro Yatsenyuk para o desempenho das funções do recém-criado Instituto para o Comércio Internacional, sem a sua aprovação. Pyatnitsky desempenhou as funções de comissário para a integração europeia desde 13 de julho de 2011.

O ministro da saúde da *Euromaidan*, Oleh Musiy, também cessou funções a 1 de outubro de 2014, alegadamente por incapacidade de lutar contra a corrupção enraizada no seu ministério (Tregub, 2014). Foi substituído interinamente pelo seu adjunto, Vasyl Lazoryshynets.

O ministro dos negócios estrangeiros, Pavlo Klimkin, anterior embaixador na Alemanha, desde 19 de junho de 2014, substituiu o anterior ministro Andriy Deshchytsya, entretanto nomeado embaixador na Polónia

e que insultou publicamente o presidente russo, durante uma manifestação contra a embaixada russa em Kiev.

O caso mais típico da atual situação política na Ucrânia é o do Ministério da Defesa que já conta com quatro ministros nomeados desde fevereiro de 2014. Inicialmente foi apontado para o cargo o contra-almirante e anterior comandante da marinha ucraniana Ihor Tenyukh, que já tinha provocado a animosidade russa em 2008 ao ordenar o bloqueio da baía de Sebastopol à marinha russa durante a guerra russo-georgiana desse ano e que tinha sido demitido por Yanukovich em 2010. Tenyukh esteve bastante ativo durante os protestos *Euromaidan*, apelando aos membros das forças armadas ucranianas para não respeitarem as ordens “ilegais” das autoridades fieis a Yanukovich (Sindelar, 2014). Porém, no período de cerca de um mês que durou o seu mandato, os russos anexaram a Crimeia e os militares ucranianos acusaram Kiev de indecisão, tendo o parlamento votado a sua exoneração no dia 25 de março de 2014 (Kates, 2014). O presidente interino Turchynov indicou então o coronel-general Mykhaylo Koval da Guarda de Fronteira da Ucrânia para o cargo. Koval foi acusado de indecisão perante a ameaça de civis desarmados que cercavam tropas regulares ucranianas mal preparadas para lidarem com a situação no leste do país. Entretanto, forças voluntárias começaram a ser organizadas sob os auspícios do Ministério do Interior para enfrentarem a ameaça armada dos rebeldes pró-russos. Depois de um cessar-fogo falhado durante o mês de junho, os combates intensificaram-se após a eleição do novo presidente que nomeou para o cargo Valeriy Heletey. Este demonstrou uma enorme ambição ao anunciar durante a sua tomada de posse a 3 de julho perante o parlamento uma parada vitoriosa na Crimeia depois de uma eventual reconquista. Durante os meses de julho e agosto verificam-se ganhos significativos de território reconquistado aos rebeldes. Porém, no final do mês de agosto, um reforço de milhares de tropas alegadamente oriundas das forças armadas russas, todos os ganhos parecem ter regredido, abrindo-se inclusive uma nova frente, em direção a Mariupol, no Mar de Azov. Forças da Guarda Nacional Ucraniana sofrem um pesado massacre em Ilovaysk, que é atribuído à incompetência do ministro Heletey. Depois de um acordo de cessar-fogo ter sido assinado a 5 de setembro de 2014, em Minsk, entre as forças beligerantes, continuaram os combates especialmente concentrados em redor do aeroporto de Donetsk e na vizinhança de Mariupol. A pressão exercida pelos grupos combatentes perante a inépcia do ministério da defesa levou à demissão de Heletey e à nomeação de Stepan Poltorak para o substituir a partir de 13 de setembro de 2014. Até essa altura, Poltorak exerceu as funções de

comandante da Guarda Nacional, com muita popularidade no seio das forças que realmente se opuseram aos separatistas pró-russos.

Na sequência das eleições legislativas de 26 de outubro de 2014, o Rada passou a ter uma composição maioritariamente pró-ocidental, da qual emergiu uma coligação que apoiou a formação de um novo governo, o décimo sétimo da Ucrânia independente, chefiado por Arseniy Yatsenyuk, ele próprio o grande vencedor das eleições, liderando o partido Frente Nacional que obteve mais votos do que o bloco do presidente Poroshenko. Todos os partidos que integram a coligação “Ucrânia Europeia”, ou seja a Frente Popular, o Bloco Poroshenko, o Batkivschyna (da antiga primeiro-ministro Timoshenko), o Samopomich e o Partido Radical de Oleh Liashko (na prática, todos menos o Bloco da Oposição, herdeiro do Partido das Regiões) foram convidados a indicar os seus candidatos para integrarem o executivo. As negociações para a formação da coligação foram concluídas quase um mês depois das eleições, a 21 de novembro de 2014 e a distribuição das pastas foi a seguinte: De referir que esse acordo foi anunciado no dia seguinte a uma visita do vice-presidente americano, Joe Biden, a Kiev.

O novo governo tomou posse a 2 de dezembro de 2014 perante o Rada. Transitam do governo anterior, além do primeiro-ministro, Arseniy Yatsenyuk, os ministros dos negócios estrangeiros, Pavlo Klimkin, da defesa, Stepan Poltorak, dos assuntos internos, Arsen Avakov (Frente Popular), da educação e ciência, Serhiy Kvit (Bloco Poroshenko) e da justiça, Pavlo Petrenko (Frente Popular). Um dos homens fortes do presidente e antigo vice primeiro-ministro e ministro do desenvolvimento regional, construção, habitação e serviços comunitários, Volodymyr Groysman, foi nomeado presidente do parlamento. O seu cargo passou a ser desempenhado por Yuriy Zubko do Bloco Poroshenko. Os outros dois vice primeiros-ministros são Vyacheslav Kyrylenko, da Frente Popular, que detém o pelouro da cultura e que já tinha experiência parlamentar e governativa anterior no primeiro governo de Timoshenko, e Valeriy Voshchevskyy, membro do Partido Radical, a quem foi atribuída, também, a pasta da Infraestrutura.

O novo ministro da política agrícola e da alimentação é Oleksiy Pavlenko do Samapomich. A ministra da presidência do Conselho de Ministros é Hanna Onyschenko, antiga advogada do primeiro-ministro e membro do seu partido. O cargo de ministro da energia e da indústria do carvão é desempenhado por Volodymyr Demchyshyn, com um passado ligado à banca de investimento.

Uma curiosidade do atual governo da Ucrânia é ter três estrangeiros, entretanto naturalizados, a desempenhar cargos ministeriais. A pasta

das finanças foi entregue a Natalie Jaresko, nascida nos EUA, nomeada pelo bloco do presidente e com um passado ligado à gestão de fundos de investimento. O ministro da saúde é Alexander Kvitashvili, um cidadão georgiano e ucraniano que já desempenhou as mesmas funções de 2008 a 2010 na Geórgia. Alegadamente, o posto teria sido oferecido ao antigo presidente georgiano Mikheil Saakashvili, que recusou. O terceiro ministro “estrangeirado” é Aivaras Abromavičius, um profissional da banca de investimento e que desempenha o cargo de ministro do desenvolvimento económico e do comércio, nasceu em Vilnius na Lituânia.

Os restantes ministros são:

Ministro da Ecologia e dos Recursos Naturais – Ihor Shevchenko

Ministro da Política Social – Pavlo Rozenko

Ministro da Juventude e Desporto – Ihor Zhdanov

Uma novidade introduzida nesta formação governamental foi a criação do Ministério da Política de Informação, com o objetivo de combater a campanha de informação russa. O seu primeiro incumbente é Yuriy Stets, um jornalista afilhado da mulher do presidente Poroshenko.

No total o governo tem 20 pastas, nove das quais são afetas ao presidente (quer por nomeação direta, como é o caso do ministro dos negócios estrangeiros e da defesa, quer por pertença ao seu partido), quatro ligadas ao primeiro-ministro, duas do Pátria, uma do Samapomich e outra do Partido Radical, além dos três “estrangeirados”.

O programa do governo, aprovado pelo Rada é bastante reformista especialmente no aspeto da segurança e defesa, com uma aproximação à OTAN e o estabelecimento da reconquista da Crimeia como objetivo estratégico. Outras reformas incluem a revisão da Constituição e do normativo das forças de segurança e da administração da justiça, da lei eleitoral, cujo método passará a ser apenas proporcional. A descentralização está na agenda da coligação, mas sem alterações administrativas. As reformas económicas são extensas e são vistas como eminentemente liberais, conforme previsto no Acordo de Associação Económica entretanto assinado com a UE. A política cultural, social, de saúde e as leis laborais visam o reforço da identidade nacional.

c. Parlamento da Ucrânia

O legado soviético tem provocado uma indecisão cíclica quando à instituição de um regime parlamentar baseado em opções políticas associadas a ideologias representativas da vontade popular. Além disso, o paroquialismo das elites políticas e comerciais ucranianas, as dificuldades identitárias e as diferenças regionais imersas numa cultura que favorece a

corrupção tornam difícil o surgimento de verdadeiros partidos políticos (Kuzio, 2014). Em vez disso, os membros do parlamento ucraniano têm sido eleitos com base em recrutamentos pessoais dos oligarcas, ainda que associados a partidos políticos, muitas vezes fictícios, que alimentam a volatilidade do sistema político ucraniano, já de si frágil. Os partidos políticos ucranianos são muitas vezes a manifestação de interesses pessoais de alguns oligarcas que emergiram no cenário político em ordem à prossecução de interesses económicos. Assim se justifica a mutabilidade dos alinhamentos das diversas forças políticas em questão.

O Verkhovna Rada é o sucessor do soviete supremo da Ucrânia que declarou a independência a 24 de agosto de 1991, cinco dias depois de uma tentativa de golpe comunista em Moscovo ter falhado. Nesse mesmo dia foi convocado um referendo em toda a Ucrânia soviética para validar a decisão da assembleia, o que viria a ter lugar a 1 de dezembro seguinte. Os parlamentares oriundos do antigo Partido Comunista da Ucrânia continuaram em funções e a antiga constituição soviética foi sendo adaptada *ad hoc*, até 1996, altura em que uma nova constituição foi adotada. A constituição de 1996 estabeleceu um regime que garantia amplos poderes ao presidente, especialmente porque o parlamento era dominado pelas forças ligadas ao anterior regime soviético (D'Anieri, 2007). Ao presidente estava atribuída a possibilidade de emitir éditos presidenciais de igual valência das leis do parlamento. Os poderes legislativos do presidente permitiam-lhe, na prática, ultrapassar o parlamento e ter uma influência direta na governação do país ao ponto de poder nomear ministros sem a aprovação do parlamento. Estava-se perante um regime dito presidencial-parlamentar.

Depois, na sequência da designada Revolução Laranja de 2004, cujas origens são atribuídas à forma fraudulenta como o candidato Viktor Yanukovich teria ganho a segunda volta das eleições presidenciais desse ano, a constituição foi revista, entrando em vigor a 25 de maio de 2006 e estabelecendo um modelo misto parlamentar-presidencial. As emendas introduzidas fizeram com que o primeiro-ministro deixasse de ser nomeado pelo presidente e passasse a ser indicado pelo parlamento. O presidente podia apenas designar o ministro da defesa e dos negócios estrangeiros. Deixava de poder demitir ministros do governo e passava a poder dissolver o parlamento. Se a composição parlamentar não fosse favorável à emergência de um governo, o presidente teria de convocar novas eleições.

A ambiguidade da solução foi evidente em abril-julho de 2006, quando os partidos políticos com maioria parlamentar não conseguiram criar um governo democrático e sustentável, devido à falta de confiança entre o presidente Yushenko, eleito numa terceira volta em finais de 2004 e

a antigo primeiro-ministro Tymoshenko. Em julho de 2006, a Coligação Anticrise “Azul-Branco-Vermelho”, formada pelo Partido das Regiões, com base em Donetsk, e pelo Partido Comunista da Ucrânia foi surpreendentemente reforçada pelo Partido Socialista da Ucrânia, de Oleksandr Moroz, permitindo o regresso ao poder das forças políticas que tinham sido afastadas pelos acontecimentos de 2004. Em vez de estarem preocupados com o governo do país, os novos membros entretiveram-se a legislar em apoio da sua luta pelo poder, limitando os poderes do presidente. A coabitação mostrou a insuficiência da legislação fundamental do país para lidar com membros do topo da hierarquia oriundos de forças políticas de campos opostos e incapazes de lidar com questões fraturantes ao nível político como era o caso da eventual adesão da Ucrânia à OTAN.

Em outubro de 2010, o Tribunal Constitucional da Ucrânia desfez as emendas constitucionais de 2004, fortemente influenciado pelo presidente Yanukovych eleito em fevereiro anterior, o que veio reforçar os seus poderes face ao parlamento. Em 2011, a lei eleitoral foi revista, passando a vigorar um sistema misto, perante o qual os 450 lugares do Rada eram preenchidos usando dois processos: 225 seriam eleitos proporcionalmente entre os partidos que obtivessem mais de 5% de votos expressos; os restantes 225 seriam eleitos em círculos uninominais. Este sistema permitiria a distorção do círculo nacional, o que convenientemente gerido poderia reforçar ainda mais os poderes presidenciais. Isso mesmo veio a acontecer nas eleições parlamentares de 2012. Porém, no âmbito da Revolução *Euromaidan*, a 21 de fevereiro de 2014, o Rada votou favoravelmente a recuperação do texto da Constituição de 2004. No dia seguinte, Yanukovych era destituído das suas funções presidenciais pelo mesmo parlamento, havendo muitos membros do Partido das Regiões que apoiavam o presidente que mudaram o sentido do voto. Para o desempenho do cargo foi apontado interinamente o presidente do parlamento Oleksandr Turchynov.

As eleições parlamentares de 26 de outubro de 2014 ocorreram em clima de grande expectativa uma vez que o partido que estava maioritariamente associado à influência russa na Ucrânia, o Partido das Regiões, tinha-se desmembrado, enquanto outras forças políticas oriundas da revolução apresentavam-se pela primeira vez ao eleitorado. Se bem que não fosse possível conduzir eleições na Crimeia, entretanto anexada pela Rússia e nos territórios das Regiões de Lugansk e Donetsk, sob domínio dos separatistas pró-russos, ficando por preencher 27 lugares no parlamento relacionados com os círculos uninominais dessas zonas, o escrutínio foi reconhecido como válido pelos observadores internacionais, incluindo a OCDE. A taxa de participação foi elevada no norte e oeste do país e mais

reduzida no restante território, conforme se pode constatar pelo gráfico ilustrado na figura 47.



Figura 47 – Taxa de participação nas eleições legislativas de 26 de outubro de 2014

Fonte: (<http://www.osw.waw.pl/en/publikacje/analyses/2014-10-29/a-strong-vote-reform-ukraine-after-parliamentary-elections>).

Na votação proporcional, ganhou o partido do primeiro-ministro Yatseniuk (Frente Popular) com 22,14% dos votos. Em segundo lugar, o bloco do presidente Poroshenko com 21,81% dos votos, seguido do Partido da Auto-ajuda (Samipomich) do presidente da câmara de Lviv, Andriy Sadovyi, com 10,97%. Em quarto lugar surge o Bloco da Oposição, que acolheu a herança da influência russa anteriormente detida pelo Partido das Regiões, mas com uma reduzida percentagem de 9,43% dos votos expressos. O Partido Radical de Oleh Lyashko foi o quinto mais votado com 7,44%. O último partido a eleger deputados na votação proporcional foi o Batkivschyna (Pátria) que atingiu 5,68 % da votação. Assim, acederam diretamente à representação no Rada seis partidos que ultrapassaram a fasquia de 5% legalmente exigida, conforme ilustrado na figura 48. Ainda que não tivessem tido acesso à eleição direta pela via proporcional, os seguintes partidos conseguiram garantir a eleição de membros através dos círculos uninominais: Svoboda (Liberdade), com seis deputados; Ucrânia Forte, Zastup, Sector Direito e Volia com um deputado cada. Finalmente, 96 parlamentares foram eleitos sem ligação a qualquer força política.



Figura 48 – Resultados finais da votação proporcional para o Verkhovna Rada em 26 de outubro de 2014

Fonte: (<http://www.cvk.gov.ua/pls/vnd2014/wp510ept001f01=910.html>)

Os partidos vencedores por região estão ilustrados na figura 49.

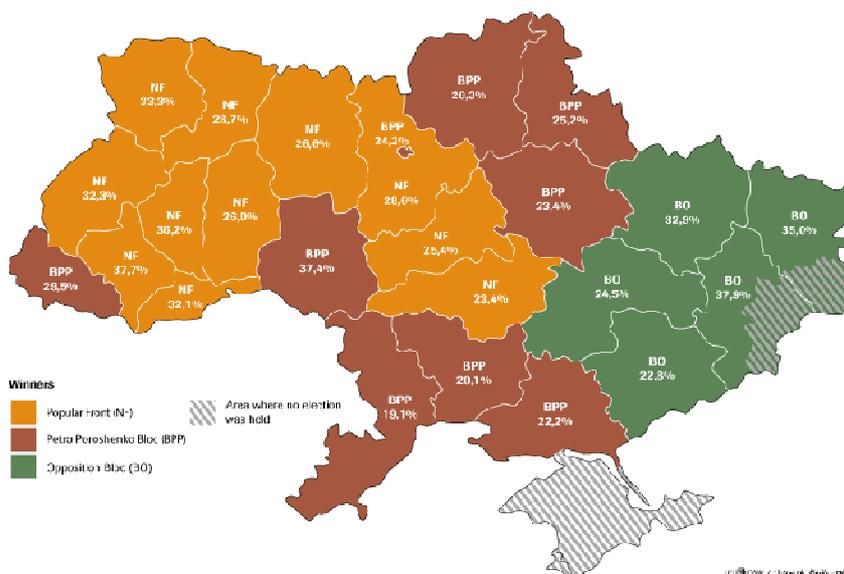


Figura 49 – Partidos vencedores das eleições legislativas de 26 de outubro de 2014 por região

Fonte: (<http://www.osw.waw.pl/en/publikacje/analyses/2014-10-29/a-strong-vote-reform-ukraine-after-parliamentary-elections>).

A composição do novo parlamento que tomou posse a 1 de dezembro de 2014 é a seguinte: 132 deputados afetos ao Bloco Poroshenko; 82 da Frente Popular; 33 do Partido da Auto-ajuda; 29 do Bloco da Oposição; 22 do Partido Radical; 19 do Pátria; 6 do Svoboda; 4 dos partidos Ucrânia Forte, Zastup, Sector Direito e Volia, com um deputado cada; 96 independentes (Anon., 2014e). A duração da legislatura do Verkhovna Rada é de cinco anos.

d. Poder Judicial

O poder judicial é exercido através de dois tipos de tribunais. Os de nível mais elevado são o Supremo Tribunal da Ucrânia (STU) e o Tribunal Constitucional. O STU é composto por 95 juízes organizados em câmaras setoriais – civil, criminal, comercial e administrativo e ainda um painel militar. Estes 95 magistrados são nomeados por édito presidencial sob proposta do Conselho Supremo de Justiça, que por sua vez é composto por 20 juízes independentes, entre outros designados. Os cargos têm a duração de 5 anos e podem estender-se até que os incumbentes tenham 65 anos. Os tribunais subordinados são tribunais de competência especializada, tribunais de relação e os de primeira instância ao nível regional e das comarcas.

e. Organização administrativa interna

A organização interna da Ucrânia compreende 27 entidades: a República Autónoma da Crimeia; 24 regiões e as cidades de Kiev e de Sebastopol que têm um estatuto especial. Desde 18 de março de 2014 que a Rússia incorporou a Crimeia e a cidade de Sebastopol na sua organização interna. Nem a Ucrânia nem a grande maioria da comunidade internacional reconhecem formalmente esta anexação.

As 24 regiões (*oblast*) têm uma capital administrativa que dá o nome à região e são subdivididas em distritos (*raion*), incluindo o da própria cidade, formando o segundo nível de organização interna. O terceiro nível é composto por agrupamentos urbanos e concelhos rurais (*silradas*).

O relacionamento entre o poder central e o poder local foi estabelecido pelo texto constitucional de 1996 e tem sido um dos temas de debate político mais polémico na Ucrânia independente. Consoante a origem dos eleitores e dos detentores do poder central assim o público é mais ou menos favorável à regionalização, embora a maioria dos ucranianos sejam contrários à federalização ou secessão de partes do território ucraniano (Shapovalova, 2014). Os governadores das regiões e dos distritos são indigitados pelo

governo central e nomeados pelo presidente. Embora haja parlamentos com membros eleitos, aos executivos regionais e distritais faltam-lhes os recursos necessários para proporcionar os serviços adequados às populações, o que conduz a uma inerente fragilidade, levando a que os líderes se empenhem sistematicamente em promover as posições alinhadas com o poder central de modo a tentarem obter uma promoção para as estruturas nacionais.

A constituição de 2004 não alterou a natureza do poder local. Apenas fez com que passassem a depender quer do presidente, quer do executivo. Todos os partidos políticos defendem, de uma maneira ou de outra, a descentralização do poder na Ucrânia. Porém, quando o alcançam, esses projetos não são implementados. A centralização das nomeações chegou ao exagero de todos os governadores dos *oblasts*, com exceção de dois, pertencerem ao Partido das Regiões, com uma base territorial na região de Donetsk, durante o consulado de Yanukovich, após as emendas constitucionais de 2010. O predomínio pró-russo estendia-se, inclusive, ao primeiro-ministro da República Autônoma da Crimeia.

A descentralização implicará alterações substanciais ao regime fiscal e à organização territorial, além de um consenso nos centros de poder central sobre as suas competências na ligação aos órgãos de poder local. A nova legislatura iniciada a 26 de outubro de 2014 atribuirá seguramente uma prioridade elevada a essa questão.

f. Análise

A característica mais significativa do sistema político ucraniano é a sua oscilação entre duas tendências fundamentais: o parlamentarismo e o presidencialismo. Estas duas formas de organização política refletem as profundas divisões internas e são sinónimo de uma maior abertura democrática ou de uma maior tendência para o centralismo diretor, respetivamente demonstrativos de uma ligação ao Ocidente ou à Rússia. A Ucrânia tornou-se independente a 1 de janeiro de 1992 sem que existisse uma nação ucraniana nem uma unidade política unificada dentro das suas fronteiras (Kuzio, 1998), seguindo um padrão típico das antigas repúblicas soviéticas, com a conhecida exceção dos países bálticos. A trajetória política ucraniana tem sido a da criação do Estado antes da nação. As bases de apoio dos independentistas que anseiam por ver a Ucrânia no mesmo trilho dos países que fizeram a transição para a democracia de inspiração ocidental e dos separatistas que preferem uma ligação especial à Rússia estão assentes em realidades regionais internas e essa tem sido a marca das sucessivas alterações do sistema político ucraniano. Assim, o sistema

político da Ucrânia é um produto das tendências internas contraditórias, cujos principais determinantes são os seguintes: o legado das políticas e práticas pós-soviéticas, a herança da Revolução Laranja e os esforços inacabados de construir instituições democráticas consolidadas. A anexação da Crimeia e o conflito no Leste vieram agudizar a situação política ucraniana, já de si frágil. Face à volatilidade das orientações políticas rapidamente alinhadas com interesses pessoais, a coabitação entre presidente eleito e o chefe do governo será fundamental para garantir alguma estabilidade política que permita a implementação das reformas necessárias a uma integração no espaço europeu.

8. Fator Económico

As políticas monetárias rigorosas aliadas a uma maior disciplina financeira introduzidas no final de 1994, resultaram na estabilização macroeconómica, o que permitiu à Ucrânia mais uma conquista económica: a introdução, em 1996, da nova moeda, o grívnia. No entanto, esta moeda apenas se manteve estável até ao contágio da crise financeira russa, em 1998, o que causou um enfraquecimento significativo no seu valor cambial. Enquanto isso, a terrível situação macroeconómica empurrou o setor público da Ucrânia para a bancarrota virtual, embora o nível real da dívida não fosse excessivamente elevado em comparação com os pares da Ucrânia.

Depois da crise russa e da bancarrota virtual, o governo conseguiu aprovar uma lei de privatização para promover procedimentos transparentes, introduzindo reformas agrícolas fundamentais e para fortalecer um conjunto de pagamentos no setor da energia dominado pela corrupção. A Ucrânia registou um crescimento impressionante durante o período de 2000 a 2007, com ganhos rápidos no setor industrial. A confiança aumentou e a economia parecia em grande parte dissociada da cena política rebelde da Ucrânia. Este período foi caracterizado por défices orçamentais baixos, rápido aumento das reservas internacionais e diminuição da dívida pública externa o que fez com que a conta soberana da Ucrânia se tenha mesmo tornado credora de liquidez a nível internacional.

Todas estas valiosas conquistas económicas foram destruídas pela crise global, que atingiu os dois setores chave de exportação e os mercados financeiros. O processo foi interrompido uma vez que estes setores funcionavam como financiamento externo. Durante os anos expansionistas, o governo nunca criou provisões suficientes para colmatar os tempos difíceis que pudessem surgir, pelo que, sempre que renascia uma nova crise, o governo revelava-se incapaz de apresentar uma resposta adequada. Neste

contexto e como resultado destas práticas, o desenvolvimento da Ucrânia retrocedeu vários anos.

As reformas urgentes incluem a reestruturação da política agrícola, a recapitalização do setor bancário, o aumento da transparência no setor do gás, o aumento dos preços internos da energia a retalho, para a recuperação de custos e introduzir mais disciplina de pagamento da energia. Racionalizar a despesa pública, o combate à corrupção e impedir a fuga fiscal, são medidas que, também, possuem uma grande importância. O setor financeiro, no entanto, ainda é bastante frágil e propenso a mudanças bruscas, incluindo grandes oscilações de taxas de juros. Explosões de inflação têm sido bastante comuns, em parte devido às políticas perdulárias e à escassez de oferta em mercados selecionados.

a. Mercado de trabalho e demográfico

O declínio demográfico seguiu os problemas económicos na década de 1990. Como resultado da redução da esperança de vida, de taxas de fertilidade mais baixas e da emigração, a população da Ucrânia está em declínio. Embora um pouco acima de 52 milhões de pessoas viviam na Ucrânia, no início da década de 1990, esse número foi reduzido para cerca de 45 milhões até 2011. Esta tendência poderá continuar a longo prazo, embora a um ritmo moderado. Para piorar a situação, jovens talentos estão a emigrar, privando a economia de grande parte do seu potencial.

O desemprego aumentava novamente no desenrolar da crise, no final de 2008. Os despedimentos e a existência de salários em atraso tornaram-se bastante comuns, com a agravante de o apoio social público ser reduzido ou raramente disponível. O governo tentou compensar esta situação, elevando os níveis de transferências para apoio social e os salários do setor público. Embora a situação social e do mercado de trabalho tenha melhorado desde 2009, mesmo assim, o nível do salário médio por hora da Ucrânia permaneceu extremamente baixo, comparativamente com os padrões europeus. Como consequência, as atividades ilícitas e o mercado negro acabam por ter um papel preponderante por ainda serem aliantes para muitos ucranianos, apesar de algum esforço estatal em reduzir aquele tipo de atividades.

b. Dados económicos

PIB (paridade de poder de compra): 337.400 mil milhões dólares (2013); Comparação com o resto do mundo: 42

PIB – taxa de crescimento real: 0,4% (2013); Comparação com o resto do mundo: 187

PIB – per capita: \$ 7.400 (2013); Comparação com o resto do mundo: 139

Poupança nacional bruta: 10,1% do PIB (2013); Comparação com o resto do mundo: 135

PIB – composição:

- consumo das famílias: 72%
- consumo do Estado: 18,6%
- investimento em capital fixo: 17,8%
- investimento em aprovisionamento: -1,1%
- exportações de bens e serviços: 49,6%
- importações de bens e serviços: -56,9%

(dados de 2013)

PIB – composição por sector de origem:

- agricultura: 9,9%
- indústria: 29,6%
- serviços: 60,5%

(dados de 2013)

Agricultura – produtos: beterraba, açúcar, sementes de girassol, legumes, carne, leite.

Indústrias: carvão, energia elétrica, metais ferrosos e não-ferrosos, máquinas e material de transporte, produtos químicos, processamento de alimentos.

Força de trabalho – por ocupação:

- agricultura: 5,6%
- indústria: 26%
- serviços: 68,4%

(dados de 2012)

Taxa de desemprego: 8% (2013); Comparação o resto do mundo: 89

População abaixo do limiar da pobreza pobreza: 24,1% (2010)

Exportações – parceiros:

- Rússia 25,6%, Turquia 5,4%, o Egito 4,2% (2012)

Importações – parceiros:

- Rússia 32,4%, China 9,3%, Alemanha 8%, 6% a Bielorrússia, Polónia 4,2% (2012)

9. Fator Sociocultural

A falta de homogeneidade étnica e história comum, a língua é o principal fundamento da identidade nacional da Ucrânia, o que torna uma questão politicamente sensível. A transição democrática nas antigas repúblicas

socialistas soviéticas caracterizou-se, de um modo geral, pela desintegração social, mudança de valores e pela criação de novas estruturas de relações sociais (Oleinikova, 2013).

As questões sociais na Ucrânia são, em larga medida, heranças, diretas ou indiretas, do período soviético. Esta condição faz com que o país compartilhe com outras ex-repúblicas alguns assuntos sociais semelhantes, mas também existem problemas exclusivos da Ucrânia, que a tornam num caso especialmente crítico. Mark Adomanis, investigador especialista em assuntos económicos e demográficos russos, foca cinco grandes aspetos: as diferenças políticas regionais, a não recuperação da crise financeira global, a desvalorização do hryvnia (moeda ucraniana), o empobrecimento do Estado e a queda abrupta da população (Adomanis, 2014).

As divisões sociais da Ucrânia tornaram-se particularmente evidentes neste corrente período de crise. O afastamento do presidente Yanukovich deixou latente a presença de uma facção ultranacionalista ucraniana que causou desconforto nas regiões de maioria russófila. Foi esse desconforto que a Rússia aproveitou para justificar a sua entrada na Crimeia.

A presente análise está organizada em duas secções. Na primeira (Desenvolvimento Social) são apresentados os principais fatores trazidos pela independência e pelo sistema capitalista na Ucrânia, responsáveis pela forma atual do tecido social em geral. Não estaremos preocupados em identificar aspetos sociais positivos ou negativos, mas sim as transformações sociais e as principais linhas que dão forma à sociedade ucraniana atual. Na segunda secção (Problemas Sociais), são apresentadas as principais dificuldades com que a sociedade ucraniana se debate atualmente, evitando, deliberadamente, a inclusão de fatores diretamente relacionados com a crise atual e acerca dos quais ainda não existe um quadro claro¹¹.

a. Desenvolvimento Social

Para os cidadãos ucranianos, a liberdade de escolha trazida pelas reformas democráticas após 1991, aumentou o risco e a responsabilidade na tomada de decisões. Com efeito, à semelhança do que ocorreu na maioria dos espaços socialistas abertos, posteriormente, ao capitalismo, a sociedade não estava preparada para incorporar os requisitos e os procedimentos típicos das sociedades capitalistas, largamente assentes na iniciativa privada. Após mais de duas décadas de independência, verifica-se que o capitalismo na Ucrânia difere do esquema tradicional capitalista neoliberal,

¹¹ Esta opção prende-se com o propósito da presente análise. Trata-se de estabelecer um quadro geopolítico da Ucrânia (do qual o presente capítulo sobre a sociedade faz parte).

dato que teve de se adaptar e modificar por influência dos processos de resistência e de adaptação da população implicada (Oleinikova, 2013, p. 51). A Ucrânia tem dois fatores sociais que a fazem diferir da Rússia, no que respeita à cultura política e que criam algumas condições favoráveis ao desenvolvimento de uma sociedade capitalista: uma tradição antiga de existência de propriedade privada (que só foi anulada a partir da década de 1930, com a URSS) e a pouca propensão dos ucranianos para apoiarem em uníssono um líder autoritário (Haran, 2013, p. 70).

(1) Diversidade regional e política

Um dos fatores que a independência acarretou foi o florescimento da grande diversidade regional e política na Ucrânia. A faceta negativa desta situação está relacionada com as tensões entre grupos, algumas apresentadas na secção do presente trabalho correspondente aos “Problemas Sociais”, mas a diversidade tem o principal benefício de impedir que, na Ucrânia, uma única força ou entidade monopolize o poder. A privatização levada a cabo pelo presidente Kuchma nos anos 90, levou à emergência de “oligarcas” que rapidamente estenderam o seu controlo aos media, aos partidos políticos. Para controlar os oligarcas, Kuchma criou uma espécie de chantagem económica, com a aquisição de material comprometedor para esses mesmos oligarcas e fazendo pender a dúvida permanente sobre quando, como e onde poderia esse material ser utilizado. O controlo não foi obtido na plenitude porque num referendo realizado em 2000, Kuchma ficou a curta distância de ver os poderes presidenciais reforçados. A ameaça do autoritarismo regressou na presidência Yanukovich, depois da sua eleição como presidente, em 17 de janeiro de 2010 (Haran, 2013, p. 67).

(2) Liberdade de Imprensa

A imprensa foi uma das grandes vencedoras da nova era de independência. Para além da liberdade adquirida na década de 1990, a Revolução Laranja de 2004 representou um passo mais neste capítulo. No entanto, a partir de 2007 e, especialmente depois de 2010, tem-se assistido a algum retrocesso. No seu relatório anual sobre liberdade de imprensa, a organização norte-americana *Freedom House* tem vindo a classificar a imprensa ucraniana como “parcialmente livre”. Em 2007 era ainda considerada a imprensa mais livre das antigas repúblicas soviéticas mas o relatório de 2014 da mesma organização já a coloca abaixo da própria Rússia.

(3) Educação

Um dos aspetos em relação ao qual os sucessivos governos foram prestando mais atenção. O sistema educativo está desenhado desde o pré-escolar até ao ensino superior e conta com diversas opções a nível estatal, incluindo o apoio a crianças órfãs. Uma das características da rede escolar é a abrangência territorial que, apesar da extensão do país, proporciona oportunidades a toda a população, incluindo nas mais remotas áreas rurais. O sistema de ensino superior está também bastante desenvolvido, a par dos *standards* da Europa Ocidental, havendo quatro tipologias diferentes de estabelecimentos de ensino superior, conferindo graus de bacharelato, licenciatura, mestrado e doutoramento.

(4) Minorias étnicas

Depois da independência, as relações com os grupos minoritários foram, de um modo geral, pacíficas. A comunidade judaica experimentou uma espécie de renascença, desempenhando o rabi de Kiev, Yaakov Dov Bleich (nascido nos EUA) um papel importante na organização de escolas, sinagogas e atividade assistencial. O governo ucraniano também se aproximou da comunidade judaica. Foram concedidos direitos de nacionalidade às minorias húngara e romena do ocidente da Ucrânia e o governo fez esforços para apoiar os Tártaros, com dezenas de milhares ainda a residir no estrangeiro, fruto das deportações da década de 1940. Durante o período da pós-independência, a comunidade tártara manteve-se pacífica, em larga medida devido à liderança eficaz do ex-dissidente Mustafa Jemilev.

b. Problemas Sociais

A transição social na Ucrânia arrastou milhões de pessoas para o exterior dos seus nichos sociais no período soviético. Os operários especialistas daquele tempo, antes integrados num sistema económico estatal, acabaram por se encontrar num mundo diferente, em que frequentemente o seu conhecimento e experiência já não era requerido. Incapazes de vislumbrar saídas para si e para os seus filhos, os ucranianos entraram num clima geral de depressão, pautado pela marginalização, extensiva a todos os grupos sociais. Uma franja significativa de cidadãos altamente qualificados do ponto de vista científico encontrou-se, de um dia para o outro, no limiar da pobreza. Médicos, economistas, investigadores, professores viram-se na necessidade de sobreviver à custa da venda de alguma produção agrícola doméstica (Oleinikova, 2013, p. 56). As estratégias de sobrevivência de uma parte significativa de cidadãos ucranianos começaram a

passar, a partir da década de 1990, por atividades ilegais que, por sua vez, constituem ou catalisam problemas sociais.

(1) Saúde

A despesa do Estado ucraniano com a saúde corresponde a 7,3% do Produto Interno Bruto (PIB). O país tem 3,52 médicos e 8,7 camas por cada milhar de habitantes. A prevalência de HIV, em 2012 era de 0,9% da população, estando em 18º lugar no que respeita a mortes por SIDA, numa lista de 233 países (CIA, 2014).

A Ucrânia carece de especialistas qualificados e de infraestruturas médicas para proporcionar uma resposta adequada à sua população e para garantir medicina preventiva. Uma das provas desta situação é o recrudescimento de algumas epidemias, como a tuberculose. Nos últimos anos têm também aumentado os problemas relacionados com o consumo de álcool.

Noutros indicadores, como a obesidade da população em geral ou a subnutrição infantil, a Ucrânia apresenta uma baixa prevalência (89º lugar no primeiro e 134º no segundo).

Desde o desastre de Chernobyl, a incidência de cancro da tiróide em crianças passou a ser dez vezes superior ao normal.

Apesar da melhoria das condições em anos recentes, tem aumentado a clivagem entre os setores ricos e pobres da população. Se dividida em cinco quintos, o quinto do topo beneficia de 41% dos rendimentos totais, ao passo que o quinto da base não usufrui de mais de 8,6%, de acordo com a ONU (Anon., 2014b).

(2) Emprego

A taxa de desemprego respeitante ao segundo semestre de 2014 é de 9,3% da população ativa (Anon., 2014b).

(3) Emigração

A emigração é outra das principais características da Ucrânia. A maior comunidade ucraniana no estrangeiro encontra-se na Rússia, totalizando mais de 2 milhões. Nas décadas de 1990 e 2000, milhares de ucranianos emigraram, principalmente para a Polónia e Hungria, mas também para outros países da UE, destacando-se Portugal, Espanha e Itália. Fora da UE, os destinos mais escolhidos são a Turquia, Israel, EUA e Canadá (Maynovska, 2006). A saída de ucranianos para a Rússia, Polónia e Europa Central é, normalmente, temporária, originando fluxos sazonais de trabalhadores e o Estado ucraniano não os considera como emigrantes.

(4) Tráfico humano

O tráfico humano, especialmente de mulheres, é um dos problemas sociais mais pertinentes da Ucrânia. O sistema das redes criminais que operam no país passa pelo aliciamento de jovens mulheres para trabalhar no estrangeiro, quer como empregadas domésticas, quer como modelos fotográficos. De acordo com a ONG La Strada, que lida, no país, com o problema do tráfico humano, 75% dos desempregados ucranianos são mulheres, o que contribui em grande medida para convencer as ucranianas que é difícil ou mesmo impossível encontrar trabalho dentro das fronteiras (La Strada, 2011).

Para além de fonte de tráfico humano, a Ucrânia é também espaço de trânsito de transportes com origem noutros países, nomeadamente da Ásia central, Rússia e Moldávia. As redes criminais ucranianas estão bem organizadas e fazem, depois, a distribuição pela Europa e pelo Médio Oriente. Os principais pontos de entrada e saída no país são o porto de Odessa e o aeroporto de Kiev. Em relação a esta atividade é difícil destrinçar o papel dos grupos criminais russos dos ucranianos, uma vez que todos operam na Ucrânia (Anon., 2014b).

(5) Tráfico de estupefacientes

A Ucrânia é um ponto de passagem nas rotas que provêm do Afeganistão com destino ao centro da Europa, com destaque para os mais próximos, Polónia, Hungria e Bulgária, mas também para a Alemanha e ao Reino Unido. Há também uma quantidade significativa que permanece no país, para consumo interno.

O principal fator a favorecer este tráfico é a grande extensão da fronteira face ao escasso controlo possível de manter por parte de Kiev. Não está em causa somente a fronteira terrestre, mas também a extensa linha de costa nos mares Negro e de Azov, de fácil acesso a traficantes provenientes da Turquia. De acordo com o Departamento norte-americano da Justiça, das mais de 1500 estradas que cruzam as fronteiras norte, este e sudoeste da Ucrânia, só 98 possuem alfândegas e postos de controlo fronteiriços (Anon., 2014b).

(6) Crime Organizado

O crime organizado na Ucrânia esteve sempre associado a grupos políticos. Este aspeto é particularmente evidente em Donetsk, cujos tentáculos das organizações criminais se estendem à política, aos negócios e mesmo às autoridades judiciais. Os maiores grupos empresariais e finan-

ceiros controlam e usam grupos criminosos para lidar com os seus concorrentes e com as possíveis ameaças, à boa maneira das máfias. Ainda assim, o crime organizado na Ucrânia revela-se de menor intensidade do que na Rússia (Anon., 2014b).

As manifestações deste fenómeno na sociedade materializam-se através da extorsão e do crime violento. O índice de homicídios duplicou desde a era soviética, devido às guerras pelo controlo de espaços e às mortes encomendadas, direcionadas ao comércio local.

A grande maioria das atividades terroristas na Ucrânia está relacionada com o crime organizado, sendo que somente a partir de dezembro de 2013 se começou a assistir a ações terroristas diretamente relacionadas com o conflito entre ultranacionalistas ucranianos e entidades pró-russas.

(7) Crime Financeiro

A Ucrânia ratificou a Convenção de Estrasburgo de 1997, direcionada ao combate ao crime financeiro. Apesar de se ter comprometido a adotar legislação específica no sentido de combater este problema, acabou por nunca conseguir implementá-la. Por essa razão, a Ucrânia passou a ser classificada, pela *Financial Action Task Force (FATF)*¹² como Estado não cooperante. Recentemente, a organização internacional reviu esta postura, depois da Ucrânia ter mostrado avanços legislativos e ter encetado a criação de uma base de dados destinada ao combate ao crime financeiro (Anon., 2014a).

(8) Tráfico de armas

A Ucrânia é país produtor e exporta armamento, o que levou a que, no passado, fosse alvo de acusações de tráfico ilegal de armas para outros países. Na década de 1990, a Ucrânia apareceu associada ao fornecimento de armas para o regime Talibã do Afeganistão e para os rebeldes da Serra Leoa, no quadro da guerra civil naquele país. Os EUA também acusaram a Ucrânia de fornecer armas ao Iraque, em 2000, ignorando o embargo imposto¹³.

Com a implosão da URSS, a Ucrânia também herdou importantes reservas de armamento. Apesar das ogivas nucleares terem sido devolvi-

¹² Organização internacional destinada a promover políticas de combate a lavagem de dinheiro e financiamento terrorista. Conta com 36 Estados-membros embora a sua rede se estenda a mais de 180 Estados organizados entre si numa base regional (corpos regionais), com estatutos diversos (observadores, etc.), mediante os objetivos estabelecidos pela própria instituição (FATF, 2014).

¹³ Apesar de, na invasão de 2003, não terem sido encontrados radares *Kolchuga*, que alegadamente a Ucrânia teria vendido a Saddam Hussein.

das à Rússia, as armas convencionais permaneceram, frequentemente mal acondicionadas e protegidas, o que incrementou o risco da sua apropriação por terceiros, no intuito de proceder ao tráfico ilegal. Assistiu-se, também, à dificuldade de controlo do paradeiro de todo o armamento e equipamento militar, por parte das autoridades, tendo proliferado as vendas de material de guerra por todo o país. Estima-se que estejam desaparecidos mais de 190 milhões de dólares de equipamentos militares.

(9) Segurança Rodoviária

O registo de segurança rodoviária na Ucrânia é um dos piores da Europa no que respeita a acidentes e a mortes na estrada. A rede viária é desadequada e necessita de melhorias no sentido de a aproximar das normas técnicas e de segurança europeias.

10. Fator Militar

a. Forças Armadas

As Forças Armadas da Ucrânia (FAU) foram fundadas na sequência da declaração de independência do país. A maior parte dos meios militares e pessoal das Forças Armadas da URSS que se encontravam na Ucrânia à data da independência passaram a estar sob controlo de Kiev. Esse dispositivo era um dos mais poderosos da Europa de então, dotado de tecnologia avançada e armamento nuclear. Porém, a capacidade de comando e controlo estava totalmente ausente, uma vez que as unidades estacionadas em território ucraniano estavam projetadas essencialmente para conduzir operações ofensivas conjuntas contra as forças da OTAN na Europa, sob o comando de Moscovo. Nessa ocasião, as FAU dispunham de 780.000 homens, 6500 carros de combate, cerca de 7000 viaturas blindadas, 1500 aeronaves de combate, mais de 350 navios, 1272 ogivais nucleares estratégicas para mísseis balísticos intercontinentais e ainda 2500 mísseis nucleares táticos. Apesar disso, este dispositivo não servia as necessidades de defesa do jovem país com fronteiras com a Bielorrússia, a Hungria, a Moldávia, a Polónia, a Roménia, a Rússia e a Eslováquia, além de uma linha de costa de 2.700 Km.

De 1991 a 1996 decorreu um programa de reforma das FAU que passou pela adaptação do dispositivo herdado da URSS às novas realidades. O processo estava de acordo com o novo alinhamento internacional da Ucrânia: um Estado não-alinhado, que rejeitava o uso de armas nucleares. Em 31 de janeiro de 1992, a Ucrânia aderiu à Conferência sobre Segurança e Cooperação na Europa (atualmente Organização para a Segurança

e Cooperação na Europa – OSCE). No dia 10 de março de 1992, tornou-se membro do Conselho de Cooperação do Atlântico Norte. O novo quadro de segurança incluiu relações estáveis com a Rússia e alguma integração das estruturas ocidentais, como foi o caso da integração da Parceria para a Paz da OTAN, a partir de 8 de fevereiro de 1994. Data desse ano, também, a declaração das autoridades ucranianas em estabelecerem uma parceria com a União Europeia, com vista a uma futura adesão.

Foi então elaborada a legislação enquadrante da atuação das forças armadas, segundo os novos desafios de segurança e alinhamento político internacional, tendo sido eliminados 3500 organismos militares e desmobilizados 410.000 militares. A frota de aviões foi reduzida em 600 unidades e a de helicópteros em 200. Os carros de combate sofreram um corte de 2400 unidades e os veículos blindados de 2000. Era a consequência da assinatura do acordo de Tachkent, de 15 de maio de 1992, que estabelecia limites máximos de armamento, num quadro de ramificação do Tratado CFE (*Conventional Forces in Europe*), que tinha sido assinado no fim da Guerra Fria. Mais sintomático do posicionamento não-alinhado da Ucrânia foi o abandono total da opção nuclear, por meio da assinatura do Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares. Apesar destes mecanismos já conterem seguranças de respeito de integridade territorial e de não ingerência em questões internas, a Ucrânia viu asseguradas as suas garantias através da assinatura do Memorando de Budapeste de 1994 pela Rússia, Estados Unidos e Reino Unido, em troca do armamento nuclear que estava no seu território que deveria ser entregue à Rússia a fim de ser desmantelado. No dia 1 de junho de 2006, já não existia nenhuma ogiva nuclear no território da Ucrânia.

Em termos de organização, a herança soviética foi mantida, com o controlo presidencial a ser exercido através do Ministro da Defesa, cujo cargo foi exercido por oficiais do Exército até 2003, ano em que Yehven Marchuk tomou posse como o primeiro civil a desempenhar essas funções, tendo estabelecido o precedente da subordinação das forças armadas ao poder civil.

O Ministério da Defesa apresenta departamentos responsáveis pelo financiamento, pessoal, logística e cooperação internacional, além das áreas clássicas da política de defesa e da doutrina. Na esfera do Ministério da Defesa estão ainda os serviços secretos, que dependem do próprio ministro e não do Chefe de Estado-Maior General, como no tempo soviético. Também de acordo com a tradição, o Estado-Maior General é o principal órgão de comando e controle das forças armadas com competências muito alargadas. Os três ramos das forças armadas – exército, marinha e força aérea –

são subordinados diretos do Chefe de Estado-Maior General. Existem dois comandos regionais e um distrito: oeste, sul e norte, respetivamente.

Atualmente, as FAU são uma força de defesa com uma capacidade marginal para conduzir missões de manutenção da paz ou outras semelhantes que envolvam projeção de forças. Após a invasão russa da Geórgia em 2008, as relações com a Rússia tornaram-se mais turbulentas e por isso Kiev procurou reforçar suas capacidades militares, apesar de seus problemas financeiros. Yushchenko fez questão de aumentar o orçamento para as reformas das FAU, mas o seu sucessor Yanukovych adotou uma política mais conciliatória em relação a Moscovo, colocando menor ênfase no rearmamento.

As FAU assentam predominantemente no recrutamento obrigatório, embora haja intenções de profissionalizar o serviço militar, especialmente na categoria de sargentos. Os problemas verificados são típicos das forças armadas do espaço ex-soviético, designadamente falta de treino e de disciplina, assim como baixos níveis de recrutamento e de retenção. Em 2012, foram anunciados planos para terminar o serviço militar obrigatório no ano de 2013, mas a transição não deverá estar terminada antes de 2017. Esta conversão deverá ser acompanhada de um aumento do nível de treino. O tempo de voo deverá aumentar em média entre 60 a 70 horas por tripulação por ano, enquanto os navios deverão navegar pelo menos durante 25 dias por ano. O país está a implementar uma reforma de longo prazo que permitirá reduzir as forças armadas dos quantitativos de 2009 de 200.000 efetivos para cerca de 150.000 em 2016.

As forças de reserva incluem todos os que receberam treino militar nos últimos cinco anos e totalizam cerca de um milhão de pessoas.

Além das forças armadas, o dispositivo de segurança inclui ainda a guarda de fronteira, com uma componente naval, com um efetivo de cerca de 45.000 pessoas e as forças policiais, que incluem as forças especiais Tytan (semelhantes aos Spetsnaz russos) e Berkut de controlo de tumultos, com um efetivo a rondar as 40.000 pessoas. Estes serviços são controlados pelo presidente, através do Ministro do Interior.

Embora tenha sido declarado que o orçamento de defesa deverá situar-se em pelo menos 3% do PIB, o gasto efetivo na defesa nos últimos cinco anos tem-se mantido abaixo da marca de 1% do PIB. Como consequência destes fatos, as FAU têm capacidade apenas para uma defesa territorial limitada.

Regionalmente, a Ucrânia enfrenta algumas disputas territoriais, incluindo com a Roménia sobre as Ilhas Serpentes, no Mar Negro, localizadas a 25 milhas a leste do delta do Danúbio, numa zona onde se pensa

existirem substanciais reservas de gás e petróleo. Existem também disputas relacionadas com a demarcação da fronteira com a Bielorrússia, além das questões críticas com a Rússia, como a anexação da Crimeia e as alterações no leste da Ucrânia.

Existem elementos das FAU destacados nos seguintes cenários: Afeganistão (NATO ISAF) – 25 militares; República Democrática do Congo (MONUSCO) – 154 militares e 14 observadores; Kosovo (NATO KFOR) – 149 militares, (UNMIK) – 2 observadores; Libéria (UNMIL) – 277 militares, 2 observadores e 19 polícias; Sudão do Sul (UNMISS) – 3 observadores; Sudão (UNISFA) – 2 observadores; Moldávia – 10 observadores.

As FAU conduzem exercícios nacionais e participam em exercícios multinacionais com os Estados Unidos, a Polónia, a Bielorrússia, a Rússia e a Alemanha. Em novembro de 2013, 100 fuzileiros participaram no exercício NATO STEADFAST JAZZ. Unidades navais ucranianas têm participado em missões antipirataria.

b. Exército

Após o desmembramento da União Soviética, as forças militares existentes nas repúblicas socialistas soviéticas constituíram o esqueleto das novas repúblicas independentes. O Exército da Ucrânia é uma herança das forças terrestres da ex-República Socialista Soviética da Ucrânia. Isto teve repercussões na organização e na doutrina do atual exército ucraniano.

(1) Doutrina das Operações Terrestres

As forças mecanizadas e blindadas são os elementos principais do Exército Ucraniano. Os objetivos táticos são capturar e manter posições, defender, penetrar linhas inimigas e derrotar as forças inimigas.

A aviação do exército garante cobertura aos movimentos das tropas e participa na manobra com as suas forças mecanizadas e blindadas. As unidades de aviação executam reconhecimento, ataque dos sistemas de armas inimigos, apoio de fogos na ofensiva e contra ataque, e apoiam as operações aeromóveis.

As forças aeromóveis são as unidades de resposta rápida do exército. Estas unidades estão treinadas para operações ofensivas atrás das linhas inimigas.

As forças de artilharia e foguetes consistem em forças com meios de artilharia autopropulsada, obuses rebocados, armas anticarro, unidades de reconhecimento de artilharia, unidades de morteiros e unidades de mísseis.

(2) Organização do Exército Ucrâniano

A Ucrânia tem a sua componente terrestre em três distritos militares: o Distrito Militar de Kiev, ao centro e norte; o Distrito Militar dos Cárpatos, a oeste; e o Distrito Militar de Odessa, a sul e este.

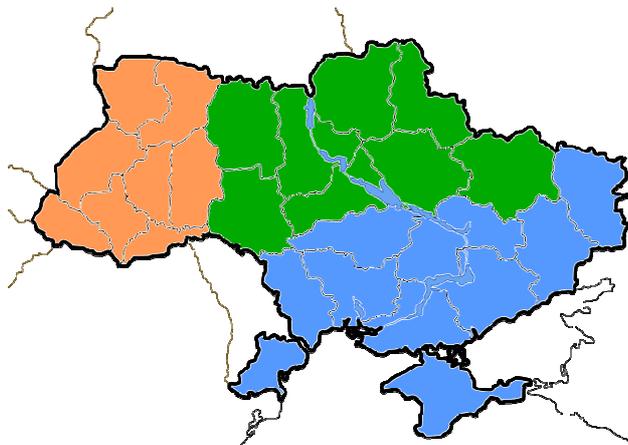


Figura 50 – Comandos territoriais

Fonte: (<http://en.wikipedia.org>).

Em 2012, a organização das forças terrestres era a seguinte:

- Comando das Forças Terrestres, Kiev:
 - Comando Operacional Oeste
 - Comando Operacional Sul
 - Diretoria Territorial Norte
 - Unidades diretamente subordinadas ao Comando das Forças Terrestres
 - 1º Regimento de Forças Especiais (Spetnaz), Kiev;
 - 3º Regimento de Forças Especiais (Spetnaz), Kirovhorad;
 - 8º Regimento de Forças Especiais (Spetnaz), Khmelnytskyi;
 - 101ª Brigada de Guardas, Kiev;
 - 79ª Brigada Aeromóvel (atribuída ao VI CE em tempo de paz);
 - 19ª Brigada de Foguetes, Khmelnytskyi;
 - Centro de Treino “Dresna”
 - VI Corpo de Exército;
 - VIII Corpo de Exército;
 - XIII Corpo de Exército.

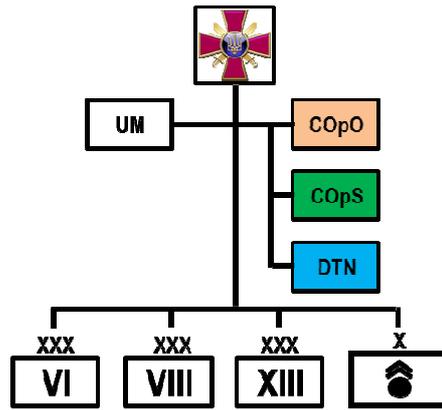


Figura 51 – Organização do Exército da Ucrânia

■ VI Corpo de Exército (Comando Operacional Sul), Dnipropetrovsk

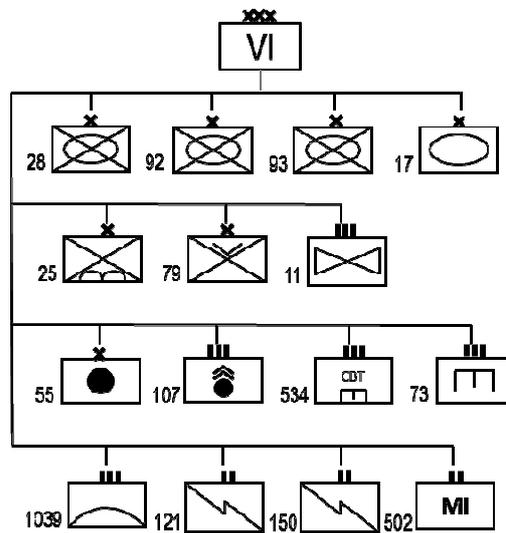


Figura 52 – VI CE

O VI Corpo de Exército é constituído pelas seguintes unidades: 28ª Brigada Mecanizada; 92ª Brigada mecanizada; 93ª Brigada Mecanizada; 17ª Brigada Blindada; 25ª Brigada Aerotransportada; 79ª Brigada Aeromóvel; 11º Regimento de Aviação do Exército; 55ª Brigada de Artilharia de Campanha; 107º Regimento de Lança Foguetes Múltiplo (LFM); 534º Regimento

de Engenharia de Combate; 73º Regimento de Engenharia; 1039º Regimento de Artilharia Antiaérea; 121º Batalhão de Transmissões; 150º Batalhão de Transmissões; e 502º Batalhão de Informações Militares.

- 28ª Brigada Mecanizada (Comando de Brigada), Chornomorske
- 92ª Brigada Mecanizada, Chuhuiv

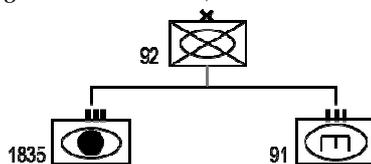


Figura 53 – 92ª Brigada Mecanizada

A 92ª Brigada Mecanizada é constituída por: o 1835º Regimento de Artilharia de Campanha Autopropulsado e o 91º Regimento de Engenharia.

- 93ª Brigada Mecanizada, Chekarske

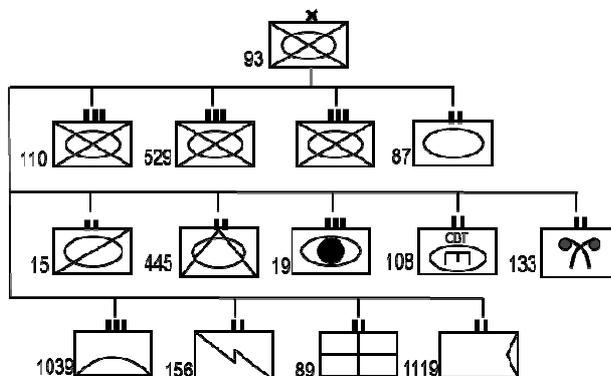


Figura 54 – 93ª Brigada Mecanizada

A 93ª Brigada Mecanizada é constituída por: 110º Regimento de Infantaria Mecanizado; 529º Regimento de Infantaria Mecanizado; um Regimento de Infantaria Mecanizado (sem designação, sd); 87º Grupo de Carros de Combate; 15º Grupo de Reconhecimento; 445º Batalhão Anticarro; 19º Regimento de Artilharia de Campanha Autopropulsado; 108º Batalhão de Engenharia; 133º Batalhão Nuclear, Biológico e Químico (NBQ); 1039º Regimento de Artilharia Antiaérea; 156º Batalhão de Transmissões; 89º Batalhão Sanitário; e 1119º Batalhão de Apoio de Serviços.

• 25ª Brigada Aerotransportada, Cherkaske

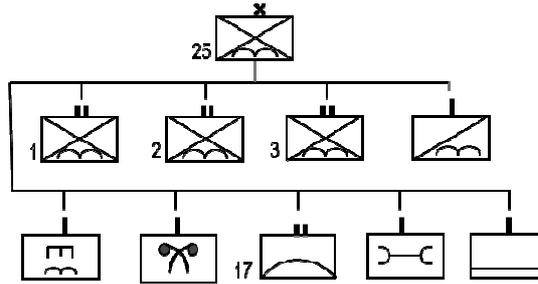


Figura 55 – 25ª Brigada Aerotransportada

A 25ª Brigada Aerotransportada é constituída por: 1º Batalhão de Infantaria Aerotransportado; 2º Batalhão de Infantaria Aerotransportado; 3º Batalhão de Infantaria Aerotransportado; Esquadrão de Reconhecimento Aerotransportado (sd); Companhia de Engenharia Aerotransportada (sd); Companhia NBQ (sd); 17º Batalhão de Artilharia Antiaérea; Companhia de Manutenção (sd); e Companhia de Reabastecimento (sd).

• 79ª Brigada Aeromóvel, Solyanj

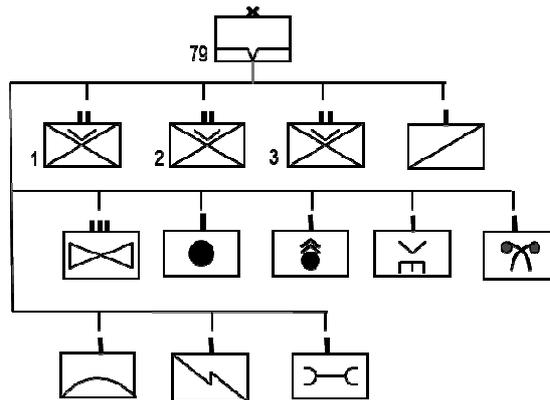


Figura 56 – 79ª Brigada Aeromóvel

A 79ª Brigada Aeromóvel é constituída por: 1º Batalhão de Infantaria Aeromóvel; 2º Batalhão de Infantaria Aeromóvel; 3º Batalhão de Infantaria Aeromóvel; Esquadrão de Reconhecimento (sd); Regimento de Aviação do Exército (sd); Bateria de Artilharia de Campanha (sd); Bateria de LFM (sd); Companhia de Engenharia Aeromóvel (sd); Companhia NBQ

(sd); Bateria de Artilharia Antiaérea (sd); Companhia de Transmissões (sd); e Companhia de Manutenção (sd).

- 17ª Brigada de Carros, Kryvyi Rih

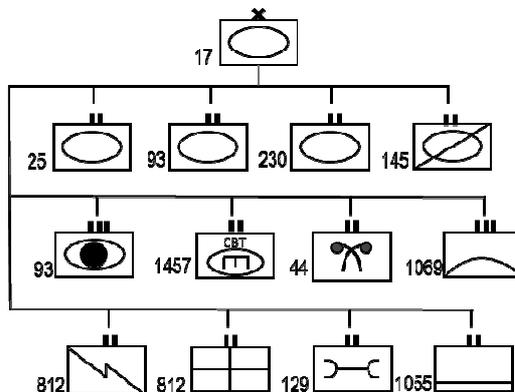


Figura 57 – 17ª Brigada Blindada

A 17ª Brigada Blindada é constituída por: 25º Grupo de Carros de Combate; 93º Grupo de Carros de Combate; 230º Grupo de Carros de Combate; 145º Grupo de Reconhecimento; 93º Regimento de Artilharia de Campanha Autopropulsado; 1457º Batalhão de Engenharia de Combate; 44º Batalhão NBQ; 1069º Regimento de Artilharia Antiaérea; 812º Batalhão de Transmissões; 812º Batalhão Sanitário; 129º Batalhão de Manutenção; e 1055º Batalhão de Reabastecimento.

- VIII Corpo de Exército (Diretoria Territorial Norte), Zhytomir

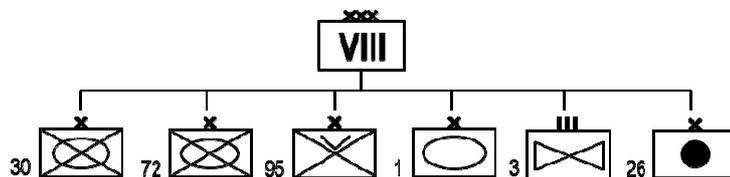


Figura 58 – VII CE

O VIII Corpo de Exército é constituído pelas seguintes unidades: 30ª Brigada Mecanizada; 72ª Brigada Mecanizada; 95ª Brigada Aeromóvel; 1ª Brigada Blindada; 3º Regimento de Aviação do Exército; e 26ª Brigada de Artilharia de Campanha.

• 30ª Brigada Mecanizada, Novohrad-Volynskye

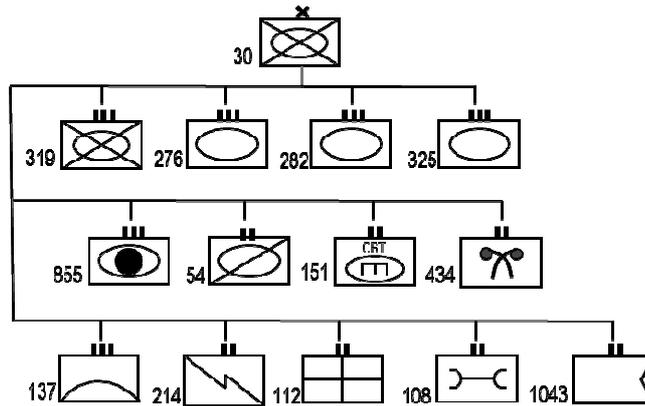


Figura 59 – 30ª Brigada Mecanizada

A 30ª Brigada Mecanizada é constituída por: 319º Regimento de Infantaria Mecanizado; 276º Regimento de Carros de Combate; 282º Regimento de Carros de Combate; 325º Regimento de Carros de Combate; 855º Regimento de Artilharia de Campanha Autopropulsado; 54º Grupo de Reconhecimento; 151º Batalhão de Engenharia de Combate; 434º Batalhão NBQ; 137º Regimento de Artilharia Antiaérea; 214º Batalhão de Transmissões; 112º Batalhão Sanitário; 108º Batalhão de Manutenção; e 1043º Batalhão de Apoio de Serviços.

• 72ª Brigada Mecanizada, Bila Tserkya

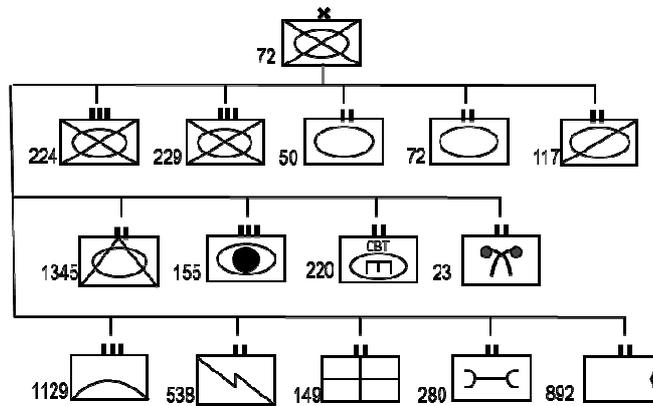


Figura 60 – 72ª Brigada Mecanizada

A 72ª Brigada Mecanizada é constituída por: 224º Regimento de Infantaria Mecanizado; 229º Regimento de Infantaria Mecanizado; 50º Grupo de Carros de Combate; 72º Grupo de Carros de Combate; 117º Grupo de Reconhecimento; 1345º Batalhão Anticarro; 155º Regimento de Artilharia de Campanha Autopropulsado; 220º Batalhão de Engenharia de Combate; 23º Batalhão NBQ; 1129º Regimento de Artilharia Antiaérea; 538º Batalhão de Transmissões; 149º Batalhão Sanitário; 280º Batalhão de Manutenção; e 892º Batalhão de Apoio de Serviços.

- 95ª Brigada Aeromóvel, Zhytomir

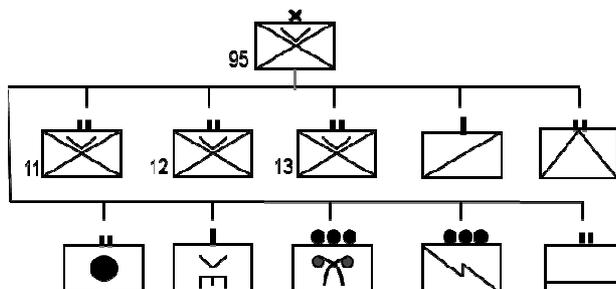


Figura 61 – 95ª Brigada Aeromóvel

A 95ª Brigada Aeromóvel é constituída por: 11º Batalhão de Infantaria Aeromóvel; 12º Batalhão de Infantaria Aeromóvel; 13º Batalhão de Infantaria Aeromóvel; Esquadrão de Reconhecimento (sd); Batalhão Anticarro (sd); Grupo de Artilharia de Campanha (sd); Companhia de Engenharia Aeromóvel (sd); Pelotão NBQ (sd); Pelotão de Transmissões (sd); e Batalhão de Reabastecimento (sd).

- 1ª Brigada de Carros (Comando de Brigada), Honcharivske
- 3º Regimento de Aviação do Exército, Brody
- 26ª Brigada de Artilharia, Berdychiv

- XIII Corpo de Exército (Comando Operacional Oeste), Rivne

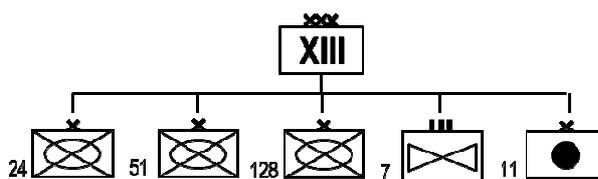


Figura 62 – XIII CE

O XIII Corpo de Exército é constituído pelas seguintes unidades: 24ª Brigada Mecanizada; 51ª Brigada Mecanizada; 128ª Brigada Mecanizada; 7º Regimento de Aviação do Exército; e 11ª Brigada de Artilharia de Campanha.

- 24ª Brigada Mecanizada, Yavoriv

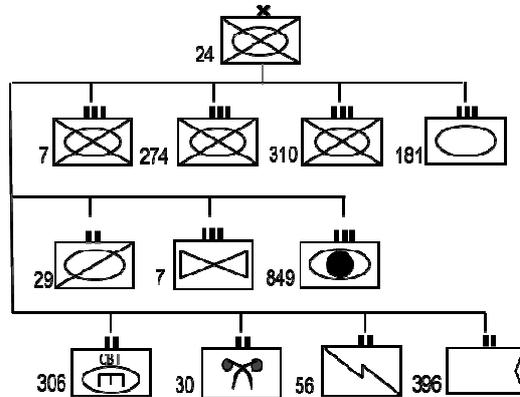


Figura 63 – 24ª Brigada Mecanizada

A 24ª Brigada Mecanizada é constituída por: 7º Regimento de Infantaria Mecanizado; 274º Regimento de Infantaria Mecanizado; 310º Regimento de Infantaria Mecanizado; 181º Regimento de Carros de Combate; 29º Grupo de Reconhecimento; 7º Regimento de Aviação do Exército; 849º Regimento de Artilharia de Campanha; 306º Batalhão de Engenharia de Combate; 30º Batalhão NBQ; 56º Batalhão de Transmissões; e 396º Batalhão de Apoio de Serviços.

- 51ª Brigada Mecanizada, Volodymyr-Volynskyi

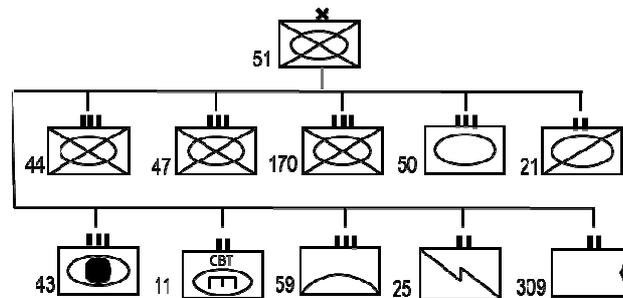


Figura 64 – 51ª Brigada Mecanizada

A 51ª Brigada Mecanizada é constituída por: 44º Regimento de Infantaria Mecanizado; 47º Regimento de Infantaria Mecanizado; 170º Regimento de Infantaria Mecanizado; 50º Regimento de Carros de Combate; 21º Grupo de Reconhecimento; 43º Regimento de Artilharia de Campanha Autopropulsado; 11º Batalhão de Engenharia de Combate; 59º Regimento de Artilharia Antiaérea; 25º Batalhão de Transmissões; e 309º Batalhão de Apoio de Serviços.

- 128ª Brigada Mecanizada de Guarda, Mukacheve

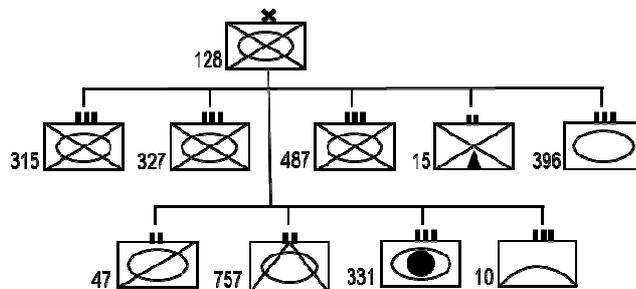


Figura 65 – 128ª Brigada Mecanizada

A 128ª Brigada Mecanizada é constituída por: 315º Regimento de Infantaria Mecanizado; 327º Regimento de Infantaria Mecanizado; 487º Regimento de Infantaria Mecanizado; 15º Batalhão de Infantaria de Montanha; 396º Regimento de Carros de Combate; 47º Grupo de Reconhecimento; 757º Batalhão Anticarro; 331º Regimento de Artilharia de Campanha Autopropulsado; e 10º Regimento de Artilharia Antiaérea.

- 7º Regimento de Aviação do Exército (em Ordem de Batalha à 24ª Brigada Mecanizada), Novyi Kalyniv
- 11ª Brigada de Artilharia, Ternopil

Distribuição territorial das brigadas



Figura 66 – Distribuição territorial das brigadas

Fonte: (www.militaryperiscope.com).

Treino

O exército ucraniano nos últimos tempos está muito envolvido em participar em exercícios com forças da OTAN. Existe a convicção de ter forças interoperáveis com as forças da OTAN. Isto ficou patente na participação com a Lituânia e Polónia no Exercício “MAPLE ARCH”.

Em 2013, as forças terrestres ucranianas executaram dois exercícios de nível brigada, 6 exercícios de nível batalhão e 32 exercícios de nível companhia. Participaram em exercícios multinacionais, dos quais 6 foram realizados em território da Ucrânia.

Destaca-se o exercício “RAPID TRIDENT 2013”. Este foi o maior exercício em que os militares da Ucrânia participaram em 2013. Decorreu no período de 9 a 18 de julho de 2013 no Centro Internacional de Segurança e Operações de Apoio à Paz, na Academia Militar de Lviv. O exercício contou com 1300 militares de 19 países. A Ucrânia forneceu a maior fatia com 6.000 militares vindos de unidades dos VIII CE e XIII CE.

c. **Marinha**

Antecedentes históricos

A Frota do Mar Negro e a sua principal base, na cidade de Sebastopol, remontam ao século XVIII, tendo sido criadas por decreto da Imperatriz Catarina II, em 13 de maio de 1783. Esta frota comandada inicialmente por almirantes carismáticos como Dimitri Nicolaievich Seniavin¹⁴ e Pavel Nakhimov,¹⁵ é ainda hoje uma frota de enorme importância política e histórica para a Rússia (Siletsky, 2014).

Em 1790, a marinha russa sob o comando do Almirante Fyodor Fyodorovich Ushakov¹⁶ derrotou a frota turca na Batalha do Estreito de Kerch. De 1841 em diante, a frota ficou confinada no Mar Negro pela Convenção de Londres sobre os Estreitos.

Como resultado da Guerra da Crimeia, o Tratado de Paris proibiu a Rússia de manter bases ou forças navais no Mar Negro, o qual deveria ser uma zona desmilitarizada, igual às ilhas Åland¹⁷ no Mar Báltico (no entanto, logo depois a Rússia retomou a sua presença militar na área). O Tratado de Paris ainda é honrado pela Finlândia, mas não pelo governo russo.

Durante a Primeira Guerra Mundial, houve uma série de conflitos entre a marinha russa e otomana no Mar Negro. Os otomanos obtiveram vantagem inicialmente, resultante das capacidades do couraçado alemão SMS Goeben, contudo após a marinha russa adquirir dois modernos navios de guerra, o Imperatritsa Mariya e Imperatritsa Ekaterina Velikaya, ambos construídos em Mykolaiv, os russos tomaram conta do mar até ao colapso do governo russo em novembro de 1917.

Durante o período soviético, Sebastopol foi a sede de uma poderosa esquadra que vigiava as frotas americanas no Mediterrâneo, como aconteceu na Guerra do Yom Kippur entre árabes e israelitas, em 1973.

¹⁴ Dimitri Nicolaievich Seniavin (Borovsk, 17 de agosto de 1763 — São Petersburgo, 5 de abril de 1831), foi um almirante russo que se notabilizou durante as Guerras Revolucionárias Francesas, tendo comandado as forças russas no Mediterrâneo e protagonizado um complexo incidente aquando da tomada de Lisboa pelas forças francesas comandadas por Jean-Andoche Junot, que culminaria no efetivo aprisionamento no estuário do Tejo da esquadra russa por ele comandada durante vários meses.

¹⁵ Pavel Stepanovich Nakhimov (Oblast de Smolensk, 23 de junho de 1802 - 28 de junho de 1855), foi um dos almirantes mais célebres da história naval russa. Ficou conhecido por ter comandado as forças navais e terrestres aquando do Cerco de Sebastopol, durante a Guerra da Crimeia.

¹⁶ Fyodor Fyodorovich Ushakov (Burnakovo, 24 de fevereiro de 1745 – Tambov Governorate, 14 de outubro de 1817) foi um dos mais ilustres comandantes da marinha russa do século XVIII. Foi canonizado pela Igreja Ortodoxa Russa em 2000.

¹⁷ Este território foi atribuído à Finlândia em 1921 após mediação internacional da Sociedade das Nações.

Situação anterior à crise da Crimeia

Oficialmente, as Forças Navais da Ucrânia nasceram em agosto de 1992, após a dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, com o início do processo de consolidação do novo Estado ucraniano. Na prática, ela surgiu apenas em 1997, após a assinatura do Tratado de Partição sobre o Estado e as condições da Frota do Mar Negro (Fernández, 2014).

O tratado dividiu a antiga Frota do Mar Negro soviética entre Ucrânia e Rússia, que manteve cerca de 80% dos navios, além do direito de manter tropas na Crimeia, e estabeleceu ainda as condições de utilização e operação mútua de bases ex-soviéticas na região, entre elas a base de Sebastopol. Este tratado permitiu à Rússia conservar 388 embarcações da sua marinha, entre elas, 14 submarinos convencionais, e operá-las em águas ucranianas. Contudo este tratado tem uma série de limitações na península ucraniana, pois, não só a Rússia não pode aumentar o número das embarcações ali situadas, como também requer a obtenção de autorização das autoridades ucranianas caso queira ou precise substituir algum dos seus navios.

A Ucrânia é também signatária de um tratado de desnuclearização que levou ao desmantelamento dos mísseis com ogivas nucleares estacionados no seu território e que foi também assinado pelos EUA, Reino Unido, França e Rússia que teve como contrapartida o respeito pelas fronteiras da Ucrânia (Dellinger, 2014).

O Tratado reconheceu a Federação Russa como única herdeira de todo o armamento nuclear da antiga URSS, o qual entrou na relação de forças nucleares acordada entre EUA e Federação Russa que se assumiu como garante do respeito pela independência da Ucrânia nas fronteiras atuais e não tendo qualquer implicação quanto à política interna e externa da Ucrânia, a qual só ficou comprometida com a ausência de armamentos nucleares no seu território (Dellinger, 2014).

Em 2010, pelos então presidentes Viktor Yanukovich e Dmitri Medvedev, a cedência da base de Sebastopol à Rússia foi prorrogada até 2042 (com possibilidade de se estender por mais cinco anos, isto é, até 2047). No entanto com a chegada à presidência da Ucrânia do pró-Occidental Viktor Yushchenko, a tensão entre Kiev e Moscovo aumentou em virtude deste ter declarado que era necessário visitar o acordo com a Rússia sobre a base naval (Fernández, 2014). O Ministério de Assuntos Exteriores de Kiev afirmou então que não se prorrogaria a renda das instalações de Sebastopol a Moscovo após 2017. Em maio de 2008, Yushchenko chegou inclusive a proibir que os russos realizassem uma parada militar em Sebastopol por ocasião do 225º aniversário da Frota do Mar Negro (Fernández, 2014).



Figura 67 – Movimento de tropas na Crimeia

Fonte: EL PAÍS.

Nesse mesmo mês, Kiev advertiu que os navios russos deviam abandonar seu tradicional porto. Assim, o Kremlin desenvolveu uma alternativa em território russo, no porto de Novorossiysk, para ali edificar a sua principal base naval, caso a Rússia se visse obrigada a abandonar a Crimeia.

A Frota do Mar Negro

Em 1992, após a dissolução da União Soviética, a Frota do Mar Negro consistia de 835 navios de todas as classes, incluindo 28 submarinos, 26 navios capitais e um porta-aviões.

Até ao início da crise, a Frota russa do Mar Negro detinha aproximadamente dez navios principais, incluindo um cruzador de quase doze mil toneladas, além de um submarino, vinte e sete navios de combate e algumas dezenas de navios menores e de apoio. A Frota demonstrou bom desempenho e aptidão em seus últimos deslocamentos, nomeadamente durante a Guerra da Ossétia do Sul, em 2008, e durante a crise na Síria.

A Frota russa do Mar Negro, sediada no porto de Sebastopol na península ucraniana da Crimeia, era numerosa e abrangia os seguintes navios, mas com pouco valor militar resultante da idade dos meios:

- 1 Cruzador lança mísseis “Moskva” de 11 500 toneladas incorporado em 1982;
- 2 Cruzadores ou fragatas lança mísseis, o “Kertsch” de 1972 e outro navio que parece já estar desarmado;
- 1 Fragata da classe “Kashir” de 4390 toneladas de 1970;
- 3 Fragatas da classe “Kriwak I e II” incorporadas em 1980 e 1990;
- 7 Navios de desembarque de tropas e tanques com mais de 20 anos de idade;
- 1 Submarino diesel-elétrico da classe “Kilo”, provavelmente da década de 1990;
- 1 Submarino da classe “Tango”, que nem deverá estar operacional;
- 25 Corvetas e vedetas lança-mísseis mais ou menos velhas. Algumas, parece terem sido modernizadas.

Previa-se também que até 2016 a Frota do Mar Negro da marinha russa viesse a receber, seis submarinos convencionais do projeto 636.3, três dos quais para serem entregues à marinha já este ano, bem como, até 2020, novas unidades de defesa antiaérea e de infantaria de marinha, num programa de equipamento no valor de 1,75 mil milhões de euros.

Tratava-se dos submarinos de propulsão diesel-elétrica da terceira geração de navios da classe Kilo, Novorossiysk, Rostov-na-Donu e Stary Oskol. O seu comprimento é de 73 metros, têm 10 m de boca, uma profundidade de imersão de 350 metros e vinte nós de velocidade em imersão (Nekhai, 2014).

Do que é conhecido, os navios encontram-se armados com mísseis de cruzeiro Club-S, cujo alcance é de cerca de 300 quilómetros. Se os submarinos forem equipados com mísseis Kalibr, o seu alcance será então de 1200-1500 quilómetros. Por este indicador as armas russas são comparáveis aos mísseis de cruzeiro norte-americanos Tomahawk. “Com esse alcance os mísseis podem atingir alvos no território de países que se encontram bastante longe do teatro de operações do Mar Negro, ou seja, a região do Médio e Próximo Oriente” (Nekhai, 2014).

Os submarinos do projeto 636.3, que são uma versão aperfeiçoada do Varshavianka, distinguem-se pelo seu nível de ruído ainda mais baixo do que este. A existência de um sistema hidroacústico mais avançado dá-lhes uma vantagem acrescida sobre os navios inimigos de classes equivalentes e mesmo sobre os submarinos nucleares. Os novos navios podem cumprir um largo espectro de missões. Em primeiro lugar, na luta contra outros submarinos, especialmente em áreas adjacentes à orla marítima do potencial adversário em vez das zonas costeiras russas. Destinando-se também à segurança das bases navais e das linhas de comunicação costeiras e marítimas.

Atualmente o nível de insegurança na bacia do Mar Negro é relativamente baixo, refere Konstantin Sivkov¹⁸: “Não devemos esquecer que ela se situa na vizinhança da bacia mediterrânica, que é caracterizada por um nível de tensão elevado. Em determinadas condições essa tensão poderá alastrar ao Mar Negro, especialmente se o conflito na Síria não for resolvido, ou se se desenrolar um confronto com o Irão. Nesse caso o fluxo de refugiados e de terroristas poderá alcançar a bacia do Mar Negro, criando um confronto nessa região” (Nekhai, 2014).

Segundo as análises dos peritos, o aumento da quantidade de submarinos na Frota do Mar Negro em seis unidades no prazo de três anos permitirá obter a cobertura de toda a área costeira contra possíveis ataques de navios inimigos. No futuro os números totais da força submarina da Frota do Mar Negro deverão se situar nos 12-15 submarinos convencionais, o que permitirá cumprir com eficácia todas as missões necessárias.

Marinha de Guerra da Ucrânia

A Marinha ucraniana sobreviveu ao desmembramento da Frota Soviética do Mar Negro e emergiu como uma pequena força, razoavelmente eficaz e relativamente bem adaptada para atender às exigências nacionais envolvendo-se externamente em operações de paz e exercícios multinacional, em parte como uma expressão do desejo da Ucrânia de ser reconhecida como uma potência regional ativa.

A Marinha ucraniana é um ramo independente das forças armadas estando estruturalmente organizada em cinco áreas:

- Força de navios de superfície;
- Força de Submarinos;
- Aviação Naval;
- Força Ribeirinha;
- Tropas de artilharia de costa; e
- Infantaria naval (fuzileiros navais).

De acordo com o Ministério da Defesa da Ucrânia, à data da intervenção russa, serviam a Marinha ucraniana mais de 14.500 pessoas, maioritariamente na Crimeia. A Marinha ucraniana detinha 67 navios, sendo a frota ativa do país composta por uma única fragata, quatro corvetas, um submarino já obsoleto e diversos navios de transporte e apoio.

Na crise da Crimeia de 2014, a Rússia anexou Crimeia, onde estavam situadas a maioria das bases da Marinha ucraniana. Do total de 67 navios, 54 terão trocado suas bandeiras, voluntariamente ou não. Dos treze navios res-

¹⁸ Vice-Presidente da Academia Nacional Russa de Geopolítica.

tantes, apenas dois são navios capitais, o que demonstra que a Ucrânia não tem uma capacidade de força considerável na região. Dos mais de 14.500 militares, 12.000 fugiram para a Rússia ou desertaram do serviço militar.

Depois do Exército da Rússia ter ocupado a península do Mar Negro e anexado a Crimeia ao território russo, a Ucrânia perdeu a base Sebastopol, passando Odessa a ser a principal base naval ucraniana operacional.

As tropas russas tomaram também três navios de guerra ucranianos que estavam atracados no porto de Sevastopol. Os navios capturados foram as fragatas V-Class U-205 *Lutsk* e U-209 *Ternopil* e corveta F-Class U-208 *Khmeinytskyi* [9]. Pelo que, a Marinha Ucraniana passou apenas a contar com a fragata Hetman Sahaldachny e as corvetas U-155 Prydniprovyia (lançadora de mísseis) e o submarino U-206 Vinnytsia, o que é demonstrativo da reduzida capacidade de força que a Ucrânia detém.

A Ucrânia também perdeu o controle do seu principal paiol de munição da Marinha, fora Sevastopol, no vale de Inkermane, bem como das suas instalações de manutenção de helicópteros em Feodosia, a qual foi invadida por forças pró-russas, o seu pessoal preso, e seus equipamentos apreendidos.

Em 8 de abril de 2014 foi alcançado um acordo entre a Rússia e a Ucrânia para devolução dos navios capturados e para a retirada de um número não revelado de aeronaves ucranianas apreendidas na Crimeia. Tendo a Frota do Mar Negro começado em 11 de abril, a restituir à Marinha da Ucrânia os navios de sua força naval que estavam atracados na base de Sebastopol. A primeira embarcação entregue foi a lancha lança-mísseis Priluki. A devolução da embarcação aconteceu em águas internacionais.

No entanto a Rússia suspendeu a devolução dos meios da Marinha ucraniana da Crimeia para a Ucrânia porque esta não renovou em 1 de julho de 2014 o cessar-fogo declarado unilateralmente.

Após a anexação da Crimeia verificou-se a presença de insurgentes em Donetsk e Luhaskoblats exigindo também a independência do resto da Ucrânia. Algumas forças da guarda costeira que estavam estacionadas na Crimeia foram movimentadas para Mariupol onde retomaram a patrulha da fronteira marítima. Os Insurgentes russos estiveram especialmente ativos no Mar de Azov o que forçou a guarda costeira a combater. Para esse propósito, de combater a insurgência russa, participaram unidades especiais da Marinha. Em 31 de agosto de 2014 um navio da Marinha ucraniana foi atacado no Mar Azov por separatistas com artilharia terrestre.

Aviação Naval da Guerra da Ucrânia

Durante a Guerra Fria, a União Soviética tinha um conjunto significativo de meios aéreos pertencentes à aviação naval baseados na Ucrânia. Estas forças tinham como missão apoiar a Frota do Mar Negro e incluíam a *2ª Guards Maritime Missile Aviation Division*, com três regimentos de ataque marítimo com Tu-22M2s, e o *30º independent Maritime Reconnaissance Aviation Regiment* de Tu-22PS.

No segundo semestre de 1997, quando a Ucrânia e Rússia finalmente acordaram a divisão da frota Negro, a Ucrânia recebeu 12 aviões e 30 helicópteros, incluindo Su-33s e alguns Su-25UTG.

Durante a ocupação russa da Crimeia, em 5 de março p.p., a aviação naval ucraniana deslocalizou alguns dos seus aviões e helicópteros da base aérea de Novofedorivka para as bases na Ucrânia. Isto incluiu um Kamov Ka-27PL e três helicópteros navais Mil Mi-14pl, um Beriev Be-12 anfíbio e dois Antonov An-26 de transportes. Contudo uma dúzia de aviões e helicópteros, que se encontravam em manutenção, foram deixados para trás (Ripley, 2014).

A sustentabilidade a longo prazo dos helicópteros sobreviventes da Marinha ucraniana é incerta uma vez que a administração pró-russa da Crimeia nacionalizou todas as empresas estatais, incluindo a *Sevastopol Aviation Enterprise*, que detinha o contrato de longo prazo para a manutenção e revisão dos helicópteros (Ripley, 2014).

d. Força Aérea

À semelhança do que acontece nos outros ramos das forças armadas ucranianas, a herança da União Soviética é bem visível na Força Aérea daquele país.

As Forças Aéreas das Forças Armadas da Ucrânia (nome formal), com quartel-general em Vinnitsa, contam com cerca de 45.240 militares no ativo (Military Balance, 2012) e múltiplos sistemas de armas, o que lhes confere distintas capacidades no domínio operacional. Estas derivam essencialmente de cinco tipologias de missão na forma como estão claramente identificadas pela Força Aérea da Ucrânia (nome genérico): bombardeiros, ataque, caça, transporte e reconhecimento.

Em termos de Comando e Controlo das operações aéreas, o território da Ucrânia está dividido em três Comandos Aéreos, cada um deles dispendo de bases aéreas, de acordo com as figuras 68 e 69:

- Oeste, em Lviv, com uma brigada de Su-24 e outra de Mig-29;

- Centro, em Vasilkiv, com uma brigada de Su-27, outra de Mig-29 e uma esquadra adicional de SU-27;
- Sul em Odessa, com uma brigada de Su-25 e outra de Mig-29. Para além destes comandos, existia ainda o Grupo Tático da Crimeia, o qual não tinha forças atribuídas em permanência mas que podia ser reforçado por forças dos demais comandos.

Aquando da tomada da Crimeia pela Rússia, cerca de 45 aviões, incluindo MIG-29 e L-39, foram capturados pelas forças russas, tendo entretanto os dois países chegado a acordo para a sua devolução à Ucrânia, num número não revelado daquelas aeronaves.



Figura 68 – Comandos Aéreos

Fonte: (Military Periscope, 2014).

Ukraine: Main land and air force dispositions



Figura 69 – Bases Aéreas da Ucrânia

Fonte: (IISS, 2014).

Cada um dos comandos aéreo tem na sua orgânica uma estrutura de brigadas, 16 no total, e estas dividem-se em grupos. O inventário de sistemas de armas é bastante diversificado, como se pode verificar através da análise da Tabela I, na qual se encontram agrupados por tipologia de missão.

Tabela 1 – Sistemas de Armas

JUN09	SEP10	JAN12	APR13	AIRCRAFT
Fighters/Ground attack				
80	80	140+	140+	MiG-29 Fulcrum-A/C fighters (16 in storage)
N/A	N/A	120	120	MiG-23 Flogger
		60	60	MiG-25
36	36	50+	50+	Su-27 Flanker air defense
36	36	30	30	Su-24 Fencer D strike
36	36	35	35	Su-25 Frogfoot-A CAS
Reconnaissance				
23	23	23	23	Su-24MR Fencer-E
Electronic Warfare				
N/A	N/A	140+	140+	Su-24MP Fencer-F

JUN09	SEP10	JAN12	APR13	AIRCRAFT
				Transports
20	20	160	160	Il-76 Candid
3	3	3	3	An-24 Coke
21	21	21	21	An-26 Curl
3	3	3	3	An-30 Clank
			0+	An-70 Antonov (6-8 on order)
2	2	2	2	Tu-134 Crusty
				Training
39	39	39	39	L-39C Albatros (Czech Republic)
				Helicopters
3	3	3	3	Mi-2 Hoplite transport
31	31	31	#	Mi-8 Hip transport
4	4	4	N/A	Mi-9 Hip-G
			24	Mi-24 Hind
			8	Mi-26 Halo
				MISSILES
				Air-to-Air
#	#	#	#	AA-7 Apex (Russian K-23)
#	#	#	#	AA-8 Aphid (Russian K-60)
#	#	#	#	AA-9 Amos (Russian K-100)
#	#	#	#	AA-10 Alamo (Russian R-27)
				Air-to-Surface
#	#	#	#	AS-9 Kyle (Russian Kh-28)
#	#	#	#	AS-10 Karen (Russian Kh-25)
#	#	#	#	AS-11 Kilter (Russian Kh-58)
#	#	#	#	AS-12 Kegler (Russian Kh-25MP)
#	#	#	#	AS-13 Kingpost (Russian Kh-59)
#	#	#	N/A	AS-14 Kedge (Russian Kh-29)
#	#	#	N/A	AS-15 Kent (Russian Kh-5)
				Surface-to-Air
#	#	#	#	SA-2 Guideline (Russian S-75 Dvina)
#	#	#	#	SA-3 Goa (Russian S-125 Neva)
#	#	#	#	SA-5 Gammon (Russian S-200) fixed position

JUN09	SEP10	JAN12	APR13	AIRCRAFT
#	#	#	N/A	SA-6 Gainful (Russian 2K12 Kub)
#	#	#	#	SA-10 Grumble (Russian S-300P)(SP)
#	#	#	#	SA-11 Gadfly (Russian 9K37 Buk-1M)
#	#	#	#	SA-12a Gladiator (Russian S300V Antei)

Fonte: (Military Periscope, 2014).

Para além da dificuldade em obter informação atualizada sobre a prontidão dos sistemas de armas, especialmente das frotas de aeronaves, as diversas fontes abertas apresentam diferenças entre si¹⁹. Adicionalmente, é sabido que desde que a crise teve início, para colmatar as perdas sofridas quer nos ataques dos separatistas a aeronaves no solo, quer devidas a sistemas de defesa aérea empregues por aqueles grupos armados, a Força Aérea da Ucrânia recolocou ao serviço 68 aeronaves, principalmente caças Mig-29 e Su-27, e aviões de combate SU-24M e Su-25; no entanto, estas não são contabilizadas por não ser claro em que medida contribuíram para os números totais. Assim, maioritariamente, os números apresentados reportam-se ao período antes da crise.

Presentemente, apenas parte dos sistemas de defesa aérea e algumas unidades de apoio ao combate podem ser consideradas em elevado nível de prontidão. Os transportes aéreos são igualmente mantidos num elevado nível de prontidão, mas nem sempre estarão disponíveis face à sua utilização no destacamento de forças para o Afeganistão e para o Iraque.

Todas as fontes são unânimes em apontar números que se traduzem numa baixa prontidão, facto que não é de estranhar se for tida em conta a origem dos sistemas e as dificuldades económicas que o país atravessa. Deste modo, apontar com exatidão a real dimensão das capacidades da Força Aérea da Ucrânia careceria sempre de fundamentação, sendo no entanto legítimo concluir que foram fortemente afetadas pelos fatores apontados anteriormente, bem como pelas sanções impostas pela Rússia.

Nas operações já efetuadas e em curso, os sistemas de armas disponíveis têm sido usados essencialmente para providenciar apoio aéreo próximo às forças no terreno, bem como transporte de tropas e apoio logístico, com helicópteros ou aviões e ainda, missões de vigilância e reconhecimento.

Para além das aeronaves, a Força Aérea da Ucrânia, possui um diversificado arsenal de mísseis terra-ar, embora em números desconhecidos. A

¹⁹ Para outras fontes sobre os sistemas de armas em serviço na Força Aérea da Ucrânia, ver *World Air Forces 2013 (Flight Global Insight, 2013)* e *AIR FORCE, Ukraine (Jane's, 2014)*.

importância destes sistemas na defesa aérea do território ucraniano remete para a doutrina de emprego anterior à independência da Ucrânia.

Embora estes sistemas sejam muito eficazes a negar a utilização do espaço aéreo por parte de um eventual agressor externo, e sejam completamente inúteis quando o adversário não possui vetores aéreos, não deixam de causar apreensão adicional para as forças governamentais, caso sejam capturados pelos grupos separatistas. A concretizar-se essa preocupação, tal facto imporia ainda maiores limitações à liberdade de ação do poder aéreo ucraniano.

As forças governamentais têm visto o seu domínio do ar ser contestado pelas forças separatistas, o que afeta a sua liberdade de ação na execução das operações aéreas. Como consequência, algumas aeronaves das forças militares do governo já foram abatidas em voo.

Embora também neste domínio as informações possam ser contraditórias, algumas foram confirmadas pelas entidades oficiais da Ucrânia. Assim, neste registo encontram-se já dois MI-8 e dois MI-24, helicópteros orgânicos do Exército da Ucrânia, um avião de reconhecimento An-30, um de transporte An-26 e outro também de transporte Il-76. Para além destes, as forças separatistas reivindicam ainda o abate de quatro aviões de ataque ao solo Su-25 e de um caça Mig-29 (Luhn, 2014).

Especialmente grave pelos efeitos que daí resultaram foi o abate do voo *Malaysia Airlines* MH17 pelas forças separatistas, no dia 17 de julho. Muito provavelmente terá sido utilizado um míssil SA-11, tendo morrido todas as 298 pessoas que seguiam a bordo do avião (Christian Science Monitor, 2014).

Para além da baixa prontidão das suas frotas, da ausência de sistemas de armas modernos, da ausência de doutrina operacional adequada, e do treino minimalista das tripulações, o emprego de *Man-portable Air Defense System* (MANPADS) pelos separatistas tem sido a maior ameaça ao normal desenrolar da atividade aérea governamental ao tráfego aéreo civil. Estes sistemas são responsáveis pelo abate da quase totalidade das aeronaves destruídas.

Dada a dificuldade já observada noutros conflitos em identificar, rastrear e controlar a proliferação de MANPADS, é de esperar que decorra algum tempo antes que a Força Aérea da Ucrânia consiga ajustar as suas táticas e procedimentos a esta ameaça colocada pelos separatistas.

CONCLUSÕES

a. Significado geopolítico

A posição geográfica da Ucrânia, situada entre dois polos do poder mundial, é crítica para o domínio do supercontinente eurasiático, ao ponto de lhe merecer o qualificativo de pivô geopolítico por Brzezinski (1997). O que se destaca deste estudo é que o país tem potencialidades para se afirmar como uma média potência, mas que tem sido incapaz de assegurar a sua independência e integridade territorial, especialmente pelas suas ligações tradicionais ao mundo russo e à falta de estabilização da fronteira leste do mundo euro-atlântico. Mais uma vez na sua história, os dois polos do poder se confrontam tentando fazer pender um país para o seu lado. EUA e Rússia disputam aliados taco-a-taco e tentam ajustar-se num cenário mundial marcado pela emergência da China como potência mundial e de outros países como potências regionais, como o Irão, a Índia, e Brasil. As potências europeias ocidentais gostariam de continuar o *status quo* com a Rússia, para poderem usufruir das trocas de tecnologia por energia que tem caracterizado o comércio entre os dois espaços nas duas últimas décadas. Porém, a anexação da Crimeia obrigou-as a imporem sanções à Rússia e apoiarem as iniciativas da OTAN para reforçar o dispositivo a leste e a assegurar a proteção dos Estados bálticos e da Polónia, principais alvos da retórica russa.

A Ucrânia, face aos fatores de ordem geográfica, tem um papel relevante nas linhas de comunicação europeias, que deriva do seu posicionamento no setor leste da Europa. Os diversos corredores de transporte permitem perceber a importância da Ucrânia na ligação da Ásia com a Europa Ocidental. Por outro lado, é através da Ucrânia que a Rússia exporta a maior parte da sua energia com as consequências económicas que daí advêm.

Essencialmente, a Ucrânia é considerada um país em transição, desde a sua independência, quer em termos políticos, quer em termos socio-culturais. Pode discernir-se, no entanto, uma evolução genérica para a abertura. No processo de transição para a independência e, principalmente, após a formalização desta, no final de 1991, a sociedade ucraniana conheceu desenvolvimentos positivos. Os *media* tornaram-se muito mais abertos e dinâmicos, embora aqueles mais críticos em relação à administração fossem alvo de pressão, bem evidente durante a presidência de Kuchma (1994-2005). Os constrangimentos à liberdade intelectual e académica deixaram de se

fazer sentir, daí resultando o surgimento de um vasto leque de publicações; ao mesmo tempo começaram a surgir escolas de artes e de negócios. Houve também substanciais desenvolvimentos na vida religiosa, à medida que as Igrejas Ortodoxa e Católica Ucrânicas tiveram liberdade de culto. Mais ainda, a Ucrânia conta agora com uma nova geração que cresceu sem conhecer as restrições ideológicas e intelectuais da época soviética, mas que se vê a braços com pesadas heranças desse tempo.

O desempenho económico da Ucrânia recém-independente foi muito fraco, contrastando com os esforços relativamente bem-sucedidos nos campos do *state building* e da diplomacia. A observação da clivagem social que resultou da “terapia de choque” aplicada na Rússia, na mesma altura, dissuadiu o governo ucraniano de tomar medidas para uma mudança rápida. Em vez de um procedimento análogo, a Ucrânia optou por uma aproximação gradual a uma economia mista. Seguiu-se o declínio económico, dado que a indústria ucraniana estava já a sofrer pela interrupção dos fluxos comerciais entre as ex-repúblicas soviéticas. A grande dependência ucraniana da Rússia de combustíveis fósseis também não ajudou, dado que esta última tratou de retirar privilégios à Ucrânia e elevar os preços ao nível dos mercados internacionais. Como não foi implementada uma política monetária sólida, a Ucrânia não tardou a sofrer uma hiperinflação, que atingiu o nível de, pelo menos, 4,735% em 1993. Ao mesmo tempo, a corrupção aumentava à medida que políticos se apropriavam de bens do Estado para si próprios e desviavam os subsídios destinados à agricultura e à indústria.

A Ucrânia independente foi também palco do surgimento de novos problemas sociais. O crime de rua e o crime organizado aumentaram e a Ucrânia tornou-se espaço de passagem do tráfico de estupefacientes. Assistiu-se a um aumento significativo de infetados com HIV, ao mesmo tempo que cresceu o número de consumidores. Uma outra nova preocupação foi o tráfico sexual de mulheres ucranianas. A Ucrânia foi a primeira das ex-repúblicas soviéticas a albergar um escritório da “*La Strada*”, uma ONG dedicada ao combate ao tráfico humano. A esperança média de vida desceu, especialmente na população masculina, e regressaram doenças consideradas erradicadas havia muito (como a cólera). Muitas pessoas, especialmente os idosos, viviam na pobreza, ao mesmo tempo que muitos procuravam emigrar, legal e ilegalmente.

A Ucrânia vive a braços com uma democracia ainda incipiente, com um tecido social complexo, que não é suficientemente diferenciado dos que o rodeiam (com grande destaque para as semelhanças com a Rússia) e com uma economia pouco competitiva ou atraente, que acarreta problemas

relacionados com o fluxo de emigrantes, tráfico de materiais ilegais e crime organizado.

Dois terços da população ucraniana vivem em áreas urbanas, sendo que três cidades têm mais de um milhão de habitantes (Kiev, Kharkiv e Odessa). A Ucrânia vive uma crise demográfica acentuada, notória desde a independência, mas mais acentuada, com crescimento populacional negativo, a partir de 1997. Este crescimento negativo deve-se mais à redução da taxa de natalidade do que a outros fatores, entre eles a emigração.

Apesar das generalizações construírem, principalmente em territórios vastos, aproximações grosseiras, é geralmente aceite a existência, dentro das fronteiras legais do Estado ucraniano, de duas entidades com características antagônicas com relevância para a presente crise: no oeste e no norte concentram-se os ucrano-falantes (ucranófonos), ao passo que no sul e no leste se situa a maioria de russo-falantes (russófonos). Esta divisão é, frequentemente, artificial, uma vez que assenta no idioma falado no dia-a-dia (associado ao contexto de trabalho), que pode não corresponder à origem geográfica do indivíduo ou da família (considerando toda a Ucrânia e a Rússia).

A única região administrativa em que os russos são verdadeiramente, uma maioria em relação a qualquer outro grupo é a Crimeia. Há, no entanto, no Leste, uma quantidade significativa de municípios de maioria russa, inseridos em regiões administrativas mais vastas, estas de maioria ucraniana.

b. Fatores de coesão e dissociação

Um olhar sobre a emigração revela um paradoxo: as regiões industrializadas do sul e do leste apresentam uma taxa mais elevada do que as do ocidente e norte, especialmente no que respeita a emigrantes não sazonais (que não regressam anualmente). A principal razão reside na disparidade na distribuição de riqueza, uma vez que as cinturas industriais do leste ucraniano são controladas por uma minoria de magnatas, entre os quais figura uma quantidade significativa de russos. O sul e o leste também apresentam maiores taxas de mortalidade e taxas de natalidade mais baixas, existindo uma relação com os maiores níveis de poluição e menores condições de vida.

As designações “ucranófilo” e “russófilo” pretendem referir-se a diferentes origens étnicas (na realidade, a etnia em causa é só uma, a eslava). No entanto, a agregação de um número significativo dos habitantes da Ucrânia a qualquer das etnias resulta mais de uma escolha circunstancial do que a uma verdadeira pertença étnica. Numa outra dimensão, as designações

“ucranófono” e “russófono” referem-se ao idioma de conveniência, ou seja, do dia-a-dia. Nem sempre um ucranófono se considera ucranófilo e vice-versa. Daqui se obtém que os argumentos étnicos e linguísticos são relativos ao ponto de, mais do que noutras regiões do globo em que este tipo de distinção é mais nítida, na Ucrânia constituírem argumentos de conveniência.

As condições enunciadas são utilizadas por cada uma das duas entidades políticas, russa e ucraniana, adaptando e construindo o discurso em proveito próprio, o que acarreta algumas consequências: (i) no plano interno, os “rótulos” de ucranófono e russófono confundem-se com os de ucranófilo e russófilo, permitindo, em boa medida, a existência de uma escolha deliberada por parte das famílias. Este aspeto é particularmente evidente entre as famílias com ascendência ucraniana que residem na bacia do Don. Também significa que, numa situação de conflito, a condição de russófilo/ucranófilo não se encontra ligada à origem étnica, mas sim à facção pela qual cada indivíduo pega em armas; (ii) no plano externo, cada uma das entidades políticas, Kiev e Moscovo, utilizam frequentemente argumentos linguísticos, criando a ilusão de se tratar de argumentos étnicos, convertendo números reais naqueles que mais lhes convêm.

Apesar do que foi dito, não podem ser ignorados nem os espaços da Ucrânia atual que sempre estiveram mais “próximos” de Moscovo, nem a presença no território ucraniano de uma minoria muito significativa de russos provenientes da verdadeira Rússia ou descendentes em primeiro grau de populações daí provenientes, deslocadas no tempo da União Soviética.

c. Potencialidades

Os fatores geográficos são vistos como sendo os aspetos que marcam a relevância dos pivôs geopolíticos e, por inerência da catalogação apresentada, da Ucrânia. A sua localização e características físicas podem ter um importante papel no acesso a determinadas áreas ou na negação de recursos a atores de maior relevância no contexto geopolítico; na materialização de uma barreira defensiva para alguns Estados; no significado que tem, em termos políticos e culturais, para Estados vizinhos mais ativos.

Neste quadro, o principal destaque geopolítico da Ucrânia centra-se na relevância que tem enquanto Estado independente por, neste papel, ser fundamental para o enquadramento geográfico da Rússia. É a Ucrânia que pode dar à Rússia a sua característica, em termos geográficos, de país euroasiático. Sem uma ascendência sobre a Ucrânia a Rússia passa a ser iminentemente um Estado de orientação asiática, o que não impedirá as suas históricas ambições imperiais. Neste caso a Ásia Central passaria a

ser o palco das ambições russas, espaço onde teria um outro ator geoestratégico do tabuleiro euroasiático a tentar materializar os seus interesses nacionais, a China.

A principal potencialidade do território ucraniano, em termos geopolíticos, parece então centrar-se no importante papel que desempenha face às ambições russas de continuar a lutar por ser uma potência intercontinental, com tudo o que tal característica geográfica lhe poderá trazer ao nível dos outros fatores geopolíticos. Outros aspetos tornam a localização ucraniana relevante em termos estratégicos, dos quais se destaca a dominância que o seu território tem sobre o Mar Negro, extensão natural das ambições dos Estados ribeirinhos.

Um outro aspeto de ordem física que torna a Ucrânia um Estado relevante em termos geoestratégicos é a cadeia montanhosa dos Cárpatos que atravessa território ucraniano no seu setor mais ocidental. Segundo Friedman (2009), a referida cadeia montanhosa foi durante muito tempo o principal ponto de amarração geográfica da defesa Russa no setor centro-sul do corredor de ligação da Europa ocidental às fronteiras russas. Aquele importante acidente geográfico reduzia assim o espaço sem qualquer relevante ancoragem geográfica em termos de defesa das fronteiras russas, à zona norte e em particular ao espaço polaco. Segundo o mesmo autor, a principal vulnerabilidade russa são as suas fronteiras, principalmente as ocidentais. Neste particular a perda de controlo sobre a Ucrânia – por exemplo materializada por uma adesão à OTAN - deixaria a Rússia com uma indefensável frente de fronteira, uma vez que em termos geográficos, para além dos Cárpatos não existe nenhuma barreira natural que potencie as ações de defesa.

Face às limitações geográficas existentes para a defesa da sua fronteira mais ocidental, resta à Rússia, em termos espaciais, garantir a máxima profundidade estratégica, protegendo desta forma Moscovo, que geograficamente se localiza a pouco mais de 450 Km da fronteira com a Rússia.

A enorme dimensão territorial da Ucrânia e a sua enorme ligação ao Mar Negro apresentam-se como as grandes potencialidades da Ucrânia. O primeiro porque é praticamente obrigatória a passagem de grande parte do comércio terrestre no sentido este-oeste, e vice-versa, pelo território ucraniano, com todas as vantagens e relevância que advêm de tal facto geográfico. O segundo, em linha com a argumentação apresentada para justificar a relevância em termos de potencial estratégico dos portos ucranianos, centra-se na ligação com o Mar Negro. Efetivamente esta é uma inegável potencialidade geopolítica da Ucrânia.

Neste particular merece um destaque especial a linha de costa que a Ucrânia tem no Mar Negro, o que lhe permite através dos seus portos, com grande destaque para o de Odessa, ganhar uma enorme relevância geoestratégica em termos de linhas de comunicações. Aliás, diversos corredores de transporte europeus que atravessam território ucraniano partem precisamente do porto de Odessa, seja em direção ao Mar Báltico (via Polónia, via países bálticos ou via Rússia para a Finlândia) ou para sul até território grego.

d. Vulnerabilidades

Vistas as principais potencialidades e relevância do espaço ucraniano em termos geopolíticos, importa agora perceber qual a sua principal vulnerabilidade, que uma vez mais se centra na sua localização. A localização da Ucrânia em termos regionais aporta-lhe alguma vulnerabilidade, principalmente porque tem com seu vizinho o Estado russo. O que, face à enorme desproporcionalidade de potencial em várias dimensões, torna o seu território altamente vulnerável às putativas ambições imperiais russas.

Neste particular importa recordar uma ideia do Comandante Virgílio de Carvalho que no seu livro a Nova Era refere que a “geografia surge como um fator gerador de oportunidades, de preocupações, que impõe desafios e vizinhos, propõe aliados e antagonistas e oferece mais ou menos recursos e maiores ou menores facilidades de comunicações, exercendo sobre os Estados uma influência determinante no seu comportamento histórico”. No caso da Ucrânia é o geofator que em muito contribui para a sua latente vulnerabilidade, uma vez que é ele que lhe proporciona um vizinho com ambições e cumulativamente com maior potencial.

Na mesma linha, também é o fator geográfico que coloca a Ucrânia entre dois “mundos”, o que a torna alvo de disputa. Este facto é também um facto que torna a Ucrânia um Estado geograficamente apetecível e vulnerável às intenções e ações de outros atores de maior poder.

A enorme influência da Rússia na região poderá limitar a utilização do espaço ucraniano como plataforma de circulação de bens e produtos de e para a Europa. Neste particular o atual controlo da Crimeia pela Rússia poderá vir a limitar a utilização comercial dos portos ucranianos no Mar Negro, principalmente se a administração russa entender exercer qualquer tipo de ação que dificulte, limite ou impeça a utilização dos portos ucranianos no Mar Negro.

Em termos da circulação interna, a principal vulnerabilidade do sistema está essencialmente relacionada com a incapacidade de o Estado

ucraniano para manter em adequadas condições de funcionamento a rede de infraestruturas, que de uma forma significativa cobrem o território.

e. Cenários de Evolução

A crise da Ucrânia revelou duas características essenciais do atual contexto mundial. Em primeiro lugar, a ordem ocidental marcada pela política securitária americana e legalista europeia está a ser desafiada por outros atores. Na Europa, esse desafio é mais evidente na Ucrânia. Em segundo lugar, é evidente uma notória subalternidade do instrumento militar ocidental, face aos outros instrumentos para responder a esse desafio. São iniciativas económicas, diplomáticas e informacionais que ganham preponderância na resposta transatlântica. Nestas circunstâncias, são identificados quatro cenários básicos que aqui se enunciam. A escalpelização desses cenários e das suas consequências sai fora do escopo deste texto.

- Ucrânia Russa. Resultaria de uma ofensiva de larga escala conduzida por unidades militares convencionais que ocupariam Kiev e outras cidades chave. A Rússia tem essa capacidade e por diversas vezes tem veiculado essa hipótese. Cenário que indicaria um grave revés do poder ocidental. Para ocorrer, os russos de teriam de ter a anuência dos chineses e pelo menos a neutralidade das outras potências emergentes. A única vantagem que apresentariam em troca seria o fornecimento de energia. Julga-se que essa garantia não seria suficiente para obter o apoio necessário, uma vez que o que perderiam do mundo ocidental seria superior às ofertas russas.
- Ucrânia Transatlântica. Mediante a continuação das operações de baixa intensidade e a ocorrência de catalisadores ao jeito da tragédia do voo MH-17 da *Malaysia Airlines*, ou de uma agressão armada a um país báltico ou à Polónia, os países ocidentais resolveriam acolher a Ucrânia na OTAN e decidiriam um envolvimento direto de forças militares aliadas no território ucraniano. Não se afigura como provável, dada o carácter dissuasivo das armas nucleares russas, que tem afirmado repetidamente que essa é uma das missões do seu armamento nuclear: evitar o estacionamento de forças da OTAN junto das suas fronteiras. Outra das hipóteses de concretização deste cenário seria uma alteração radical do poder em Moscovo, ao estilo da Revolução *Euromaidan*.
- Ucrânia Ucraniana. A continuação das operações irregulares espalhadas por todo o país e divergências políticas em Kiev tornam impossível a sua administração. Na prática, assistir-se-ia à implosão do Estado ucraniano e à emergência de um Estado falhado à beira

da União Europeia. Cenário possível, mas representaria a falência completa do poder europeu, minado pelas disputas políticas de outros países de leste.

- Ucrânia Europeia. Reformas instituídas em Kiev, por troca de assistência financeira da UE e do FMI. Controle das reformas por delegados das instituições financeiras internacionais. Implementação do Acordo de Associação Económica com a UE e negociação de bastidores com a Rússia para aceitar essa condição. Contensão do conflito no Donbass e aceitação de facto, mas não de jure, da anexação da Crimeia, a troco da não adesão da Ucrânia à OTAN. Cenário de *status quo*. Instável, mas bastante provável.

f. Considerações Finais

Como vimos pelas reflexões anteriormente apresentadas, a relevância geográfica da Ucrânia tem impacto à escala global, razão pela qual a disputa pelo seu controlo se tem revelado muita mais intensa na cena internacional, face ao que se verificou noutras zonas do espaço pós-soviético.

A situação é complexa, mas face a outras agendas securitárias não se revela particularmente aguda. Assiste-se a uma interdependência de assuntos globais que podem ser discutidos e negociados entre os polos do poder. De Cuba à Coreia do Norte, passando pelo Médio Oriente. Apesar de toda a retórica, as potências mostram-se cuidadosas quanto às opções militares, pelo que se vislumbra uma evolução lenta da situação da Ucrânia, cuja decisão deverá aproximar pelo menos alguma parte do território ucraniano das instâncias europeias, senão transatlânticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adomanis, M., 2014. Forbes. [em linha]. Disponível em: <http://www.forbes.com/sites/markadomanis/2014/03/07/ukraines-demographics-doom-it-to-economic-decline/>. [acedido em 02 Julho 2014].
- Anon., 2014. *Cossacos: da Wikipedia, a enciclopédia livre*. [em linha]. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cossacos>. [acedido em dezembro de 2014].
- Anon., 2014a. *IHS Jane's*. [em linha]. Disponível em: <http://www.ihs.com/products/global-insight/country-analysis/advanced-forecasting.aspx>. [acedido em 27 de maio de 2014].
- Anon., 2014b. *Trading Economics*. [em linha]. Disponível em: <http://www.tradingeconomics.com/ukraine/unemployment-rate>. [acedido em 2 de julho de 2014].
- Anon., 2014c. *World Population Review*. [em linha]. Disponível em: <http://worldpopulationreview.com/countries/ukraine-population/>. [acedido em 2 de julho de 2014].
- Anon., 2014d. *Tatars: from Wikipedia, the free encyclopedia*. [em linha]. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Tatars#Contemporary_groups. [acedido em dezembro de 2014].
- Anon., 2014e. *Poroshenko Bloc to get 132 seats in parliament*. [em linha]. Disponível em: <http://en.interfax.com.ua/news/general/233426.html>. [acedido em 10 de novembro de 2014].
- Bennett, Andrew, 1999. *Condemned to Repetition? The Rise, Fall, and Reprise of Soviet-Russian Military Interventionism, 1973-1996*. Cambridge: MIT Press.
- Berzins, Janis, 2014. *Russia's new generation warfare in Ukraine*. [em linha]. Disponível em: <http://www.naa.mil.lv/~media/NAA/AZPC/Publikacijas/PP%2002-2014.ashx>. [acedido em julho de 2014].
- Brzezinski, Zbigniew, 1997. *The Grand Chessboard: American Primacy and Its Geostrategic Imperatives*. New York: Basic Books.
- Buzan, Barry e Wæver, Ole, 2003. *Regions and Powers: The Structure of International Security*. Cambridge: University Press.

- Christian Science Monitor, 2014. *Fighter jets shot down: How many planes has Ukraine lost?*. [em linha]. Disponível em: <http://www.csmonitor.com/layout/set/print/World/Europe/2014/0723/Fighter-jets-shot-down-How-many-planes-has-Ukraine-lost-video>. [acedido em 6 de outubro de 2014].
- CIA, 2014. *CIA: The World Factbook, Ukraine*. [em linha]. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/up.html>. [acedido em 2 de julho de 2014].
- Cohen, Ariel e Hamilton, Robert E., 2011. *The Russian military and the Georgia war: lessons and implications*. Carlisle: Strategic Studies Institute.
- Deloitte, 2012. *Infrastructure & PPP in Ukraine*. [em linha]. Disponível em: http://investukraine.com/wp-content/uploads/2012/06/Infrastructure-PPP_WWW.pdf. [acedido em 2 de outubro de 2014].
- D'Anieri, Paul J., 2007. *Understanding Ukrainian politics: power, politics, and institutional design*. New York: M.E. Sharpe.
- Dellinger, Dieter, 2014. *A crise russo-ucraniana*. [em linha]. Disponível em: <http://naval.blogs.sapo.pt/51370.html>. [acedido em dezembro 2014].
- Düvell, F., 2014. *TheCompasBlog*. [em linha]. Disponível em: <http://compasoxfordblog.co.uk/2014/03/the-crisis-in-ukraine-and-its-implications-for-migration-in-europe/>. [acedido em 13 de outubro de 2014].
- Ellicott, Karen, Gall, S. B. (2003). *Junior worldmark encyclopedia of physical geography*, volume 5.
- FATF, 2014. *Financial Action Task Force*. [em linha]. Disponível em: <http://www.fatf-gafi.org/countries/>. [acedido em 3 de julho de 2014].
- Fernández, Rodrigo, 2014. *A disputada frota do Mar Negro*. [em linha]. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/28/internacional/1393609386_913602.html. [acedido em dezembro 2014].
- Ferro, M., 2009. *O Ressentimento na História: compreender o nosso tempo*. Lisboa: Editorial Teorema.
- Flight Global Insight, 2013. *World Air Forces 2013*. Surrey: Flight Global Insight.
- Friedman, George, 2009. *The next 100 years – A forecast for the 21- century*. New York: Doubleday.
- Gall, Timothy L., 2004. *Worldmark Encyclopedia of the nations*, 11ª edição, volume V. London: Thomson Gale.

- Garton Ash, T., 2001. *História do Presente*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Gorchinskaya, Katya, 2014. *A Guide to Ukraine's Fighting Forces*. [em linha]. Disponível em: <http://www.kyivpost.com/content/ukraine/a-guide-to-ukraines-fighting-forces-355556.html>. [acedido em 14 de janeiro de 2015].
- Gonneau, P., 2014. *Crimée: une péninsule convoitée*. *L'Histoire*, nº399, Maio, pp. 8-16.
- Governo Ucrainiano, 2014. *All-Ukrainian population census*. [em linha]. Disponível em: <http://ukrcensus.gov.ua/>. [acedido em 28 de maio de 2014].
- Haran, O., 2013. *Ukraine: Pluralism by default, Revolution, Thermidor*, *Russian Social Science Review*, vol 54, no. 3, Maio-Junho.
- IESM, 2007. *Elementos de análise Geopolítica e Geoestratégica*. Lisboa: IESM.
- International Institute for Strategic Studies, 2014. *Ukraine: Main land and air force*.
- Dispositions*. [em linha]. Disponível em: <http://www.iiss.org/en/militarybalanceblog/blogsections/2014-3bea/march-f525/ukraine-graphic-c106>. [acedido em 13 de maio de 2014].
- Karaganov, Sergey, 2013. *The Map of the World: Geopolitics Stages a Comeback, Russia in Global Affairs*. [em linha]. Disponível em: <http://eng.globalaffairs.ru/pubcol/The-Map-of-the-World-Geopolitics-Stages-a-Comeback-15974>. [acedido em 30 de dezembro de 2014].
- Kates, Glenn, 2014. *Defense Minister: Kyiv's Least Secure Job, Radio Free Europe*. [em linha]. Disponível em: <http://www.rferl.org/content/ukraine-revolving-door-defense-ministers/26635213.html>. [acedido em 17 de outubro de 2014].
- Kramar, O., 2012. *The Ukrainian Week*. [em linha]. Disponível em: <http://ukrainianweek.com/Society/43071>. [acedido em 2 de julho de 2014].
- Krauthammer, Charles, 2002. *The Unipolar Moment Revisited*, *The National Interest*, volume 70, Winter 2002/03.
- Kubicek, P., 2008. *The History of Ukraine*. Westport: Greenwood Publishing Group.

- Kuzio, Taras, 1998. *Ukraine, State and Nation Building*. London: Routledge.
- _____, 2003. *Census: Ukraine more Ukrainian*. *Russia and Eurasia Review*, vol 3, issue 2, 4 February.
- _____, 2005. *Nation Building*. *Nationalities Papers*, Vol. 33, No. 1, March.
- _____, 2014. *Ukraine is heading for new parliamentary elections, but the country still lacks real political parties*. [em linha]. Disponível em: <http://blogs.lse.ac.uk/europpblog/2014/08/26/ukraine-is-heading-for-new-parliamentary-elections-but-the-country-still-lacks-real-political-parties/>. [acedido em 29 de outubro de 2014].
- La Strada, U., 2011. *LaStrada*. [em linha]. Disponível em: <http://www.brama.com/lastrada/about.html>. [acedido em 2 de julho de 2014].
- Luhn, A., 2014. *Bloodiest day in Ukraine conflict as rebel missiles bring down military jet*. *The Guardian*, [em linha] Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/2014/jun/14/ukraine-conflict-bloodiest-day-missiles-bring-down-military-jet>. [acedido em 3 de julho de 2014].
- Magocsi, P. R., 1996. *A History of Ukraine*. Toronto: University of Toronto Press.
- Marson, James, 2009. *Putin to the West: Hands off Ukraine*. [em linha]. Disponível em: <http://content.time.com/time/world/article/0,8599,1900838,00.html>. [acedido em 4 de janeiro de 2015].
- Maynovska, O., 2006. MPI, Migration Policy Institute. [em linha]. Disponível em: <http://www.migrationpolicy.org/article/caught-between-east-and-west-ukraine-struggles-its-migration-policy/>. [acedido em 28 de maio de 2014].
- McColi, R. W., 2005. *Encyclopedia of World Geography*. New York: Facts on file.
- McCoy, John F., 2003. *Geodata: World Geographical encyclopedia*, 3ª Edição. London: Thomson Gale.
- Military Periscope, 2013. *Nations/Alliances/Geographic Regions – Eurasian Republics – Ukraine, Air Force*. [em linha]. Disponível em: <https://www-militaryperiscope-com.ezproxy.members.marshallcenter.org/nations/eurasia/ukraine/airforce/index.html>. [acedido em 22 de maio de 2014].

- Nekhai, Oleg, 2014. *Frota russa do Mar Negro irá ter novos submarinos*. [em linha]. Disponível em: http://portuguese.ruvr.ru/2014_01_20/Frota-russa-do-Mar-Negro-ir-ter-novos-submarinos-4883/. [acedido em dezembro 2014].
- Norberg, Johan e Westerlund, Fredrik, 2014. *Russia and Ukraine: military-strategy options, and possible risks, for Moscow*. [em linha]. Disponível em: <http://www.foi.se/Global/V%C3%A5r%20kunskap/S%C3%A4kerhetspolitiska%20studier/Ryssland/Briefings/RUFS%20Briefing%20No.22.pdf>. [acedido em 22 de setembro de 2014].
- Oleinikova, O., 2013. *Beyond Two Decades of Social Transition in Ukraine: The Underestimated Power of Agency in Transition Research*. *Australian and New Zealand Journal of European Studies*, 15-16 fevereiro.
- O'Neill, Jim, 2001. *Building Better Global Economic BRICs*. *Global Economic Papers* No: 66. [em linha]. Disponível em: <http://www.goldmansachs.com/our-thinking/archive/archive-pdfs/build-better-brics.pdf> [acedido a 14 de janeiro de 2015].
- Popescu, Nicu, 2014. *Eurasian Union: The Real, the Imaginary and the Likely*, Chaillot Paper N° 132, September 2014. [em linha]. Disponível em: http://www.iss.europa.eu/uploads/media/CP_132.pdf. [acedido em 14 de janeiro de 2014].
- Putin, Vladimir, 2005. *Annual Address to the Federal Assembly of the Russian Federation*. [em linha]. Disponível em: http://archive.kremlin.ru/eng/text/speeches/2005/04/25/2031_type70029type82912_87086.shtml. [acedido em 30 de dezembro de 2014].
- Rapawy, Stephen, 1997. *Ethnic reidentification in Ukraine*. Washington D.C.: International Staff Paper No. 90.
- Ripley, Tim, 2014. *Ukrainian navy decimated by Russian move into Crimea*. IHS Jane's Defence Weekly. IHS Jane's. 25 March 2014.
- Shapovalova, Natalia, 2014. *The politics of regionalism and decentralization in Ukraine*, FRIDE Policy Brief N° 183, July 2014. [em linha]. Disponível em: http://fride.org/download/PB_183_The_politics_of_regionalism_and_decentralisation_in_Ukraine.pdf. [acedido em 11 de novembro de 2014].
- Shuster, Simon, 2014. *Ukraine's 'Kamikaze' Cabinet Makes Way For Presidential Vote*, Time, [em linha]. Disponível em: <http://time.com/>

111152/ukraine-presidential-vote/. [acedido em 29 de outubro de 2014].

Siletsky, Igor, 2014. *Frota do Mar Negro assinala dois séculos de existência*. [em linha]. Disponível em: http://portuguese.ruvr.ru/2014_05_13/Esquadra-do-Mar-Negro-assinala-dois-s-culos-de-exist-ncia-8917/. [acedido em dezembro 2014].

Sindelar, Daisy, 2014. *Who's Who In Ukraine's 'Kamikaze' Cabinet*, Radio Free Europe. [em linha]. Disponível em: <http://www.rferl.org/content/ukraine-whos-who-cabinet/25279592.html>. [acedido em 17 de outubro de 2014].

Stebelsky, I., abril de 2014. *Ukraine*. [em linha]. Disponível em: <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/612921/Ukraine/30077/Ukraine-in-the-interwar-period>.

Sutyagin, Igor e Clarke, Michael, 2014. *Ukraine military dispositions: the military ticks upwhile the clock ticks down*. [em linha]. Disponível em: https://www.rusi.org/downloads/assets/UKRANIANMILITARYDISPOSITIONS_RUSIBRIEFING.pdf.

Tregub, Olena, 2014. *What Went Wrong With EuroMaidan Reformers?*, Kiev Post. [em linha]. Disponível em: <http://www.kyivpost.com/content/ukraine/what-went-wrong-with-euromaidan-reformers-368299.html>. [acedido em 17 de outubro de 2014].

Vishnevsky, A. *et al.*, 2014. *Demoscope Weekly*. [em linha]. Disponível em: <http://www.demoscope.ru/weekly/proekt.php>. [acedido em 28 de maio de 2014].